

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA

MOISÉS BRASIL MACIEL

**PROTESTANTISMO BRASILEIRO:
A ÁRVORE, A TEOLOGIA E O MOSAICO**

Prof. Irineu José Rabuske

Orientador

Porto Alegre
2016

MOISÉS BRASIL MACIEL

**PROTESTANTISMO BRASILEIRO:
A ÁRVORE, A TEOLOGIA E O MOSAICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação, da Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Irineu José Rabuske

Porto Alegre
2016

Ficha Catalográfica

M152p Maciel, Moisés Brasil

Protestantismo Brasileiro : a árvore, a teologia e o mosaico /
Moisés Brasil Maciel . – 2016.

120 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em
Teologia, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Irineu José Rabuske.

1. Protestantismo Brasileiro. 2. História. 3. Teologia. 4. Árvore
Genealógica. I. Rabuske, Irineu José. II. Título.

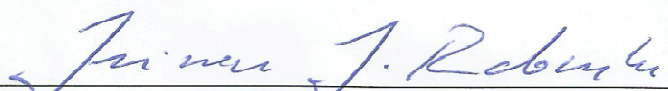
MOISÉS BRASIL MACIEL

PROTESTANTISMO BRASILEIRO: A ÁRVORE, A TEOLOGIA E O MOSAICO

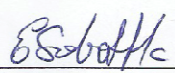
Dissertação apresentada à Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Aprovado em 17 de agosto de 2016, pela Banca Examinadora.

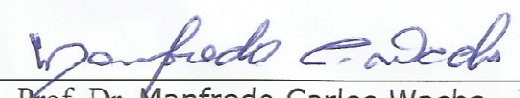
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Irineu José Rabuske – (PPGTeo/PUCRS)
(Orientador)



Prof. Dr. Emil Albert Sobottka – (PPGTeo/PUCRS)



Prof. Dr. Manoel Carlos Wachs – ISEI

Porto Alegre
2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, Aquele que pela sua inexplicável graça e insondáveis propósitos, permitiu a mim avançar alguns passos a mais no caminho do conhecimento.

Agradeço também a minha amada esposa Dila, minha amiga e eterna namorada, minha maior motivadora que, a cada instante de minha vida, tem sido uma verdadeira ferramenta divina para que não viesse eu a desistir.

Sou grato a toda família *Cristo é a Vida*, a amada e singular congregação que de maneira direta e indireta financiou toda esta jornada.

Ainda agradeço ao professor Irineu Rabuske pela pontual orientação, ao professor Emil Sobottka pelas preciosas informações e a todos os demais professores do PPG de Teologia da PUC-RS, pela paixão pelo conhecimento.

Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo (Rm 5.1 ARC).

RESUMO

Esta dissertação aborda três aspectos do protestantismo brasileiro: a *árvore genealógica*, a *teologia* e o *mosaico*. Na *árvore genealógica*, o período antes da Reforma dá partida ao trabalho, segue pela Reforma, chega ao continente americano através da colonização dos Estados Unidos, até oficialmente chegar ao Brasil no ano de 1822. Logo, pelas vias de missões e imigrações, caminha até os dias atuais com o surgimento das principais denominações protestantes do Brasil. Na *teologia*, são tratados os sistemas teológicos operantes no Brasil, aqueles que de maneira sistemática mantêm a sua teologia e o neopentecostalismo, que começa a desenhar uma teologia própria. A dissertação se encerra com o *mosaico* do protestantismo brasileiro, que estabelece alguns pontos comuns nas diversas denominações, mesmo com o passar do tempo, ainda mantém vestígios da Reforma protestante.

Palavras-chave: Protestantismo brasileiro; História; Teologia; Árvore genealógica.

ABSTRACT

This dissertation contemplates three aspects of Brazilian Protestantism: *Genealogic Tree*, *Theology* and the *Mosaic*. In *Genealogy Tree*, the work starts the period before the Reform, follows the Reform, comes to American continent through the colonization of the United States to officially reach Brazil in 1822. Soon after, by the way of missions and immigrations, it walks up to the current days with the appearance of the main Protestant denominations in Brazil. In *Theology*, the most important theologycal systems in Brazil are studied, specially the ones which systematically keep their theology and neopetencostalism which begins to draw his own theology. The dissertation concludes with the *Mosaic* of Brazilian Protestantism establishing some common points in various denominations, even with the passage of time, still retains traces of the Protestant Reform.

Key words: Brazilian Protestantism History, Theology, genealogic tree.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. A ÁRVORE GENEALÓGICA DO PROTESTANTISMO BRASILEIRO	14
1.1 DEFININDO A ESPÉCIE: PROTESTANTES E/OU EVANGÉLICOS	17
1.2 AS RAÍZES DO PROTESTANTISMO.....	19
1.3 REFORMA: O TRONCO.....	24
1.4 AVIVAMENTOS: A SEIVA	29
1.4.1 O “Grande avivamento”.....	30
1.4.2 “Rua Azuza”	33
1.5 A VINDA PARA O BRASIL: OS RAMOS	35
1.5.1 Os Anglicanos (1822).....	37
1.5.2 Os Luteranos (1824)	37
1.5.3 Os Metodistas (1836)	38
1.5.4 Os Congregacionais ou Congregacionalistas (1855)	39
1.5.5 Os Presbiterianos (1859)	39
1.5.6 Os Batistas (1861).....	40
1.5.7 Os Pentecostais (1910).....	42
Congregação Cristã no Brasil (1910) – CCB	43
Igreja Evangélica Assembléia de Deus (1911) – AD.....	43
Igreja do Evangelho Quadrangular (1951) – IEQ.....	45
Igreja do Nazareno (1958) – IN.....	45
1.6 NASCIDOS NO BRASIL: OS PRIMEIROS FRUTOS	47
Figura 1 – Igrejas e novas igrejas	48
1.6.1 Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (1903) – IPIB	49
1.6.2 Igreja de Cristo no Brasil (1953) – ICB.....	49
1.6.3 Igreja Evangélica Assembléia de Deus de Madureira (1953) – ADM.....	50

1.6.4 Igreja Evangélica Pentecostal o Brasil Para Cristo (1956) - IEPBC	50
1.6.5 Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962) – IPDA	51
1.6.6 Igreja Nova Vida (1967-1968) – IVN	51
1.6.7 Igreja Metodista Wesleyana (1967) – IMW	52
1.6.8 Igreja Cristã Maranata (1968) – ICM.....	52
1.6.9 As Comunidades Evangélicas (1969 – 1970) – CE.....	52
1.6.10 Igreja Presbiteriana Renovada (1973) – IPR.....	54
1.7 NEOPENTECOSTAIS: NOVAS SEMENTES	56
1.7.1 Igreja Universal do Reino de Deus (1977) – IURD.....	57
1.7.2 Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) – IIGD	57
1.7.3 Igreja Apostólica Renascer em Cristo (1986) – IARC	58
1.7.4 Comunidade Evangélica Sara a Nossa Terra (1992) – CESNT.....	58
1.7.5 Igreja Mundial do Poder de Deus (1998) – IMPD.....	59
1.7.6 Bola de Neve Church (1999) – BNC	59
1.7.7 Neopentecostalização	60
1.8 IGREJA EMERGENTE: TRANSGÊNICOS?.....	61
1.9 TRÂNSITO INTERDENOMINACIONAL	63
1.10 <i>DESIGREJADOS</i> : UM FRUTO QUE NÃO VINGOU?	63
1.11 QUADRO ATUAL	65
1.11 A ÁRVORE DO PROTESTANTISMO.....	66
Quadro 2 – As sementes do protestantismo	66
Quadro 3 – O tronco – A Reforma	67
Quadro – A seiva	68
Quadro 5 – Os ramos – a vinda para o Brasil	68
Quadro 6 – Os frutos.....	69
Quadro 7 – Neopentecostais – Novas sementes	70
Quadro 8 – Neopentecostais e Neopentecostalização	71

2. A TEOLOGIA DO PROTESTANTISMO BRASILEIRO	72
2.1 SISTEMAS TEOLÓGICOS OPERANTES NO BRASIL	77
2.1.1 Anglicanismo	78
2.1.2 Luteranismo	78
2.1.3 Calvinismo	80
2.1.4 Pentecostalismo	81
2.1.5 Liberalismo	86
2.1.6 Neopentecostalismo	88
2.2 QUADRO INFORMATIVO.....	93
3. O MOSAICO PROTESTANTE BRASILEIRO.....	95
3.1 A BÍBLIA SAGRADA COMO PALAVRA DE DEUS	96
3.2 A REGENERAÇÃO.....	97
3.3 LITURGIA	100
3.3.1 A oração	101
3.3.2 As ofertas	102
3.3.3 O louvor	103
3.3.4 A pregação	104
3.4 A PESSOA DE JESUS CRISTO.....	106
3.5 A LINGUAGEM	107
CONCLUSÃO	109
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	113

INTRODUÇÃO

Protestantes, evangélicos, evangelistas, crentes, aleluias, huguenotes, hereges, os bíblias, enfim, em cada momento da história foi dado um nome ao movimento cristão que se desenvolveu na Europa, seguiu para os Estados Unidos, e veio a chegar ao Brasil: o protestantismo.

Deixando intactos em seus próprios caminhos, o catolicismo romano e o catolicismo ortodoxo, ajustando o foco somente no protestantismo, e de forma bem específica no protestantismo brasileiro, este trabalho objetiva apresentar o protestantismo implantado no Brasil sob três aspectos: a *árvore genealógica*, a *teologia* e o *mosaico*. Mesmo sabendo que em algumas situações é bem precária a informação histórica devido à escassez de material histórico, contudo, tendo em mãos uma parte da literatura disponível, torna-se possível descrever, classificar e localizar dentro do tempo os vários “ramos” do protestantismo brasileiro. Partindo dos movimentos pré-reformadores na Europa até chegar aos dias atuais, com as decepções produzidas pelo próprio protestantismo brasileiro, no movimento dos *desigrejados*.

Neste contexto de protestantismo brasileiro: *a árvore genealógica, a teologia e o mosaico*, surge a questão: ainda permanecem no protestantismo brasileiro os princípios da Reforma Protestante? Ou seja, os *Solas* da Reforma ainda fazem parte do atual protestantismo brasileiro?

O primeiro capítulo, *A árvore genealógica do protestantismo brasileiro*, utiliza do método genético para traçar o caminho percorrido de algumas denominações existentes no Brasil. Abordando, em primeiro lugar, a definição do termo protestante/evangélico como sendo uma definição de espécie, para que daí por diante, possa seguir utilizando um único termo para todo o trabalho. Logo, seguem as *raízes* do protestantismo, a Reforma como sendo o *tronco* do pensamento protestante, a *seiva* (os avivamentos) que percorre no restante da árvore até chegar até os *ramos*, que são os pioneiros do protestantismo brasileiro. Até este ponto as denominações apresentadas são todas as que chegaram ao Brasil, ou seja, vindas

por meio das missões ou através dos imigrantes. Ainda neste capítulo, os *frutos*, que são as denominações que nasceram no Brasil, as *novas sementes* (neopentecostais), os *transgênicos (igreja emergente)* e a possibilidade de um fruto que não vingou (*desigrejados*), encerram a árvore do protestantismo brasileiro que é apresentada de forma gráfica na parte final do capítulo.

O capítulo seguinte, *A teologia do protestantismo brasileiro*, inicia com o conceito comum de *teologia* no protestantismo, logo mais, são listados os *sistemas teológicos* operantes aqui no Brasil. Alguns destes sistemas são ligados diretamente à Reforma, e os demais, ainda que mantenham os alguns princípios da Reforma, enfatizam outros aspectos como as “manifestações carismáticas” e o “prosperar” das questões financeiras.

Por fim, o terceiro capítulo, *O mosaico protestante brasileiro*, apresenta alguns aspectos comuns entre as mais diversas denominações protestantes brasileiras, que à primeira vista, aparentam uma confusa rede de credos, no entanto, quando observada mais ao longe, formam um imenso *mosaico*, retratando parte da face do protestantismo brasileiro.

Estes três aspectos a serem apresentados: *a árvore genealógica*, *a teologia* e *o mosaico* tentam demonstrar que em certos momentos a evidência dos *Solas* da Reforma é bem nítida, e em outros, um tanto desfocada. Contudo ainda estão presentes no atual protestantismo brasileiro.

As igrejas *Adventistas*, *Testemunhas de Jeová* e *Igreja Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias* (Mórmons) não fazem parte deste trabalho.

1. A ÁRVORE GENEALÓGICA DO PROTESTANTISMO BRASILEIRO

Ao lado dos católicos romanos e católicos ortodoxos, o protestantismo completa o quadro do cristianismo mundial.¹ E, com isso, faz parte das maiores religiões monoteístas:

Judaísmo	Cristianismo:	Islamismo
	Católicos Romanos Católicos Ortodoxos Protestantes	

Católicos romanos e protestantes receberam uma grande influência da teologia de Agostinho, observadas no protestantismo nas obras de Lutero e de Calvino. Ao contrário dos católicos ortodoxos onde a teologia de Agostinho não tem uma “opinião tão definitiva”.² Com isso, na gênese do protestantismo, encontra-se uma predominância da teologia do catolicismo romano em relação à teologia do catolicismo ortodoxo. Euler Renato Westphal, no seu artigo *Protestantes e Católicos: diferenças e semelhanças básicas (uma visão protestante)*, conclui que:

Na caminhada das duas tradições, católica e protestante, ambas possuem como ponto comum a Cristologia, a doutrina da Trindade, a Antropologia cristã, temas que se fundamentam nas Escrituras. Católicos se baseiam na Bíblia, com acentos diferenciados daqueles do protestantismo. Ao longo da história o catolicismo se aproximou teologicamente do protestantismo. O protestantismo, desde os primórdios, não negou a sua fonte comum.³

Agora, deixando-os em seus próprios caminhos, o catolicismo romano e catolicismo ortodoxo, o foco passa a ser o protestantismo. Tendo em mente que discorrer sobre o protestantismo nunca foi uma tarefa fácil. A partir da Reforma, o ponto teológico e determinante do protestantismo, deixa transparecer que cada época apresentou um protestantismo diferente, isto é, no decorrer da sua própria história, o protestantismo apresentou enfoques distintos. Com Lutero foi a

¹ Cf. MENDONÇA, *O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas*, p.50.

² Cf. SAWYER, *Uma introdução à teologia*, p.261.

³ Cf. DIAS, Zwinglio Mota; RODRIGUES, Elisa; PORTELLA, Rodrigo (Orgs). *Protestantes, evangélicos e (neo)pentecostais: História, teologias, igrejas e perspectivas*.p.85.

justificação, com Calvino foi a soberania de Deus e a eleição, com Wesley foi o amor de Deus, com Seymour foram os dons carismáticos, e assim por todo o protestantismo. Contudo, mesmo apresentando enfoques distintos em cada época, o protestantismo sempre trouxe consigo de maneira nítida e, em alguns momentos, muito tímida, os alicerces da Reforma: *Sola gratia* (somente a graça); *Sola fide* (somente a fé); *Sola scriptura* (somente as Escrituras); *Solus Christus* (somente Cristo); e *Soli deo gloria* (glória somente a Deus).

De forma simples e conceitual, segundo Claudionor Corrêa de Andrade, um autor bem conhecido dentro do protestantismo brasileiro, principalmente nas denominações pentecostais, protestantismo é:

Movimento liderado por Martinho Lutero que, tendo como base a supremacia das Escrituras Sagradas, reivindicava o imediato retorno à religião do Novo Testamento e a enérgica supressão dos abusos cometidos pela Igreja Católica Romana, principalmente a venda de indulgências.⁴

Nomes como John Huss, Calvino, John Wesley, William Saymur, Martinho Lutero, e movimentos como os *Anabatistas*, *Puritinos*, *Batistas*, *Huguenotes* e muitos outros, conhecidos ou completamente anônimos, esculpiram grande parte do pensamento protestante. Este pensamento influenciou diretamente na sociedade, na política e na economia do mundo ocidental. Max Weber, escrevendo sobre o protestantismo na obra *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, ressalta o fato de que a “atmosfera religiosa” da Alemanha protestante trazia um diferencial nas classes sociais da época, em virtude dos protestantes ocuparem os postos mais qualificados nas fábricas devido à “peculiaridade espiritual inclinada pela educação”.⁵

A partir da Reforma, o protestantismo avança por toda a Europa como movimento religioso e político e depois, começa a ir além das fronteiras europeias tanto pelo colonialismo, através de imigrantes como e por meio das missões. Do continente europeu para os Estados Unidos, e dos Estados Unidos para o Brasil: essa foi a rota de maior influência para o protestantismo brasileiro.

⁴ ANDRADE, Dicionário teológico, p.306.

⁵ Cf. WEBER, *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, p.32-33.

O protestantismo brasileiro tem sido estudado desde os anos de 1930 em diante, retratando a sua influência nas questões sociológicas, políticas e teológicas. Lidice Meyer Pinto Ribeiro) apresenta uma classificação destes estudos realizados que pode ser retratada no quadro abaixo.⁶

Período	Estudo
1930 a 1940	“a passagem da polêmica para a obra histórica”
1940 a 1955	“as primeiras obras e pesquisas sociológicas”
1955 a 1964	“aprofundamento do estudo da relação igreja-sociedade” e os “primeiros estudos sobre o pentecostalismo”
1964 a 1970	“produção acadêmica sobre as igrejas protestantes”
1970 a 1990	“análise do período anterior e com ênfase nos estudos sobre o movimento pentecostal e sobre a teologia da libertação e o ecumenismo por ela despertado”
1990 até agora	“especial ênfase no estudo dos movimentos neopentecostais”

Diante do exposto acima, embora apresentando uma imensa “riqueza de assuntos” e uma “diversidade cada vez maior”, existe uma aparente “impossibilidade” de se fazer um estudo do protestantismo brasileiro “como um todo”.⁷ Com isso, para entender de forma um pouco mais ampliada o protestantismo brasileiro, se faz necessário retornar ao caminho daqueles que o antecederam. Essa necessidade se dá em virtude de todas as denominações protestantes no Brasil terem uma ligação direta ou indireta com a tradição protestante. Direta para as denominações históricas que permaneceram nos ideais da *Reforma Protestante*, e indireta para as denominações que não vieram da *Reforma*, contudo, ainda guardam consigo algumas linhas teológicas da *Reforma*.

Olhando hoje para protestantismo brasileiro formado por *Luteranos*, *Reformados*, *Anglicanos*, *Pentecostais*, *Batistas*, *Neopentecostais* e até mesmo por aqueles que vivem a fé protestante sem pertencer a alguma denominação, os *desigrejados*, notamos que cada um dos grupos possui em si uma raiz que os liga àqueles que os antecederam. Mesmo um grupo *renovado*, sem declarar oficialmente, tem em si algo que o vincula aos primeiros protestantes. Por essa

⁶ Cf. RIBEIRO, *O protestantismo brasileiro: objeto em estudo*. p.119.

⁷ ib. p.126.

razão, é necessário voltar às origens do protestantismo e andar pelo caminho que antecedeu a *Reforma*, durante a *Reforma*, até chegar aos nossos dias, para compreender melhor a gigantesca árvore que forma protestantismo brasileiro.

1.1 DEFININDO A ESPÉCIE: PROTESTANTES E/OU EVANGÉLICOS

Antes de iniciarmos a questão em si, da árvore genealógica do protestantismo brasileiro, se faz necessário conceituar de forma clara as nomenclaturas existentes no Brasil para o protestantismo, ou seja, diferenciar ou apresentar como sinônimos os termos *protestante* e *evangélico*.

No artigo *Evangélicos brasileiros: Quem são, de onde vieram e no que acreditam?*, Irineu Rabuske, quanto ao termo *protestante*, afirma:

O termo *protestatio* provém do direito imperial da Alemanha significando uma declaração pública, solene e compulsória pela qual alguém contesta uma decisão jurídica, apelando para uma instância superior. Foi nesse sentido que houve um “protesto” contra as decisões da Dieta de Espira. É o momento em que a palavra “Protestantismo” converteu-se numa autodeterminação para indicar a consciência religiosa e espiritual típica de alguns grupos ou tendências eclesiais. Deste modo o termo “protestante” vai caracterizando mais a mais a confessionalidade de um cristão, desta vez em oposição aberta à Igreja Romana.⁸

O termo *protestante*, segundo Urbano Zilles, é atribuído ao protesto de membros dos “territórios luteranos”, que eram representados no *Reichstag*, em não cumprir “os ritos tradicionais de culto”, que, após a excomunhão de Lutero em 1521, foram obrigados pelo *Reichstag* a voltar à antiga liturgia, assim como devolver os “bens eclesiásticos confiscados”.⁹

Por outro lado, o termo “evangélico” apresenta duas origens. A primeira surge na “Reforma alemã”, na região sudoeste da Alemanha, como um termo que “concorde com o Evangelho”, e a outra, de origem inglesa, que, para diferenciar da

⁸ Cf. RABUSKE, Irineu José *et al.* *Evangélicos brasileiros: Quem são, de onde vieram e no que acreditam?* p.259.

⁹ ZILLES, *História da Teologia cristã*, p.67-68.

“Igreja da Inglaterra”, os “*dissenters*”¹⁰, no século XVII, usaram a expressão “evangélicos”.¹¹ E ainda:

Em 1817, foi criada por decreto do rei da Prússia a chamada União Prussiana: reformados e luteranos foram unidos em uma “Igreja Cristã Evangélica”. As comunidades nela congregadas foram designadas de “evangélicas”.¹²

No Brasil, até o século XIX, os protestantes “preferiam o conceito de ‘evangélico’”, e todos os “cristãos não-católicos” utilizavam o termo *evangélico*.¹³ Ou seja, um “rótulo nativo”, que se dá no pensamento protestante, pela “livre interpretação dos Evangelhos”, onde todos os cristãos não-católicos se denominam, *evangélicos*.¹⁴ Com isso, *protestantes* e *evangélicos*, são “duas palavras sinônimas”, sendo assim, a “mesma coisa”.¹⁵ Faz-se também necessária a conceituação de *Reformado*. *Reformado* não é sinônimo de *protestante*, pois nem todo *protestante* é *reformado*. *Reformado* é o termo utilizado para as denominações que adotam o *calvinismo* como sistema teológico.¹⁶

Por fim, neste trabalho, embora haja certa indefinição quanto aos termos *protestante* e *evangélico*, será usada unicamente a expressão *protestante*, para classificar todos os grupos, sejam *Luteranos*, *Reformados*, *Anglicanos*, *Batistas*, *Pentecostais*, *Neopentecostais*, *Emergentes*, *Desigrejados* e outros.

¹⁰ Dissenters: “Essa palavra, que entrou no português diretamente do inglês, aponta para o nome que foi dado, após a restauração aos puritanos ou separatistas. O termo veio a significar qualquer um que discordasse da Igreja Anglicana, a igreja oficial da Inglaterra. O termo começou a ser usado a partir de 1662. Cf. CHAMPLIN, *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*, vol.2, p.191.

¹¹ Martin N. Dreher, no *Artigo Protestantes-Evangélicos: buscando entender*. DIAS, Zwinglio Mota; RODRIGUES, Elisa; PORTELLA, Rodrigo (Orgs). *Protestantes, evangélicos e (neo)pentecostais: História, teologias, igrejas e perspectivas*.p.33-34.

¹² ib.

¹³ Cf. MENDONÇA, *O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas*. p.50

¹⁴ Cf. SILVA, *Protestantismo: surgimento, subdivisões, crescimento no Brasil e sua relação com a política, economia e educação*. p. 7.

¹⁵ ib.

¹⁶ Cf. SAWYER, *Uma introdução à teologia*, p.333.

1.2 AS RAÍZES DO PROTESTANTISMO

O cenário religioso de 1054 a 1305 se dá pelo auge alcançado pela Igreja Católica Romana sob a liderança do Gregório VII (Hildebrando, c. 1023-1085) e Inocêncio III (1160-1216), tendo uma forçosa supremacia sobre o estado.¹⁷ Com o evento das cruzadas, o prestígio do papado cresceu, fazendo com que monges e frades disseminassem a fé romana e “reconvertessem os dissidentes”, somando a isso a filosofia grega de Aristóteles, trazida à Europa pelos árabes da Espanha, e inserida no Cristianismo por Tomás de Aquino, resultando numa “catedral intelectual que se tornaria a expressão máxima da teologia Católica Romana”.¹⁸

Sempre houve tentativas “internas” por parte da própria Igreja Católica Romana em reformar o papado e tirar a igreja de uma institucionalização demasiada. Por outro lado, elementos externos, como a expansão geográfica, a nova “visão intelectual secular da realidade na Renascença”, bem como o surgimento de nações-estado junto com a “emergência da classe média”, resultaram numa rejeição por parte da própria Igreja Católica Romana de qualquer forma possível de reforma. Com isso, tornou-se “possível a Reforma” Protestante.

O termo *protestante* está ligado diretamente à *Reforma Protestante*, no entanto, a *Reforma Protestante* não se dá unicamente a partir do próprio evento (século XVI), ou seja, movimentos anteriores a *Reforma* que contribuíram diretamente para que a *ela* acontecesse. Dentre esses movimentos encontra-se, dentre muitos, até mesmo alguns anônimos na questão histórica, os *Albigenses* (séculos XI a XIII), os *Valdenses* (1170 D.C.) e os *Anabatistas*. Martin Dreher, na obra *História do povo de Jesus*, descreve o período que antecedeu a Reforma:

A Reforma não pode ser explicada a partir de um único acontecimento ou a partir da ação de uma única pessoa. Quero afirmar categoricamente que a Reforma não iniciou com a divulgação das 95 teses de Lutero em 31 de outubro de 1517. Muito antes de Lutero haviam se criado situações, haviam sido difundidas ideias, despertados sentimentos que provocaram e possibilitaram o conflito com a igreja de então. Podemos até dizer que esses sentimentos estavam exigindo o que acabou acontecendo no século XVI.¹⁹

¹⁷ Cf. CAIRNS, *O cristianismo através dos séculos, uma história da igreja cristã*. p.24.

¹⁸ ib.

¹⁹ CF. DREHER, *A história do povo de Jesus: uma leitura latino-americana*. p.223.

Os *Albigenses* (norte de Itália e sul da França) eram considerados como uma seita, pois em seus ensinamentos traziam um certo neomaniqueísmo.²⁰ São considerados reformadores, mesmo não o sendo no sentido real do termo protestante, mas por se levantarem contra a autoridade da Igreja Católica Romana, “buscando liberdade religiosa”.²¹ Nos *Waldenses*, seita fundada por Pedro Waldo, encontra-se um pequeno embrião do protestantismo, pois buscavam “restaurar a Igreja” levando-a ao seu estado original; davam ênfase ao estudo das Escrituras Sagradas e buscavam liberdade religiosa.

Merecendo uma atenção à parte, como movimentos anteriores à Reforma, os *Anabatistas* destacam-se por trazerem consigo elementos decisivos à doutrina protestante. De forma simples *Anabatista* significa “rebatizador”, caracterizando a rejeição à validade do batismo infantil, e requerendo um novo batismo para aqueles que desejassem ingressar em seu grupo, pois “a igreja é uma comunidade voluntária e não uma sociedade dentro da qual nascemos”²², com isso, para diferenciar-se do restante da sociedade, o crente deveria ser batizado quando adulto. Na linha oficial da história, data-se por volta do ano de 1521²³, no entanto, raras e sob suspeitas, algumas obras dão lugar ao surgimento dos *Anabatistas* por volta do primeiro século.²⁴ Uma das características do anabatismo, além do radicalismo em manter a

²⁰ *Maniqueísmo* era uma religião independente entre os séculos IV e XII d.C. desde a parte ocidental da França até o leste da costa chinesa. Alguns historiadores supõem que o maniqueísmo seja um ramo do gnosticismo. Para os maniqueístas Deus é um Deus teísta, se revelando aos homens. A revelação existe, e Mani (fundador do maniqueísmo) era um instrumento especial dessa revelação. Os eleitos entre os seguidores seriam ascetas que se abstêm de carne, de qualquer ato de morte, até mesmo de animais e plantas, e que nunca mantêm relações sexuais. Outros temas como *redenção*, *dualismo*, *responsabilidade humana* e *Jesus como um grande profeta*, são os elementos básicos do maniqueísmo. Agostinho, antes de converter-se ao cristianismo, durante nove anos foi um ouvinte do maniqueísmo. (CHAMPLIN, *Enciclopédia de Bíblia teologia e filosofia*, vol. 4, p. 57-58). O neomaniqueísmo se dá por manter os elementos do maniqueísmo e uma ênfase na questão mística.

²¹ Cf. CHAMPLIN, *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*, vol.5, p.476.

²² Cf. GONZÁLES, *História ilustrada do Cristianismo*, v.2, p.58.

²³ Cf. CHAMPLIN, *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*, vol.5, p.148.

²⁴ A obra *Rastro de Sangue, acompanhando os cristãos através dos séculos* de J.M. Carroll (1858-1931), traz algumas declarações como: “O Cardeal Hosius (Católico, 1504-1579), Núncio Pontifício(1561) do Concílio de Trento, escreveu: “Não fosse o fato de terem os Batistas sido penosamente atormentados e apunhalados durante os 12 últimos séculos, eles seriam mais numerosos mesmo do que todos os que vieram da Reforma!” (Hosius, Cartas, Apud Opera, páginas 112, 113).

fé cristã, e tendo como base o *Sermão do Monte*, era um raro pacifismo, com isso, “os cristãos não deveriam tomar as armas para defender-se a si mesmo nem mesmo para defender a pátria.”²⁵

Além dos movimentos que antecederam o século XIV foram encontrados homens que contribuíram diretamente para que o pensamento protestante ganhasse forma e força. Dentre esses protagonistas, destaca-se a pessoa de João Wycliffe (1330-1384) como sendo aquele que “preparou o caminho para a reforma inglesa”.²⁶ João Wycliffe, um inglês formado em filosofia, teologia, doutor e professor em Oxford, além de dar aos ingleses a primeira Bíblia em inglês²⁷, formulou uma produção teórica, como a *De potestate papae* (1379) [Sobre o poder do papa], *De ordine Christiano* (1379) [Sobre a ordem cristã] e *Triologous* (1382) [Triálogo], criticava de forma incisiva o poder da Igreja Católica Romana.²⁸ Os escritos de Wycliffe influenciaram jovens sacerdotes na universidade de Oxford formando um movimento pré-reformista chamado de “os lolardos²⁹”, que utilizavam o idioma do povo para os ensinamentos bíblicos.³⁰ Não somente as questões bíblicas e teológicas exigiam mudanças, mas também um nacionalismo pelo descontentamento por parte do povo inglês em “enviar dinheiro para um papa em Avignon”, que na época permanecia sob a influência do rei da França, estado inimigo da Inglaterra.³¹ Ao final de sua vida, mesmo sendo sempre protegido, os

²⁵ Cf. GONZÁLES, *História ilustrada do Cristianismo*, v.2, p.58.

²⁶ Cf. TILLICH, *História do Pensamento Cristão*, p.206.

²⁷ CAIRNS, *O cristianismo através dos séculos, uma história da igreja cristã*. p.227. A Bíblia inglesa originou-se da tradução de Wycliffe em 1382, usando como texto base a Vulgata Latina. Cf. CHAMPLIN, *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*, vol.1, p.537.

²⁸ Cf. GONZÁLES, *Dicionário Ilustrado dos Intérpretes a Fé*, p.673.

²⁹ Esse nome é oriundo do vocábulo holandês *lollaerd* (resmungador), devido à forma tristonha que eles faziam suas orações e cantavam os salmos. Formavam uma seita religiosa originária na Bélgica (Antuérpia) no século XIV e permeou o século XV. O apelido (*lolardos*) foi “transferido para os seguidores de Wycliffe” na Inglaterra e na Escócia, que os eram enviados para ensinar seus ensinamentos às classes menos favorecidas. Os lolardos faziam oposição à corrupção da Igreja Romana, o envolvimento político do clero e “promoviam a Bíblia como a única regra de fé e prática”. Cf. CHAMPLIN, *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*, vol.3, p.903.

³⁰ Cf. GONZÁLES, *Dicionário Ilustrado dos Intérpretes a Fé*, p.673.

³¹ Cf. CAIRNS, *O cristianismo através dos séculos, uma história da igreja cristã*. p.225.

ataques não cessavam³², que por fim, mesmo depois da sua morte, “seu corpo foi exumado e queimado na fogueira”, sendo considerado herege.³³ No pensamento de Wycliffe, muitas ideias serviram como base para os demais reformadores que seguiriam, entre elas: a negação da transubstanciação, alegando ser “uma impossibilidade”; “todo o poder e domínio procedem de Deus”, contudo, Deus “outorga poder temporal” (autoridades civis); o rei, por ser o vigário de Deus, é superior ao clero da igreja em tudo o que diz a respeito do que é secular e terreno; o papa não é infalível (infabilidade papal); a *igreja* é distinta da organização igreja; as razões da salvação, não se firmava no batismo em água, mas na graça, na fé predestinação; negava a sucessão apostólica em virtude de todo crente ser um sacerdote.³⁴ Como *protestante*, condenou as doutrinas católicas, entre elas a “veneração aos ídolos”, “a invocação dos santos” e o “purgatório”.³⁵ Com relação à vida e à obra de Wycliffe, Knight, em *História do Cristianismo, dos apóstolos do Senhor Jesus ao século XX*, diz:

Os agentes de Roma foram, pois, logrados na esperança de alcançar a desejada presa, mas ainda assim o seu corpo foi mais tarde desterrado e queimado, e as cinzas lançadas num regato próximo, “O regato”, diz Fuller, “levou as cinzas ao rio Avon; o Avon levou-as ao Saverna; o Saverna ao canal, e este ao grande oceano. E assim as cinzas de Wycliffe são os emblemas da sua doutrina, que se acha espalhada pelo mundo inteiro”.³⁶

Outro nome que se destacou como marco no protestantismo foi João Huss (c. 1373-1415). Nascido em Husinec (no sul da Boêmia)³⁷, Huss era pastor da Capela de Belém (1402 à 1414), onde estudou, ensinou e tornou-se reitor da Universidade de Praga. Esse período foi marcado pelo grande cisma papal. Suas Críticas aos desvios da igreja de Roma o identificaram como líder do partido reformista, no centro do catolicismo checo, e expunha de maneira contínua o pensamento de alguns

³² Cf. TILLICH, *História do Pensamento Cristão*, p.211.

³³ Cf. GONZÁLES, *Dicionário Ilustrado dos Intérpretes a Fé*, p.674.

³⁴ Cf. CHAMPLIN, *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*, vol.5, p.700.

³⁵ *ib.*

³⁶ Cf. KNIGHT, *História do Cristianismo, dos apóstolos do Senhor Jesus ao século XX*, p.184.

³⁷ Cf. GONZÁLES, *Dicionário Ilustrado dos Intérpretes a Fé*, p.350.

reformistas como: Milo de Kromerz, Mateus de Janov e, principalmente a obra e o pensamento de João Wycliffe.³⁸ Com relação à obra de Wycliffe, Huss distanciava-se sobre as questões da “presença real do corpo e do sangue de Cristo na Eucaristia”, pois Huss mantinha-se na posição católica romana (transubstanciação). Outro ponto importante nas contestações entre Huss e Wycliffe foi a condenação por parte da Universidade de Praga das quarenta e cinco distinções ensinadas por Wycliffe consideradas como heresia.³⁹ Seu pensamento fortaleceu-se popularmente na Boêmia levando os papas Inocêncio VII e Gregório XII pedir ao arcebispo de Praga controlar os ideais reformistas. Depois que dois de seus amigos, Stanislav de Znojmo e Stephen Palec ao promoverem as ideias de Wycliffe, sofreram processo pelo tribunal da inquisição, Huss refugia-se ao Sul da Boêmia (1412). Nessa época, sistematiza as suas ideias, entre elas as obras *Vykland viery, Desatera Bozieho prokanizanie a modlitby pane* [Exposição sobre a fé, sobre os mandamentos e sobre o Pai nosso] (1412), *De ecclesia* [Sobre a Igreja] (1413). Estas obras serviram para trazer à tona seu caráter teológico e eclesiológico.⁴⁰ As obras de Huss, embora tendo uma ortodoxia, quando examinadas, sofreram uma interpretação isolada no que diz respeito à doutrina e à prática. Até mesmo o uso do “idioma vernáculo na pregação”; o uso de leigos na eucaristia; a crítica com relação à venda de indulgências; e por fim permissão para que leigos interpretassem as Escrituras. Essas e outras questões foram as bases de seu julgamento e posterior condenação e principalmente a obra *De ecclesia*, onde Huss não conseguiu rebater quarenta e dois artigos, com isso, foi incriminado como “seguidor de Wycliffe”, condenado e queimado vivo em Junho de 1415.⁴¹ Nos seus últimos momentos, antes de sua morte, comenta Knight:

Maldito Judas, que, tendo abandonado o conselho da paz, entraste no dos judeus, arrancamos-te das mãos este santo cálix onde está o sangue de Cristo”. “Pelo contrário, disse Huss numa voz forte, “confio que pela graça de Deus ainda hoje hei de beber dele no seu reino. Os bispos retorquiram então:

³⁸ ib.

³⁹ Cf. CHAMPLIN, *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*, vol.3, p.191.

⁴⁰ ib, 351.

⁴¹ Cf. GONZÁLES, *Dicionário Ilustrado dos Intérpretes a Fé*, p.351.

“Nós entregamos a tua alma aos demônios do Inferno”, ao que Huss responde: “E eu entrego o meu espírito nas tuas mãos, ó Senhor Jesus Cristo; e ti entrego a alma que tu salvaste!”⁴²

Tanto os pensamentos e obras de Wycleff e Huss, bem como de outros nomes como Jerônimo de Praga, Jerônimo Savonarola, João de Wessália e João Wesselus, serviram para colocar os alicerces do que estava por vir, a Reforma Protestante. Uma observação que merece a devida atenção, mesmo sendo Wycliffe e Huss “acusados de hereges e sediciosos”, é que não havia quem tivesse a ousadia de declarar que seus erros eram frutos “da ignorância”.⁴³

O espaço entre os pré-reformistas e a Reforma propriamente dita é envolvido por *movimentos populares*, distinto dos anteriores por haver inúmeras obras de seus principais líderes. Os movimentos populares não receberam a devida atenção pois as informações “são muito escassas, e pouco confiáveis” e, ainda, seus seguidores eram formados por pessoas “sem instrução”, e por parte deles não havia o desejo de “deixar registros para a posteridade”. Esses movimentos populares eram na grande maioria de “caráter apocalíptico”, por crerem que o fim estava próximo, e, como consequência, deixavam de lado a questão de narrativa histórica.⁴⁴ Dentre os movimentos populares, destacam-se: *Beguinas e Begardos*; os *Flagelantes*; os *Taboritas*; e outros.⁴⁵

1.3 REFORMA: O TRONCO

Na obra *O cristianismo através dos séculos: uma história da Igreja cristã*, Earle E. Cairns, de forma resumida, aponta “alguns fatores” que fizeram com que a Reforma se tornasse “inevitável”:

A relutância da Igreja Católica Romana medieval em aceitar mudanças sugeridas por reformadores sinceros como os místicos, Wycliffe e Huss, os líderes dos concílios reformadores e os humanistas; o surgimento das

⁴² Cf. KNIGHT, *História do Cristianismo, dos apóstolos do Senhor Jesus ao século XX*, p.195.

⁴³ Cf. GONZÁLES, *História ilustrada do Cristianismo*, v.1, p.502.

⁴⁴ ib.

⁴⁵ ib. p.504-508.

nações-estado, que se opuseram ao poderio universal do papa e a formação da classe média, que se revoltou contra a remessa de reservas para Roma. Com os olhos presos ao passado, tanto clássico quanto pagão, e indiferente às forças dinâmicas que estavam formando uma nova sociedade, a sociedade italiana, da qual o papado fazia parte, adotou uma forma de vida corrupta, sensual e imoral, embora culta e refinada.⁴⁶

O pensamento central da Reforma se desenvolveu com as obras de Lutero, Calvino, William Tyndale, Zwinglio e outros. Estes, sistematizaram grande parte do pensamento protestante que já vinha, embora lento e descompassado, se concretizando. Martinho Lutero (1483-1546) é o que organiza as “aspirações de uma reforma do Cristianismo”⁴⁷. Para Lutero, a questão *Palavra de Deus* é “o ponto de partida e a autoridade final de sua teologia”.⁴⁸ Sendo ele professor das Sagradas Escrituras e também biblista, logo, a Palavra de Deus excede a própria Bíblia e “nada menos que o próprio Deus”.⁴⁹ As expressões “A Bíblia é a Palavra de Deus porque nela Jesus Cristo chega até nós”, “Assim quando Deus fala, ele cria o que pronuncia. Sua palavra, além de dizer-nos algo, faz algo em nós e em toda a criação” deixaram um legado que será o marco fundamental para todo o protestantismo que iria se cristalizar nos anos que se seguiriam.⁵⁰ *A infabilidade das Escrituras, a inerrância*⁵¹ das Escrituras, a Bíblia como *Palavra de Deus* e outros temas teológicos são diretamente ligados à obra de Martinho Lutero.

Urbano Zilles, na obra *História da teologia cristã*, afirma:

⁴⁶ CAIRNS, *O cristianismo através dos séculos: uma história da Igreja cristã*, p.247.

⁴⁷ Cf. VAUCHEZ, *Cristianismo, Dicionário dos tempos, dos lugares e das figuras*, p.364.

⁴⁸ Cf. GONZÁLES, *História ilustrada do Cristianismo*, vol.2, p.41.

⁴⁹ ib.

⁵⁰ ib.

⁵¹ Norman Geisler em sua obra *Teologia Sistemática*, Afirma: “A doutrina da inerrância não é diretamente ensinada nas Escrituras. Duas coisas entretanto, são diretamente ensinadas: (1) Que a Bíblia é a Palavra de Deus. (2) Que Deus não pode errar (Hb 6.18; Tt 1.2; Rm 3.4). O resultado lógico necessário destas duas premissas é que: (3) A Bíblia não pode errar.” Ainda, “os termos inspiração, infabilidade e inerrância guardam uma relação entre si. *Inspiração* significa ‘soprado por Deus’, *infabilidade* significa ‘aquilo que tem autoridade divina’, e *inerrância* significa ‘aquilo que não contém erro’. O que é inspirado é infalível, e o que é soprado por Deus não pode ter erros.” Cf. GEISLER, *Teologia Sistemática*, v.1,p.457.

No contexto de um papado enfraquecido e do ideal do Cristianismo em crise, na Igreja do século XVI, o movimento religioso da Reforma, desejada há muito tempo, assumiu forma. Esse movimento queria avivar a fé e simplificar a prática cristã, através da pregação do Evangelho.⁵²

Convém destacar que o ambiente da Reforma era um momento distinto em virtude do progresso europeu na descoberta de “novas civilizações” e do Renascimento, onde a “admiração por uma cultura clássica grega e latina” impulsionava o mundo a voltar “às fontes da antiguidade”, bem como um grande interesse pela “retórica e pela gramática”.⁵³ O ambiente ainda estava mergulhado numa “sociedade cheia de superstições e de bruxas”, questionamentos quanto à “autoridade do papa” e do surgimento da imprensa, que se tornou um “instrumento indispensável para exploração de novas ideias”.⁵⁴

Os ramos da reforma começam a romper com os limites geográficos, políticos e sociais, agora numa pequena aldeia suíça, em janeiro de 1484, nasce Ulrico Zuínglio (Huldreich Zwínglio). Formado em artes na Universidade de Viena e depois mestre em artes, abandonou os estudos para ser sacerdote em Glarus. Mesmo sendo sacerdote não deixou os estudos humanistas e “chegou a dominar o grego”.⁵⁵ Zuínglio estudou as obras de Lutero e o “movimento reformador que ele dirigiu na Alemanha”, e fez com que o movimento alemão se condensasse num “programa de reforma religiosa, intelectual e política” por toda a Suíça.⁵⁶ Junto com Lutero e Calvino, Zuínglio é considerado o “terceiro homem da Reforma Protestante”⁵⁷, sua principal obra foi as *Sessenta e Sete Conclusões* (1523), obra que declara que o Evangelho não necessita de uma “aprovação da Igreja”, com isso apresentando um tema puramente de caráter protestante. Nessa altura, a Reforma já possuía um pensamento mais sistematizado, pois a cada dia obras e mais obras se avolumavam por toda a Europa, e de forma inevitável ou até mesmo intencional, a Reforma

⁵² Cf. ZILLES, *História da teologia cristã*, p.66.

⁵³ Cf. GONZÁLES, *Dicionário Ilustrado dos Intérpretes a Fé*, p.432.

⁵⁴ ib. p.433.

⁵⁵ ib. p,53.

⁵⁶ ib.

⁵⁷ Cf. CHAMPLIN, *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*, vol.6, p.745.

deixava os limites religiosos e avançava adentro dos portões governamentais. Zuínglio enfrentou problemas não apenas nas questões religiosas, mas nas questões políticas, visto que “os cantões urbanos suíços deram apoio à crescente reforma”⁵⁸ gerando conflitos nas quais o próprio Zuínglio fora vítima.

Um dos últimos nomes da Reforma Protestante foi o francês João Calvino. No ano de 1534, ele abandona a fé romana e decide seguir o “caminho dos protestantes”.⁵⁹ Sua obra mais conhecida, por ser ele “exegeta protestante pioneiro da Bíblia”⁶⁰, foi *Institutas da Religião Cristã* (1536), onde, dentre muitos temas, baseando-se no pensamento de Agostinho, aborda as questões como a Trindade, a Salvação, a Predestinação, etc. tornando-se esta a “obra-prima de teologia sistemática protestante”.⁶¹

A essa altura da Reforma, já havia discordâncias entre alguns pontos dentro do movimento protestante, Lutero, Calvino e Zuínglio, bem como outros, discordavam entre si em questões como eleição, batismo, santa ceia, salvação, livre arbítrio, soberania divina, e outros pontos, no entanto, as bases do protestantismo continuavam cada vez mais sólidas: *sola fide* (somente a fé), *sola scriptura* (somente a escritura), *sola gratia* (somente a graça), *sollus Christus* (somente Cristo) e *solli Deo gloria* (glória somente a Deus).

Há ainda um outro tipo de protestantismo, o *Anglicanismo*. Os Anglicanos “podem ser considerados protestantes no sentido de serem contrários a Roma”, no entanto, ainda preservam um elevado grau de catolicismo em relação aos demais grupos protestantes.⁶²

Desde as primeiras sementes, depois as raízes, agora a Reforma ganha espaço no continente europeu. Diferentes dos católicos, que ainda continuavam ligados ao estado e a uma única autoridade religiosa, os protestantes na grande maioria eram desvinculados do estado sem ter uma única autoridade religiosa, com isso, gerando grupos e subgrupos de religiosos através de divisões e fusões. O

⁵⁸ ib.

⁵⁹ Cf. GONZÁLES, *História ilustrada do Cristianismo*, v.2, p.65.

⁶⁰ Cf. GEISLER, *Enciclopédia de Apologética*, p.149.

⁶¹ Cf. GONZÁLES, *História ilustrada do Cristianismo*, v.2, p.67.

⁶² Cf. CHAMPLIN, *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*, vol.5, p.476.

mapa religioso protestante da Europa no século XVII, de forma bem simples era da seguinte forma: Na Inglaterra o espaço era dividido entre *Anglicanos*, *Separatistas* (*Puritanos* e *Congregacionais*, *Puritanos Batistas*), *Quacres* e *Metodistas*; Na Escócia os *Presbiterianos*; Na França os *Huguenotes*; Na Alemanha e na Suécia os *Luteranos* e na Holanda o campo protestante se dava entre a *Igreja Reformada Holandesa* e os *Menonitas*.⁶³ A expectativa de expansão fora da Europa era uma grande realidade, nessa época (1648-1789), duas situações contribuíram para a expansão do Cristianismo fora do continente europeu: a primeira foi a alteração do mapa religioso da Europa por meio da reforma, e a segunda a “descoberta das Américas por Colombo”.⁶⁴ A Igreja Católica Romana teve supremacia durante o período de missões do século XVI por meio dos reis espanhóis e portugueses. Do lado protestante, ainda não estavam despertados para a questão missionária, em virtude de não terem, as missões, “nenhum contato com os não-cristãos”, ficando somente nos limites da Europa, somente dos séculos XVII ao XIX que se dá o período missionário protestante.⁶⁵

Na obra *Uma Religião Chamada Brasil*, organizada por Oneide Bobsin e outros, Adilson Schultz, fazendo uma analogia entre um *rizoma* e o protestantismo, escreve:

[...] as genealogias protestantes são, muitas vezes, *enraizadas*: o tronco é a Reforma, e dali abre-se um galho luterano, outro calvinista, que depois se abrem em outros galhos metodistas e presbiterianos e assim sucessivamente [...].⁶⁶

Por fim, a Reforma Protestante, para um melhor entendimento, pode ser “dividida em duas categorias principais”⁶⁷: primeiro a “Reforma magisterial”, que tinha como objetivo, tendo o apoio “de magistrados”, implantar uma “só igreja e

⁶³ Cf. CAIRNS, *O cristianismo através dos séculos, uma história da igreja cristã*. p.345.

⁶⁴ *ib.* p.328.

⁶⁵ *ib.* p.329,351.

⁶⁶ Cf. BOBSIN, [et al.], *Uma Religião Chamada Brasil*, p.35.

⁶⁷ Cf. OLSON, *História da teologia cristã*, p.425.

república” totalmente cristãs.⁶⁸ Nomes como “Lutero, Zuínglio e Tomas Craner” foram os principais nomes da Reforma magisterial.⁶⁹ Em segundo lugar, a “Reforma radical”, que era a força da Reforma para ‘voltar às raízes’, trazendo de volta a vivência do “evangelho do Novo Testamento”.⁷⁰ O movimento que se destaca na Reforma radical, são os *Anabatistas*, nitidamente conhecidos nas questões de “separação entre igreja e o estado”, rejeição ao “batismo infantil”, acreditavam no “batismo no Espírito” e na marca da conversão, a regeneração.⁷¹

Urbano Zilles, concluindo o seu texto sobre a *Reforma e a divisão do Cristianismo ocidental*, escreve:

A Reforma trouxe algumas contribuições importantes para a teologia: a) Reavivou a consciência, na Igreja, sobre o papel fundamental da Sagrada Escritura como fonte de fé, estimulou a pregação, a catequese e fomentou o canto religioso. b) Sacudiu a Igreja, despertando-a para uma lenta renovação teológica e religiosa.⁷²

1.4 AVIVAMENTOS: A SEIVA

A colonização britânica dos Estados Unidos é o grande marco para a história do protestantismo brasileiro, dessa colonização protestante resultará o complexo e às vezes até contraditório protestantismo do Brasil. Não diferente da colonização espanhola e portuguesa, a colonização britânica também possuía um interesse econômico e, às vezes usou de violência para com os nativos, por trás das intenções missionárias. O que na verdade “sucedeu foi que os espanhóis já tinham conquistado os mais ricos impérios, e não existiam mais nessas terras tesouros como os dos astecas e dos incas”, sendo, com isso, necessária a fundação de colônias para os fins comerciais.⁷³ Enquanto os católicos romanos eram

⁶⁸ ib.

⁶⁹ ib.

⁷⁰ ib.

⁷¹ ib. p.426.

⁷² Cf. ZILLES, *História da teologia cristã*, p.72.

⁷³ Cf. GONZÁLES, *História ilustrada do Cristianismo*, v.2, p.353.

patrocinados pela coroa espanhola e portuguesa, os protestantes eram patrocinados por iniciativa privada por parte dos ingleses.⁷⁴

A vinda desses colonos ingleses para as *treze colônias* fez com que o protestantismo chegasse ao continente americano, originando gerações criadas dentro do pensamento protestante. Um dos nomes que se sobressai dentro desse contexto é Jonathan Edwards (1703-1758), considerado um dos mais importantes no meio de “teólogos, pastores e educadores norte-americanos durante o período colonial inglês”.⁷⁵ Sua teologia e obra ressalta as “características do discipulado cristão”⁷⁶, bem como o *milénarismo progressivo*⁷⁷.

1.4.1 O “Grande avivamento”

A pregação de Edwards teve grande influência dentro de um contexto chamado *O Grande Avivamento*, esse movimento avivalista se espalhou por todo os Estados Unidos provocando “conversões em grande escala dos povos europeus descristianizados na América do Norte”.⁷⁸ De forma paralela, outros movimentos influenciados principalmente por George Whitefield e John Wesley contribuíram grandemente nesse momento do protestantismo. Whitefield (1714-1770), nascido na Inglaterra, estudou em Oxford, participou do *clube santo* que era dirigido por Wesley, “cujos membros foram chamados de metodistas”.⁷⁹ Whitfield não era teólogo, entretanto, ainda bem novo, com 21 anos foi ordenado ministro da *Igreja Anglicana*, e, como pregador e evangelista, atuava nas áreas rurais e regiões de mineração da Inglaterra bem como na América do Norte. Por ser *calvinista*, distanciou-se de Wesley no que diz respeito à *eleição e perseverança final*. Seu colega, John Wesley (1703-1791), foi o fundador do *movimento metodista*, também natural da Inglaterra,

⁷⁴ Cf. CAIRNS, *O cristianismo através dos séculos, uma história da igreja cristã*. p.346.

⁷⁵ Cf. GONZÁLES, *Dicionário Ilustrado dos Intérpretes a Fé*, p.236.

⁷⁶ *ib.*

⁷⁷ *Milénarismo Progressivo*, também é conhecido como “pós-milénarismo”. Cf. SYNAN, *O Século do Espírito Santo*, p.554.

⁷⁸ *ib.*

⁷⁹ Cf. GONZÁLES, *Dicionário Ilustrado dos Intérpretes a Fé*, p.669.

formado em Oxford, diácono e depois sacerdote da *Igreja Anglicana*. Com grande erudição em “assuntos bíblicos e teológicos”, tinha a experiência de estar convencido, mas não convertido, até que lendo o prefácio de Lutero da Epístola aos Romanos, onde “as palavras que indicam a mudança que Deus efetua no coração através da fé em Cristo” foram suficientes para ter a experiência da conversão e que “Cristo havia apagado todos os seus pecados”, que por fim levavam à certeza de não estar mais sob as leis do pecado e da morte.⁸⁰ A experiência de Wesley, que dá ênfase à experiência da conversão, foi a herança deixada por ele para os sistemas teológicos que o seguiriam (*dispensacionalismo*, *pentecostalismo* e outros). Seus escritos⁸¹ trazidos para a América do Norte (Geórgia, 1736) difundiram o pensamento *metodista* em todo o continente americano. Ainda que não tenha desenvolvido uma teologia sistemática, entretanto, seus sermões, baseados em sua fé, comprovavam um pensamento “sistemático e lógico”.⁸² No artigo *As Origens Norte-Americanas do Protestantismo Brasileiro: Observações sobre uma relação ainda pouco avaliada*, de Leonildo Silveira Campos, temos: “Foi assim que as propostas avivalistas de John Wesley, que fizeram tanto sucesso na Inglaterra [...] também foram retomadas pelo povo, nas colônias inglesas da América do Norte”.⁸³

O solo dos Estados Unidos, a partir de 1607, começou a ser preparado para tornar-se a maior nação protestante, primeiramente com a chegada dos *anglicanos*, depois, os *congregacionalistas* oriundos da Holanda, os *puritanos*⁸⁴, os *presbiterianos* escoceses, deram volume ao protestantismo estadunidense. Cairns, em sua obra *O Cristianismo Através dos Séculos*, cita:

⁸⁰ ib. p.664.

⁸¹ *Memoirs of John Wesley* (Memórias de John Wesley – 3 volumes). *Sermons* (Sermões – 4 volumes); *Doctrine of Original Sin* (Doutrina do Pecado Original); *Appeals to Men of Reason and Religion* (Apelo aos Homens de Razão e Religião); *Plain Account of Christian Perfection* (Sobre a Perfeição Cristã); *Plain Account of the People Called Methodist* (Sobre os Chamado Metodista), e outras. Cf. CHAMPLIN, *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*, vol.6, p.694.

⁸² Cf. GONZÁLES, *Dicionário Ilustrado dos Intérpretes a Fé*, p.664.

⁸³ Cf. CAMPOS, *As Origens Norte-Americanas do Protestantismo Brasileiro*, p.105.

⁸⁴ Os *puritanos*, assim chamados na Inglaterra, no reinado de Jaime I, eram protestantes que afirmavam que a igreja deveria voltar aos moldes do cristianismo bíblico. Se opunham aos muitos elementos do culto anglicano, bem como ter uma vida “sóbria segundo os padrões bíblicos” e eram contrários ao luxo e ostentação. Outras características do puritanismo eram: o guardar o Dia do Senhor (sábado ou domingo), onde havia uma dedicação à piedade e oração; em alguns casos faziam oposição ao episcopado por ser uma invenção posterior à Bíblia. Cf. GONZÁLES, *História Ilustrada do Cristianismo*, v.2, p.277-278.

Desse modo, as várias igrejas criadas pela Reforma foram transplantadas para os Estados Unidos ainda nos primeiros 150 anos da história das colônias. Exceto, por pouco, em Maryland e nas colônias do centro, nenhuma igreja foi reconhecida como oficial até a Revolução Americana, a separação entre a Igreja e o Estado levou as igrejas dos Estados Unidos a dependerem do sustento voluntário para as realizações, e do evangelismo para trazer os não crentes e os filhos dos crentes ao seio da igreja.⁸⁵

O cenário protestante estadunidense começa a ficar cada vez mais diversificado em virtude daqueles que vieram da Inglaterra, Escócia, Holanda, e outros países, adicionando a isto os movimentos que surgiram nos Estados Unidos. Os *Batistas* estadunidenses são um típico caso desta situação. O Anglicano Roger Williams (1603-1683), influenciado pelo movimento dos *puritanos*, adotou “idéias separatistas”, deixando a Inglaterra e vindo para Boston (1631). De Boston foi para Plymouth, pois achava que a igreja de Boston carecia de estar “purificada”. Entre suas ideias estava a oposição ao poder dos magistrados sobre a religião. Williams, em 1635, após fugir, refugiar-se numa floresta, e comprar uma área de terra indígena, funda a colônia de Providence.⁸⁶ Somente em 1639 é que “uma igreja foi fundada”, considerada a “primeira igreja batista” nascida nos Estados Unidos.⁸⁷ Nessa ocasião, foi realizado um batismo (rebatismo), onde “o próprio Williams” foi batizado.⁸⁸

Na questão teológica, alguns *sistemas teológicos*⁸⁹ já se apresentavam em solo americano, como o *Calvinismo* e *Arminianismo*. Embora antagônicos, mas pertencentes ao protestantismo, constituem a base para a teologia protestante que havia de seguir mais adiante. As demais teologias, como o *Dispensacionalismo*, *Pentecostalismo* e *Neopentecostalismo*, que surgiriam a partir do século XIX, são derivados de cada um desses *sistemas teológicos*. Questões como *eleição*, *graça irresistível*, *livre arbítrio*, *experiência humana*, e outros, assim como nos períodos da

⁸⁵ Cf. CAIRNS, *O cristianismo através dos séculos, uma história da igreja cristã*. p.354.

⁸⁶ *ib.* p.351.

⁸⁷ *ib.*

⁸⁸ *ib.*

⁸⁹ Os *sistemas teológicos* serão abordados de forma mais detalhada mais adiante no item 2.1.

Reforma, sempre foram focos de grandes controvérsias dentro do protestantismo até os dias atuais.

Os *reavivamentos*⁹⁰ sempre foram notórios por toda a história do protestantismo tanto na América do Norte quanto por todo o mundo. De forma específica, no Estados Unidos, nos anos de 1726 a 1756, aconteceu o chamado *O Grande Avivamento*; de 1776 a 1812 o *Segundo Avivamento*; de 1813 a 1846 o *Reavivamento Evangelístico* com Charles Finney; e, por fim, entre outros, o *Avivamento da “Rua Azuza”* (1906) que é o elemento fundamental das teologias *pentecostais* e *neopentecostais*.

1.4.2 “Rua Azuza”

Parar um pouco nessa caminhada da história do protestantismo estadunidense, no *Avivamento da Rua Azuza*, tem a sua importância devido à repercussão que teve esse movimento em todo o mundo, determinando o crescimento do protestantismo em regiões que até então eram de predominância de católicos romanos e demais credos. Os reflexos do *Avivamento da Rua Azuza* são sentidos por todo o mundo no decorrer dos tempos, com isso, o que as demais igrejas protestantes não alcançaram com quinhentos anos de história, foi alcançado em cem anos após esse avivamento. A partir do evento da *Rua Azuza*, nasce de forma organizada e depois sistematizado teologicamente, o maior segmento cristão depois do catolicismo romano, os *Pentecostais*.

A realidade do protestantismo estadunidense no início de 1900 era de “apostasia e frieza”, embora o protestantismo alcançasse um patamar de riqueza, cultura e influência, “com exceção de uns poucos grupos conservadores, seu estado espiritual era de decadência”.⁹¹ Além da situação da própria igreja protestante ainda se deparava com uma realidade de mundo que estava mudando a forma do pensamento ocidental. Alguns elementos como o *Materialismo*, *Evolucionismo*,

⁹⁰ Reavivamento é o “ato ou efeito de conceder nova vida”. Movimento que apregoa a volta dos princípios que fizeram da Igreja Primitiva a agência por excelência do Reino de Deus.” Cf. ANDRADE, *Dicionário Teológico*, p.314. O reavivamento dentro do pensamento protestante, traz ainda uma grande ênfase na evangelização, missão, e em muitos casos também é enfatizado os *sinais e maravilhas*, bem como o fenômeno das *línguas estranhas*.

⁹¹ Cf. WALKER, *A Igreja do Século 20, a história que não foi contada*, p.11.

Marxismo, e por fim a *Crítica Bíblica* baseada no *Iluminismo* e na *Filosofia Idealista*, visavam “destruir a natureza sobrenatural da Bíblia como revelação” tornando-a apenas uma narrativa “subjetiva da religião na consciência humana”.⁹²

Esse grande movimento, *A Rua Azuza*, tem sua origem, no pensamento de John Wesley; no *Movimento de Santidade*⁹³; e, entre outros, na vida e na obra de Charles Fox Parham (1873-1929) e William Joseph Seymour (1870-1922). Parham, natural do estado de Iowa, é considerado o sistematizador da doutrina pentecostal, colocando a ênfase nos *milagres*, *batismo com o Espírito Santo*, enfatizando também o *dom de línguas* como a evidência do recebimento do Espírito Santo. Sua obra se encerrou em Topeka (Kansas).⁹⁴ O outro pilar da doutrina pentecostal é William Joseph Seymour. Ele era filho de escravos e sob a influência do movimento *Holiness* é levado a pastorear uma igreja em Los Angeles. Seu ministério fora “inflamando pelo ensino de Parham” principalmente na questão das *línguas*. Synan, na obra *O Século do Espírito Santo*, escreve uma narrativa histórica de 6 de abril de 1906:

Eles gritaram três dias e três noites. Era época da Páscoa. As pessoas chegavam de todos os lugares. Próximo ao amanhecer, não havia mais como entrar na casa. Os que conseguiam entrar caíam sob o poder de Deus. A cidade inteira ficou alvoroçada. Eles continuaram o clamor até o chão da casa ceder, mas ninguém ficou ferido.⁹⁵

Mais tarde, fora alugado outro local para que funcionasse como igreja, um antigo prédio de uma Igreja Metodista, na Rua Azuza, em Los Angeles. Esse local, segundo o artigo extraído do *Way of Faith*, era o “cenáculo pentecostal, na qual as almas santificadas buscavam a plenitude do Espírito Santo e falavam novas

⁹² Cf. CAIRNS, *O cristianismo através dos séculos, uma história da igreja cristã*. p.445-451.

⁹³ *Movimento de Santidade*, ou *Igrejas de Santidade*, ou ainda, *Holiness Movement*, são igrejas e movimentos que surgiram enfatizando a “impecável perfeição”, ou seja, o crente pode ter uma “poderosa experiência dada pelo Espírito Santo”, com isso, ficando totalmente livre do “princípio do pecado dominante”, em outras palavras, a “segunda bênção”. Igrejas como a *Igreja de Deus*, *Igreja do Nazareno*, *Metodista Wesleyana* e *Igreja Evangélica Assembléia de Deus*, são diretamente influenciadas pelos *Movimentos de Santidade*. Cf. CHAMPLIN, *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*, vol.3, p.231-232.

⁹⁴ Cf. SYNAN, *O Século do Espírito Santo*, p.64.

⁹⁵ *ib.* p.73.

línguas”.⁹⁶ Os acontecimentos (avivamentos) em *Topeka* e *Azuza* são as colunas principais das teologias *Pentecostal* e *Neopentecostal*, os fatos como o *falar em novas línguas, curas, batismo com o Espírito Santo, interpretação de línguas, cair no espírito*, acontecidos nesses dois locais são os elementos principais que evidenciam e diferenciam o *Pentecostalismo* e o *Neopentecostalismo* dos demais segmentos protestantes. Com o evento da *Rua Azuza*, o *Pentecostalismo* se espalhou por todo os Estados Unidos e, de maneira muito rápida, “centenas de congregações independentes se formaram da noite para o dia”, como sendo o fundamento do que mais tarde se tornaria as “*Igrejas Assembleias de Deus*”.⁹⁷ A historiografia desses movimentos é bem restrita, principalmente a que diz respeito aos eventos em *Topeka*, talvez devido a uma tendência em “ocultar o papel de Parham”, com a sua suposta tendência ao racismo e “simpatias com a Ku Klux Klan”.⁹⁸

1.5 A VINDA PARA O BRASIL: OS RAMOS

“O protestantismo brasileiro tem profundas raízes e vínculos com a Grã-Bretanha, com a Alemanha e com os Estados Unidos da América”,⁹⁹ mais precisamente com o protestantismo dos Estados Unidos.

No ano de 1805, sendo o Brasil parte da rota nas viagens entre a Índia e Ceilão, Henry Martin (1781-1812), inglês e missionário anglicano, numa passagem por Salvador, de 12 de novembro a 6 de dezembro de 1805, registra em seu diário “as necessidades espirituais do Brasil”: “Que missionário será enviado para trazer o nome de Cristo a estas regiões ocidentais! [...] Há cruzes em abundância; mas quando será levantada a doutrina da cruz!”¹⁰⁰

Ainda que a Alemanha e a Grã-Bretanha tenham um papel relevante no protestantismo brasileiro, contudo, a predominância é do protestantismo dos Estados Unidos que, segundo Duncan Alexander Reily, trazia consigo o

⁹⁶ ib. p.75.

⁹⁷ Cf. WALKER, *A Igreja do Século 20, a história que não foi contada*, p.31.

⁹⁸ Cf. CAMPOS, *As Origens Norte-Americanas do Protestantismo Brasileiro*, p.104.

⁹⁹ Cf. REILY, *História Documental do Protestantismo no Brasil*, p.27.

¹⁰⁰ ib. p.49.

entendimento da “separação de Igreja e Estado”, um cristianismo “anticatólico” e a “estrutura denominacional da Igreja americana”.¹⁰¹

O quadro abaixo demonstra as denominações que chegaram ao Brasil bem como o seu país de origem.

País de origem	Denominação
Grã-Bretanha	Anglicanos
Alemanha	Luteranos
Estados Unidos	Metodistas Congregacionais Presbiterianos Batistas Luteranos (Sínodo de Missouri) Pentecostais

Os pioneiros do protestantismo no Brasil vieram “por duas vias”: a primeira, através dos imigrantes que aqui chegaram, e a segunda, pela via missionária.¹⁰² A via missionária do protestantismo trouxe consigo uma “perspectiva conservadora” no que diz respeito à interpretação da Bíblia Sagrada, e posteriormente, levando “a implantação do fundamentalismo”.¹⁰³ Pela via de imigração, ainda que de maneira indireta, trouxeram também uma herança teológica de suas respectivas denominações. Com relação a imigração por parte dos alemães, Reily também destaca:

As comunidades alemãs, assim estabelecidas, eram tipicamente igrejas de imigrantes. Usavam a língua materna nas igrejas e escolas, e muitos entenderam que a manutenção do idioma era essencial à conservação da fé evangélica. Viveram, por via de regra, à margem da vida e da cultura brasileiras e, por força das condições da vida rural. Muitos tinham pouca oportunidade de participação regular na vida da Igreja. Nesse caso, dependiam da leitura da Bíblia e do culto doméstico para a preservação da fé.¹⁰⁴

¹⁰¹ ib. p.37-44.

¹⁰² Cf. RABUSKE, *Evangélicos brasileiros: Quem são, de onde vieram e no que acreditam?* p.260.

¹⁰³ Do texto de José Bittencourt Filho, *Da aventura Protestante... Apontamentos para reflexão*. Cf. DIAS, *Memórias ecumênicas protestantes – Os protestantes e a Ditadura: colaboração e resistência*, p.18.

¹⁰⁴ Cf. REILY, *História Documental do Protestantismo no Brasil*, p.58.

Os grupos protestantes a seguir foram os que se instalaram no Brasil, e é necessário pontuá-los, pois são determinantes no quadro atual do protestantismo brasileiro.

1.5.1 Os Anglicanos (1822)

Pela via de imigração, os *Anglicanos* chegaram “ainda no período que antecedeu ao Império”, após acordos firmados entre o Brasil e a Inglaterra, e em “1820 os ingleses passaram a realizar cultos no Rio de Janeiro” e em São Paulo pelos “empregados da Estrada de Ferro”.¹⁰⁵ Duncan Alexander Reily, em sua obra *História Documental do Protestantismo no Brasil*, diz-nos:

Assim, a fuga da família real e dos milhares de nobres e funcionários da corte, em navios portugueses escoltados por navios da marinha inglesa, prenunciavam a preeminência inglesa no Brasil, formalizada dois anos depois pela série de tratados de fevereiro de 1810.¹⁰⁶

Pela via missionária, os *Anglicanos* vieram por meio de *capelarias consulares*, fundadas na América do Sul (*South American Missionary Society*), com o objetivo de fazer missão entre os índios. “Capelarias consulares foram fundadas” e, em 1822, no “Rio de Janeiro”, foi “inaugurada” a capela Anglicana, que também foi o primeiro “edifício para culto protestante” erguido no Brasil.¹⁰⁷

1.5.2 Os Luteranos (1824)

Ainda, pela via de imigração, os *Luteranos*, são o grupo de protestantes que chegaram por volta de “metade do século XIX”, fundaram a Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (IECLB), “principalmente na região sul”.¹⁰⁸ O primeiro

¹⁰⁵ O acordo firmado entre Brasil e Inglaterra (D. João VI em 1810) era a *Aliança e Amizade e Comércio e Navegação*. Cf. MENDONÇA, *O protestantismo no Brasil e sua encruzilhadas*, p.53.

¹⁰⁶ Cf. REILY, *História Documental do Protestantismo no Brasil*, p.45.

¹⁰⁷ ib. p.46,54.

¹⁰⁸ ib.

grupo de alemães “radicou-se em Nova Friburgo, em 3 de maio de 1824”. O grupo era formado por “334 imigrantes”, que eram pastoreados por Friedrich Oswald Sauerbronn (1784-1864). A colonização alemã se deu na grande maioria no estado do Rio Grande do Sul, e nos demais estados: São Paulo (1827-1829); Santa Catarina (1828-1830); e Paraná (1829).¹⁰⁹ Numa carta do pastor Voges à Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira em 1827, escreve:

As colônias alemãs no Brasil recebem um pregador, um professor, um médico e uma farmácia [...]. A segunda colônia alemã no Brasil, São Pedro de Alcântara, onde estou atualmente como pregador, construiu a primeira capela evangélica no Brasil [...], tudo feito da mais bonita madeira de cedro, mas o interior ainda está desarranjado e vazio, porque a minha comunidade e eu somos pobres [demais] para terminar a igreja adequadamente.¹¹⁰

1.5.3 Os Metodistas (1836)

Outro grupo, os *Metodistas*, chegou ao Brasil em 1836; “partindo de Nova York, Justin Spaulding e sua família chegaram ao Rio de Janeiro”, dando início a um “pequeno grupo” bem como a primeira *escola dominical*¹¹¹ no Brasil.¹¹² Somente em 1866 é que o *Metodismo* veio de forma definitiva para o Brasil, utilizando-se das mesmas estratégias utilizadas nos Estados Unidos, ou seja, a implantação de igrejas e escolas, a igreja no que diz respeito às atividades “piedosas”, e a escola como “formadora de opinião e mudança de caráter”.¹¹³

¹⁰⁹ ib. p.58.

¹¹⁰ ib. p.61.

¹¹¹ Escola Dominical: a palavra *dominical* vem da expressão latina *dominicale* que significa “Senhor”. No meio protestante a *escola dominical* é a base de formação de crianças dentro da doutrina protestante, temas como vida com Deus, fé, Deus, Jesus Cristo, relacionamentos, e outros são ensinados, geralmente pelas manhãs de domingo.

¹¹² ib. p.102.

¹¹³ Cf. DIAS, *Protestantes, evangélicos e (neo)pentecostais: História, teologias, igrejas e perspectivas*. p.142.

1.5.4 Os Congregacionais ou Congregacionalistas (1855)

De forma simples, o *congregacionalismo* se dá pela forma “autônoma” que um grupo religioso lida com as “questões eclesiásticas”, bem como o uso do “voto democrático” nas decisões.¹¹⁴ Seu surgimento se deu na Inglaterra, pela necessidade de “autonomia das congregações individuais”, evitando com isso, a “interferência da hierarquia eclesiástica anglicana”.¹¹⁵ Um dos principais nomes do *congregacionalismo* inglês é Robert Browne (1550-1663), e, em 1580, através de sua pregação e separação, seu grupo começou a ser visto “como independentes”.¹¹⁶ O movimento atinge os Estados Unidos e através de Robert Reid Kalley (1809-1888) e sua esposa Sarah Poulton Kalley (1825-1907), em “10 de maio de 1855” chegou ao Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. Em “11 de julho de 1858”, organizaram a “Igreja Evangélica”, após terem organizado também uma “Escola Dominical”.¹¹⁷

1.5.5 Os Presbiterianos (1859)

Os *Presbiterianos* atribuem à igreja *Reformada*, ou seja, aos calvinistas, a realização do primeiro culto protestante no Brasil. O contexto histórico se dá em 1549, no período das Capitânicas Hereditárias, onde o francês Nicolas Durand de Villegaignon (1510-1571) tenta fundar no Brasil a *França Antártica*. Em 10 de novembro de 1555, a expedição chega à Guanabara, sendo recebida pelos índios tupinambás, já acostumados com os franceses na região. “Diante de várias dificuldades surgidas”, o explorador francês recorre à igreja *Reformada* de Genebra, para que fossem enviados à nova colônia “pastores e colonos” protestantes, com o objetivo de melhorar o “nível moral e espiritual da colônia”.¹¹⁸ No dia 10 de março de 1557, um grupo de *Huguenotes*¹¹⁹ desembarca na Guanabara, sendo em seguida,

¹¹⁴ CHAMPLIN, *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*, vol.1, p.852.

¹¹⁵ ib.

¹¹⁶ Cf. ZILLES, *Religiões: crenças e credences*. p.154.

¹¹⁷ Cf. REILY, *História Documental do Protestantismo no Brasil*, p.114-115.

¹¹⁸ Cf. Cf. MATOS, *O primeiro culto protestante no Brasil*.

¹¹⁹ *Huguenotes* eram os “membros da facção política protestante da França”. Possuíam “convicções tipicamente protestantes”, e um forte desejo de liberdade política, com isso, “contrários à posição

“realizado um culto de ação de graças”, ou seja, o “primeiro culto protestante ocorrido nas Américas”.¹²⁰

Em 1859, às vésperas da guerra entre o Norte e o Sul, a PCUSA (Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos) enviou seu primeiro missionário ao Brasil, o jovem pastor Ashbel Green Simonton (1833-1867), que aportou no Rio de Janeiro em 12 de agosto. De fato, Simonton e seus colegas conseguiram uma lista impressionante de realizações durante os oito anos de seu trabalho no Brasil: a fundação de uma igreja no Rio de Janeiro (12/01/1862); a fundação do primeiro jornal evangélico no Brasil, a *Imprensa Evangélica* (05/11/1864); a organização do primeiro presbitério, do Rio de Janeiro (16-12/1865); e ainda a fundação do primeiro seminário teológico, no Rio de Janeiro (14-05/1867).¹²¹

A fundação da primeira Igreja Presbiteriana no Brasil se deu em 1862, entretanto, a realização do primeiro culto “regular no Rio de Janeiro foi 19 de maio de 1861”, e a fundação em “12 de janeiro de 1862”.¹²² Juntos com os missionários estadunidenses estavam os nascidos no Brasil que faziam a obra missionária de forma “autóctone”, resultando no “primeiro ministro protestante brasileiro”, o ex-padre José Manoel da Conceição (1822-1873).¹²³

1.5.6 Os Batistas (1861)

Em virtude da “abertura política e religiosa” que o imperador D. Pedro II oferecia, as denominações “iniciam um processo de evangelização” e implantação de igrejas em outras regiões.¹²⁴ A estrutura base para o protestantismo brasileiro já estava quase montada totalmente: *Anglicanos, Luteranos, Congregacionalistas,*

papal”. A origem da perseguição aos protestantes se deu na França, e “os huguenotes acabaram sendo envolvidos”, dessa perseguição, originou-se “oito guerras civis” (XVI), que, mais tarde, “vieram a serem chamadas, coletivamente, *Guerras Religiosas*”. Cf. CHAMPLIN, *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*, vol.3, p.171.

¹²⁰ Cf. MATOS, *O primeiro culto protestante no Brasil*.

¹²¹ Cf. REILY, *História Documental do Protestantismo no Brasil*, p.129

¹²² ib. p.130.

¹²³ ib. p.130 e 134

¹²⁴ Cf. RABUSKE, *Evangélicos brasileiros: Quem são, de onde vieram e no que acreditam?* p.261.

Metodistas e Presbiterianos. Cada uma delas trazia consigo, em suas bagagens, seus *sistemas teológicos*, isto é, em solo brasileiro, já existiam, no momento, *Calvinistas, Luteranos, Wesleyanos-Arminianos e Dispensacionalistas*. A essa altura da história do Brasil, já se encontravam oficialmente em solo brasileiro os segmentos chamados de *protestantismo histórico*¹²⁵, ou seja, igrejas que vieram diretamente da *Reforma* ou de um segundo grupo proveniente dos reformados, no caso, os *congregacionalistas*.

“Desde 1850”, nos Estados Unidos, os *Batistas* “buscavam estabelecer missões no Brasil”, resultando na vinda de Thomas Jefferson Bowen e sua esposa Lurena Henrietta Davis Bowen, em 1859, para o Rio de Janeiro.¹²⁶ Em 1861, devido à problemas de saúde, Bowen é forçado a deixar a missão Batista no Brasil e regressar aos Estados Unidos, e, somente em 1882, a missão é retomada com a “fundação da Igreja Batista em Salvador (Bahia)”.¹²⁷

Antônio Teixeira Albuquerque (1840-1887), alagoano, foi ordenado em Fortaleza, Ceará, em 1871; exerceu o sacerdócio em Maceió, Alagoas, e no Recife. Tendo conhecido a Bíblia no Seminário de Olinda, pelo seu estudo foi levado a ‘abjurar a Igreja de Roma’. Antônio Teixeira Albuquerque foi o primeiro pastor Batista brasileiro.¹²⁸

Os *Batistas* e os *Metodistas*, por sua história, não fazem parte do grupo de *protestantismo histórico*, mas de um grupo chamado de *protestantismo tardio*.

Até agora, antes da vinda dos *Pentecostais*, os grupos apresentados foram os que mais se aproximaram da Reforma, em virtude de manterem alguns “aspectos fundamentais, tais como: princípios teológicos doutrinários, padrões litúrgicos, conteúdos catequéticos, valores ético-morais e o discurso religioso”.¹²⁹ Não que os

¹²⁵ São considerados como *protestantismo histórico* os *Luteranos, Anglicanos, Reformados* (Calvinistas – Presbiterianos), *Congregacionalistas* e *Anabatistas* (Igreja Menonita). Esses grupos protestantes mantiveram os ideais da reforma protestante.

¹²⁶ ib. p.145-146.

¹²⁷ ib. p.148.

¹²⁸ Cf. REILY, *História Documental do Protestantismo no Brasil*, p.150.

¹²⁹ Do texto de José Bittencourt Filho, *Da aventura Protestante... Apontamentos para reflexão*. Cf. DIAS, *Memórias ecumênicas protestantes – Os protestantes e a Ditadura: colaboração e resistência*, p.15.

pentecostais não traziam consigo os *Solas* da Reforma, mas a ênfase voltava-se para a evangelização urgente, para os sinais e maravilhas e para os dons carismáticos.

1.5.7 Os Pentecostais (1910)

O *Pentecostalismo* é caracterizado, além de outros fatores, como a *cura divina, revelações sobrenaturais, discernimento de espíritos*, de forma nítida, “pelo falar em línguas estranhas”.¹³⁰ Sua base de fé, teologia e prática de vida são as mesmas do “cristianismo primitivo”, por isso acreditam nos milagres, na “expulsão de demônios” e também no “diálogo com Cristo”.¹³¹ Urbano Zilles, na sua obra *Religiões, crenças e credências*, de forma bem resumida, diz-nos:

Por *pentecostalismo* entendemos os movimentos que visam despertar (*revival*) o entusiasmo religioso dos cristãos evangélicos que, no início do século XX, nos EUA e na Inglaterra, discordaram das igrejas da Reforma e delas se separaram. Baseiam-se numa interpretação fundamentalista da Bíblia, na crença da próxima vinda de Cristo e na importância dada ao batismo do Espírito Santo para a distribuição dos carismas.¹³²

A origem do pentecostalismo está no “reavivamento evangélico”, com John Wesley em suas reuniões do *Clube Santo*. “A intenção de Wesley não era fundar uma nova igreja”, mas trazer uma nova realidade espiritual para a igreja Anglicana, bem como “em favor do próprio povo”.¹³³ Como visto anteriormente, essa influência chega aos Estados Unidos, produzindo os *Movimentos de Santidade*, o *Grande Avivamento*, o *Segundo Avivamento*, e culminando no avivamento de *Topeka* e da *Rua Azuza*. “Foi então que o movimento pentecostal explodiu”¹³⁴, com isso, alcançando as fronteiras além dos Estados Unidos, e chegando ao Brasil.

¹³⁰ Cf. DIAS, *Protestantes, evangélicos e (neo)pentecostais: História, teologias, igrejas e perspectivas*. p.167.

¹³¹ Cf. CORREA, *Assembléia de Deus: ministérios, carisma e exercício de poder*. p.39.

¹³² Cf. ZILLES, *Religiões: crenças e credências*. p.148.

¹³³ ib. p.40.

¹³⁴ Cf. CORREA, *Assembléia de Deus: ministérios, carisma e exercício de poder*. p.41.

Congregação Cristã no Brasil (1910) – CCB

Dentre as denominações pentecostais que chegaram ao Brasil, esta foi a primeira que se instalou no “Brasil em 1910”, através do missionário italiano e depois naturalizado americano, Louis Francescon (1866-1964).¹³⁵ Francescon fundou no Brasil a *Congregação Cristã no Brasil* (1910). No entanto, no Brasil, já havia alguns “indícios pentecostais”, por já andarem por aqui “grupos *holiness*, batistas letos e metodistas livres”.¹³⁶

Algumas práticas da CCB têm despertado certa curiosidade por parte de muitos protestantes brasileiros, entre elas: os membros da CCB acreditam “que só eles estão certos, só eles são salvos”; não acreditam que possa haver salvação para aqueles que não são batizados na CCB; a CCB rebatiza “aquele que vem de outra igreja evangélica, afirmando que ele não foi batizado ‘em nome de Jesus’;¹³⁷ e:

Afirmam, também, ser desnecessário o estudo das Escrituras ou de assuntos religiosos, apelando para as “revelações particulares”, substituindo, portanto, o conhecimento e o estudo do Livro Sagrado por seus próprios sentimentos e emoções. Usam sonhos, revelações e sentimentos apenas para defender suas práticas e seus pontos-de-vista, através de versículos descontextualizados [...]. Os adeptos da CCB defendem a idéia de que o ancião, que é o líder da igreja local, não precisa de nenhum tipo de estudo para pregar o evangelho. Dizem que todo o conhecimento necessário é dado diretamente pelo Espírito Santo.¹³⁸

Igreja Evangélica Assembléia de Deus (1911) – AD

Quase na mesma época da vinda da *Congregação Cristã no Brasil*, os suecos Daniel Berg (1885-1963) e Gunnar Vingren (1879-1933), influenciados pelo

¹³⁵ ib.

¹³⁶ Cf. DIAS, *Protestantes, evangélicos e (neo)pentecostais: História, teologias, igrejas e perspectivas*. p.169.

¹³⁷ Cf. MARTINS, *Seitas: heresias do nosso tempo*, p.69-80

¹³⁸ ib.

pentecostalismo sueco¹³⁹, no Brasil, já desligados da *Igreja Batista* “implantaram a *Assembléia de Deus* em 1911” na cidade de Belém do Pará.¹⁴⁰

Obedientes ao chamado, embarcaram para o Brasil, aportando em Belém do Pará a 19 de novembro de 1910. Localizaram a Igreja Batista, onde foram hospedados pelo pastor; colaboraram nesta Igreja, na medida do possível. Suas práticas pentecostais resultaram em dissensões, e depois de algum tempo Berg e Vingren foram convidados a se retirar; saíram, levando dezoito membros da Igreja Batista com eles.¹⁴¹

Primeiramente, o nome dado à nova denominação foi *Missão da Fé Apostólica*, fundada com “dezenove membros”.¹⁴² Após 1914, passaram a utilizar o nome de *Assembléia de Deus* para a denominação.¹⁴³ No entanto, o nome *Assembléia de Deus* foi somente registrado em 11 de janeiro de 1918¹⁴⁴, após o desligamento da *Igreja Batista* em virtude dos dons espirituais.¹⁴⁵ Marina Correa, na obra *Assembléia de Deus: ministérios, carisma e exercício de poder*, ainda escreve:

[...] a *Assembléia de Deus*, juntamente com a Congregação Cristã no Brasil [...] formam o marco fundamental do pentecostalismo brasileiro, com um novo tipo de igreja e experiência religiosa.¹⁴⁶

A *Igreja Evangélica Assembléia de Deus* (AD), no decorrer do tempo, pela necessidade devido ao crescimento, começou a utilizar uma “administração mista”, ou seja, não mais eram pastores suecos, mas “suecos e brasileiros”.¹⁴⁷ Entretanto, a

¹³⁹A experiência pentecostal na Suécia se deu por volta de 1906, simultâneo ao avivamento na Noruega e nos Estados Unidos. Thomas Ball Barratt, após ter sido *batizado com Espírito Santo* nos Estados Unidos, foi um dos principais nomes do avivamento na Suécia e na Noruega. Cf. SYNAN, *O Século do Espírito Santo*, p.101.

¹⁴⁰ Cf. REILY, *História Documental do Protestantismo no Brasil*, p.365.

¹⁴¹ ib. p.370.

¹⁴² Cf. BLEDSOE, *Movimento Neopentecostal Brasileiro*, p.28.

¹⁴³ ib.

¹⁴⁴ Cf. CORREA, *Assembléia de Deus: ministérios, carisma e exercício de poder*. p.83.

¹⁴⁵ ib.

¹⁴⁶ Cf. CORREA, *Assembléia de Deus: ministérios, carisma e exercício de poder*. p.41.

¹⁴⁷ ib. p.105.

“idéia de unidade” não prevaleceu por muito tempo, e começaram os primeiros cismas dentro da Assembléia de Deus.¹⁴⁸

Igreja do Evangelho Quadrangular (1951) – IEQ

A *Igreja do Evangelho Quadrangular (The Four-Square Church)* foi fundada nos Estados Unidos pela canadense Aimmee Semple McPherson (09/10/1890-27/09/1944) em 1922.¹⁴⁹ McPherson diz ter recebido a revelação da interpretação “dos querubins com quatro rostos” do texto do profeta Ezequiel (Ez 1.10), simbolizando quatro aspectos “do ministério de Cristo”, ou seja, “o Salvador, o batizador com o Espírito Santo, o grande médico e o rei que há de voltar”.¹⁵⁰ No Brasil, a implantação se deu através dos norte-americanos Harold Williams (1913-2002) e Raymond Boatright que fundaram a primeira *Igreja do Evangelho Quadrangular* em 1951, na cidade de São João da Boa Vista.¹⁵¹

A expansão da obra começou por volta de 1953 através da “Cruzada Nacional de Evangelização”, cuja característica foi o uso de enormes tendas de lona, conhecidas como “tendas de Jesus” – daí os adeptos serem chamados de “tendeiros”. Nessas tendas, com Raymond Boatright como principal evangelista, a tônica foi a cura divina.¹⁵²

Igreja do Nazareno (1958) – IN

Descendente dos movimentos *Holiness* dos Estados Unidos, a *Igreja do Nazareno* foi trazida ao Brasil pelo missionário cabo-verdiano Rev. José Dias, em

¹⁴⁸ ib.

¹⁴⁹ Cf. BLEDSOE, *Movimento Neopentecostal Brasileiro*, p.34.

¹⁵⁰ Cf. REILY, *História Documental do Protestantismo no Brasil*, p.378.

¹⁵¹ ib. p.365.

¹⁵² BLEDSOE (*Movimento Neopentecostal Brasileiro*, p.34), cita que tanto Harold Williams e Raymond Boatright vieram como missionários para o Brasil. Por outro lado, REILY (*História Documental do Protestantismo no Brasil*, p.378), cita apenas a fundação apenas por Williams, e Boatright era apenas o “principal evangelista” durante as cruzadas de evangelização.

1956, e depois instalada no Brasil pelos missionários Earl Elwood Mosteller e sua esposa Gladys Marie Parker Mosteller em 1958.¹⁵³

Até agora, por volta dos anos 50, no Brasil, tínhamos o seguinte quadro de denominações protestantes oriundas de denominações fora do Brasil:

Data de chegada ou fundação	Segmento Protestante/Denominação	Classificação
1822	Anglicanos	Protestantismo Clássico/Histórico ou Tradicional
1824	Luteranos	Protestantismo Clássico/Histórico ou Tradicional
1836/1866	Metodistas	Protestantismo Tardio
1855/1858	Congregacionais	Protestantismo Clássico/Histórico ou Tradicional
1862	Presbiterianos (Reformados)	Protestantismo Clássico,Histórico ou Tradicional
1871/1882	Batistas	Protestantismo Tardio
1910	Congregação Cristã no Brasil	Pentecostalismo Clássico, Histórico ou da Primeira Onda
1911	Assembléia de Deus	Pentecostalismo Clássico, Histórico ou da Primeira Onda
1951	Igreja do Evangelho Quadrangular	Pentecostalismo da Segunda Onda ou Deuteropentecostais ¹⁵⁴
1956	Igreja do Nazareno	Pentecostalismo da Segunda Onda ou Deuteropentecostais

Os grupos pertencentes ao *pentecostalismo clássico* ou *primeira onda*, teve início por volta de 1910 e permaneceram até “cerca de 1950 com o advento da segunda onda”.¹⁵⁵ O movimento denominado *segunda onda* surge a partir de 1950, mantendo duas denominações vindas dos Estados Unidos, A *Igreja do Nazareno* e a *Igreja do Evangelho Quadrangular* e algumas das primeiras denominações brasileiras. Esse período, *segunda onda* do pentecostalismo brasileiro, é um período de transição que parte de denominações estrangeiras, passando pelas igrejas que surgiram aqui no Brasil, e direcionando para o *Neopentecostalismo*. O elemento de intersecção do pentecostalismo clássico/histórico e o *neopentecostalismo* é o movimento da *segunda onda*. O *neopentecostalismo* também chamado de *terceira onda*, é a “vertente que mais cresceu na última década”.¹⁵⁶

¹⁵³ Cf. RABELLO, *História da Igreja do Nazareno*.

¹⁵⁴ *Deuteropentecostais* são os pertencentes “[...] a segunda fase do pentecostalismo brasileiro, iniciada no final dos anos 50 e início dos anos 60 [...], caracterizando-se pela inclusão de igrejas carismáticas independentes que aceitam os dons do Espírito Santo como válidos para os dias atuais. Cf. SILVA, *Pentecostalismo e neopentecostalismo*, p.3.

¹⁵⁵ Cf. BLEDSOE, *Movimento Neopentecostal Brasileiro*, p.26-40.

¹⁵⁶ Cf. MARIANO, *Os neopentecostais e a teologia da prosperidade*, p.26

**Diferenças básicas entre os movimentos de
Clássico/Históricos e Segunda Onda do pentecostalismo brasileiro**

Clássicos/Históricos	Segunda Onda
Ênfase: <i>Batismo no Espírito Santo</i> <i>Dons do Espírito Santo</i> <i>Cura Divina</i> <i>Retorno de Cristo</i> ¹⁵⁷	Ênfase: <i>Cura Divina</i> <i>Libertação (exorcismo)</i> ¹⁵⁸
Liturgia: <i>Bastante rígida</i> <i>Uso de instrumentos musicais mais clássicos</i>	Liturgia: <i>Não tão rígida</i> <i>Uso de instrumentos musicais mais populares</i>
Conduta social: <i>Usos e costumes</i> ¹⁵⁹	Conduta social: <i>Sem usos e costumes</i> <i>Participação na política</i> ¹⁶⁰

No segundo capítulo, tratar-se-á com mais detalhe as teologias e demais características de cada grupo.

1.6 NASCIDOS NO BRASIL: OS PRIMEIROS FRUTOS

A história do protestantismo brasileiro teve influência direta do protestantismo estadunidense e também europeu. Com exceção da *Igreja Presbiteriana Independente* (1903), as demais denominações somente foram implantadas no início dos anos 50. Até esse momento o Brasil protestante era nitidamente um campo missionário. A partir desse período começaram a surgir as primeiras igrejas protestantes brasileiras, essas igrejas surgiram de dissidentes de outras igrejas já instaladas, mas, na grande maioria, mantendo a influência dos sistemas teológicos

¹⁵⁷ Cf. BLEDSOE, *Movimento Neopentecostal Brasileiro*, p.26-40. Os “usos e costumes”, no protestantismo brasileiro, é o termo que reúne o conjunto de ordenanças das igrejas pentecostais clássicas (Assembléia de Deus, Igreja Pentecostal Deus é Amor, e outras) no que diz respeito: **(a)**às vestimentas (a mulher não pode usar roupas com características masculinas como calças, camisas, paletós, etc. com base no texto bíblico de Dt 22.5), a proibição do uso de roupas de banho na praia, rio, piscina, etc.; **(b)**aos cabelos (o homem não pode usar cabelo comprido e a mulher não pode cortar ou aparar os cabelos com base no texto de Paulo aos Coríntios, 1Co 1-16); **(c)**o ministro poderá realizar um culto somente se estiver vestido de paletó e gravata; **(d)**a proibição do uso de aparelho de televisão; **(e)**proibição da prática esportiva como o futebol; **(f)**a proibição do uso de maquiagem e jóias; e outras.

¹⁵⁸ ib.

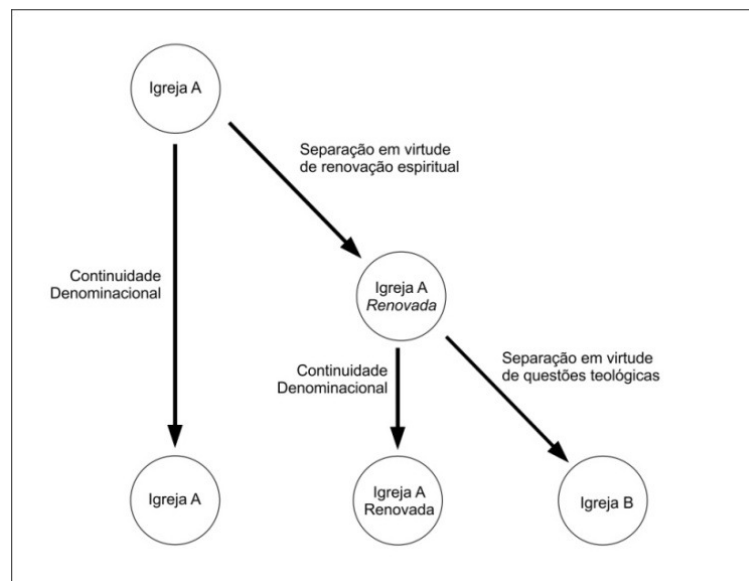
¹⁵⁹ ib.

¹⁶⁰ ib.

estadunidense. As denominações históricas continuaram suas caminhadas, mantendo suas teologias e, de forma paralela, crescia o número de igrejas brasileiras. As igrejas brasileiras iniciavam, na grande maioria, de dissidentes das denominações históricas. As razões da dissidência raramente eram de ordem teológica, e sim nas questões administrativas e de avivamento.

No quadro a seguir, temos de forma gráfica, quase que numa progressão geométrica, o retrato do surgimento de novas igrejas protestantes no Brasil.

Figura 1 – Igrejas e novas igrejas



Temos uma Igreja “A” (*protestantismo histórico* ou *tardio*, *pentecostalismo histórico*) que no decorrer do tempo passa por um período de *renovação espiritual*. Essa renovação espiritual não é aceita pela denominação (Igreja “A”), logo, há uma dissidência. Entretanto, os dissidentes permanecem com o mesmo nome, apenas acrescentando a expressão *renovada*, *avivada*, *restaurada*, etc., porque diz respeito ao fato da *renovação*. Com isso, surgindo uma Igreja “A” *Renovada*. Tanto a Igreja “A” quanto a Igreja “A” *Renovada* possuem algo em comum (aspectos teológicos, doutrinários, etc.). Com o passar do tempo, a Igreja “A” *Renovada* enfrenta situações conflitantes na teologia, organização, objetivos, missões, etc., resultando numa nova dissidência, surgindo uma Igreja “B” e, às vezes, completamente distinta da igreja “A”.

Nos itens seguintes, são apresentados algumas das inúmeras denominações protestantes que nasceram no Brasil:

1.6.1 Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (1903) – IPIB

As causas da divisão da Igreja presbiteriana são complexas e difíceis de serem analisada em poucas linhas. No entanto, o grande problema subjacente era o de autonomia da Igreja nacional. A jovem Igreja nacional, criada em 1888, controlaria o seu próprio destino, determinaria a sua própria estratégia, estabeleceria as suas próprias prioridades – ou tais coisas seriam determinadas em Nova York e Nashville [...].¹⁶¹

Eduardo Carlos Pereira defendia um “grupo nacionalista” que lutava pela autonomia, “que já existia de direito”, da igreja brasileira.¹⁶² As questões do ensino e do ensino teológico, bem como as “relações missionários-Igreja nacional” não tornavam a igreja isenta de “atritos pessoais”.¹⁶³ Contudo, a questão da maçonaria foi determinante para a separação. Em 1899 foi levantada a questão “pode o crente filiar-se à maçonaria?”, deixando a questão para que cada crente tivesse a “liberdade de aderir ou não à maçonaria”.¹⁶⁴

Até que ponto se pode considerar a questão maçônica a “causa” do cisma? No seu valioso livreto, *As origens da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil*, Pereira declara: “As origens da independência presbiteriana são antecedentes históricos, que, por mais de três lustros, vieram, de onda em onda, desdobrar-se no auspicioso movimento de 31 de Julho de 1903.”¹⁶⁵

1.6.2 Igreja de Cristo no Brasil (1953) – ICB

O primeiro a desvincular-se da AD foi Manoel Higinio de Souza (1903-1975), teve acesso à “doutrina calvinista” por meio de um material vindo dos Estados Unidos, “passou a defender essa doutrina”.¹⁶⁶ Foi “desligado” da AD em “outubro de 1953” e, na cidade de Mossoró, funda a denominação “Assembléia de Cristo”, que mais tarde passou a ser chamada de *Igreja de Cristo no Brasil*.¹⁶⁷

¹⁶¹ Cf. REILY, *História Documental do Protestantismo no Brasil*, p.168.

¹⁶² ib.

¹⁶³ ib.

¹⁶⁴ ib.

¹⁶⁵ ib. p.169.

¹⁶⁶ Cf. BLEDSOE, *Movimento Neopentecostal Brasileiro*, p.106

¹⁶⁷ ib.

1.6.3 Igreja Evangélica Assembléia de Deus de Madureira (1953) – ADM

Paulo Leivas Macalão (1903-1982) era pastor de Assembléia de Deus, iniciando “o trabalho de evangelização” no bairro Bangú, no estado do Rio de Janeiro em 1929.¹⁶⁸ Em 1930 foi ordenado pastor, dando origem a divergências com os pastores da AD, pois exercia um ministério voltado às classes mais baixas, e “como ele dizia: ‘Jesus se apossava dos subúrbios’”.¹⁶⁹ Em 1953 inaugurou o templo no bairro Madureira e, em 1958 foi eleito “pastor geral do Ministério das ADs de Madureira e das igrejas filiadas”.¹⁷⁰

1.6.4 Igreja Evangélica Pentecostal o Brasil Para Cristo (1956) - IEPBC

Manoel de Melo (1929-1990), que pertenceu à *Assembléia de Deus* e, posteriormente, à *Igreja do Evangelho Quadrangular*, iniciou a “Cruzada Nacional de Evangelização” em 1953, da qual surgiu, em 1956, a *Igreja Evangélica Pentecostal o Brasil para Cristo*.¹⁷¹ A *Igreja Evangélica Pentecostal o Brasil Para Cristo*, se distinguia das demais igrejas da época por ser “mais brasileira”, isto é, não foi fundada por estrangeiros nem tampouco estava ligada “a nenhuma denominação no exterior”.¹⁷² Essa denominação, embora sendo pentecostal, era mais “flexível” quanto aos *dons espirituais*, e “mais voltada aos problemas políticos-sociais.” Foi também a primeira igreja brasileira a fazer parte do movimento ecumênico, filiando-se desde 1961 ao CMI (Conselho Mundial de Igrejas).¹⁷³

¹⁶⁸ Cf. CORREA, *Assembléia de Deus: ministérios, carisma e exercício de poder*, p.107.

¹⁶⁹ ib.

¹⁷⁰ ib. p.108.

¹⁷¹ Cf. REILY, *História Documental do Protestantismo no Brasil* p.365-366, 374.

¹⁷² ib. p.374.

¹⁷³ ib. p.375,

1.6.5 Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962) – IPDA

A IPDA foi fundada no dia 3 de junho de 1962 por David Martins Miranda (1936-2015).¹⁷⁴ David Miranda se converteu ao pentecostalismo em 1958 na *Igreja Cristã Pentecostal Maravilhas de Jesus* e, por não aceitar as mudanças modernas¹⁷⁵ ocorridas na igreja e tendo uma experiência sobrenatural em novembro de 1961, funda a denominação. Em sua autobiografia, Davi Miranda “omite o nome da igreja e do pastor que pregava quando ele se converteu”.¹⁷⁶ Contudo, Davi Miranda, segundo a *Igreja Cristã Pentecostal Maravilhas de Jesus*, congregou “por seis meses” e não foi batizado “porque não estava preparado”.¹⁷⁷ Logo, saiu e passou a congregar na *Igreja Pentecostal de Jerusalém*, uma igreja dissidente da *Maravilhas de Jesus*, e na *Igreja Pentecostal o Brasil Para Cristo*.¹⁷⁸ Davi Miranda também não se adaptou na *Brasil Para Cristo*, “não se dando bem em nenhuma igreja” até que funda a sua própria denominação a *Igreja Pentecostal Deus é Amor*.¹⁷⁹

1.6.6 Igreja Nova Vida (1967-1968) – IVN

Nos anos 50, Walter Robert McAlister (1931) e sua esposa Glória Garr eram missionários em alguns países como Filipinas, Alemanha, França e outros, logo, em 1959, vieram para o Brasil. Pertenciam à “Assembléia de Deus, e mais tarde à Cruzada Nacional de Evangelização”, entretanto, abandonaram o pentecostalismo clássico “frustrados com a rigidez” e começaram no Rio de Janeiro um ministério evangelístico. Somente no “final dos anos 1960”, fundaram a *Igreja Nova Vida*. McAlister inovou em alguns aspectos o pentecostalismo no Brasil, entre eles o uso

¹⁷⁴ IGREJA PENTECOSTAL DEUS É AMOR. Disponível em: http://www.ipda.com.br/ipda/ipda/historico_ipda.php. Acesso em 27 de outubro de 2015.

¹⁷⁵ Essas *mudanças modernas* no pensamento da IPDA, diz respeito o abandono dos *usos e costumes* bem como o envolvimento com a política, prática de lazer, uso de instrumentos musicais populares nos templos, e demais coisas.

¹⁷⁶ Cf. MENDONÇA, *Igreja Pentecostal Deus é Amor: origens, características e expansão*, p.32.

¹⁷⁷ ib.

¹⁷⁸ ib.

¹⁷⁹ ib.

“centralizado e episcopal” no governo da igreja; e um nível “educacional” e na “competência dos negócios”, mobilizando uma classe ainda não alcançada pelo protestantismo no Brasil, a classe média.¹⁸⁰

1.6.7 Igreja Metodista Wesleyana (1967) – IMW

Dissidentes da Igreja Metodista, em virtude do “batismo com o Espírito Santo como sendo a segunda benção para o crente”, iniciaram em 1962 o movimento denominado *Igreja Metodista Wesleyana*. Tendo como ministros Gessé Teixeira de Carvalho, José Moreira da Silva e outros.¹⁸¹

1.6.8 Igreja Cristã Maranata (1968) – ICM

Dissidente da Igreja Presbiteriana do Brasil, com vertente pentecostal, “foi fundada em janeiro de 1968”, em Vila Velha, estado do Espírito Santo. No texto histórico da denominação temos:

A palavra Maranata para nós não é só um nome, mas um patrimônio espiritual. A palavra Maranata identifica o chamado, uma convocação do Espírito Santo, para um momento, um tempo especial da história e vida da igreja que é o ARREBATAMENTO.¹⁸²

1.6.9 As Comunidades Evangélicas (1969 – 1970) – CE

As comunidades evangélicas ou *comunidades cristãs* surgiram nos anos “60 e 70” após experimentarem “uma renovação espiritual”, ou seja, “o batismo no Espírito

¹⁸⁰ Cf. BLEDSOE, David Allen. *Movimento Neopentecostal Brasileiro*, p.45.

¹⁸¹ IGREJA METODISTA WESLWYANA. Disponível em: http://www.imw-aeroportoelho.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1&Itemid=20 Acesso em 27 de outubro de 2015.

¹⁸² IGREJA CRISTÃ MARANATA. Disponível em: <http://www.igrejacristamaranata.org.br/?p=4110> . Acesso em 27 de outubro de 2015.

Santo, o falar em línguas, a crença nos dons espirituais”, bem como “a revitalização da fé”.¹⁸³ João de Souza Filho ainda acrescenta:

Quando o avivamento chegava, grupos de crentes e por vezes igrejas inteiras eram excluídas da igreja maior, da convenção, do concílio, do ministério ou do presbitério, conforme o nome que se dá em cada grupo. [...] Os excluídos, em sua grande maioria passaram a formar novas denominações. [...] Na década dos anos 1970 muitos outros irmãos que como resultado da renovação espiritual foram excluídos de suas igrejas locais, abriram espaço para a criação das comunidades cristãs.¹⁸⁴

As *comunidades cristãs* serviram de abrigo para os dissidentes de igrejas históricas em virtude da liturgia e dos *usos e costumes*. “Metodistas, luteranos, anglicanos e batistas” e até mesmo *assembleianos* deixavam suas congregações para membrar-se nessas comunidades.¹⁸⁵

Essas *comunidades* foram influenciadas por fatores além do protestantismo brasileiro, entre eles: (1) A ideia de *discipulado*¹⁸⁶ que iniciou na Argentina com o *Movimento de Discipulado* (1967) através de Jorge Himitiam. O *Movimento de Discipulado* traz a ideia de que Jesus Cristo como *Salvador* e como *Senhor*, e como Senhor, “implicava compromisso, sujeição e submissão” do crente como *servo* para com a pessoa de Cristo. O senhorio de Cristo está diretamente relacionado com “a experiência da salvação”. Esse movimento, mais tarde, foi levado aos Estados Unidos (1972-1973).¹⁸⁷ (2) A ênfase sobre a *unidade da igreja*, também de origem Argentina, foi levada aos Estados Unidos, e depois trazida ao Brasil.¹⁸⁸ (3) O entendimento de que a base das congregações são as famílias e, em virtude disso, a vida “em família deveria ser valorizada”, bem como ser “eficaz e coerente”¹⁸⁹,

¹⁸³ Cf. FILHO, *Breve ensaio da análise da igreja brasileira e as perspectivas futuras: período 1960-2008*.

¹⁸⁴ ib.

¹⁸⁵ ib.

¹⁸⁶ *Discipulado* no contexto protestante é a forma de ensino das verdades básicas acerca da vida Cristã: salvação, oração, adoração, mordomia, santificação, sujeição a Deus, etc.

¹⁸⁷ Cf. WALKER, *A igreja do Século 20: a história que não foi contada*. p.109-116.

¹⁸⁸ ib. p.116-117.

¹⁸⁹ ib. p.117.

como os demais itens anteriores tiveram origem no Avivamento Argentino, e depois vindo pelos Estados Unidos. (4) A influência da *música* e a *forma de adoração na igreja* norte-americana também tiveram influência nas *comunidades evangélicas* dos anos 70 e 80. As formas de *louvor congregacional*¹⁹⁰, *comunhão*, *júbilo*, *guerra* e *adoração* influenciadas pelo *Hosanna! Music*, eram as marcas dessas *comunidades evangélicas*.

O movimento das *comunidades evangélicas* ou *comunidades cristãs* é o elemento de transição entre o *pentecostalismo* e o *neopentecostalismo*. Muitas comunidades permaneceram no seu pensamento inicial: discipulado, unidade da igreja, família, louvor congregacional. Entretanto, outras avançaram mais adiante, abandonando algumas dessas questões e agregando outros fatores também de origem norte-americana.

José Bittencourt Filho descreve este período:

Na década de 1970 quando do auge da ditadura militar as denominações clássicas já estavam internamente cindidas pelos movimentos reavivalistas e pelos movimentos de índole carismático-pentecostal. Esses movimentos iriam dar início a um novo denominacionalismo evangélico que iria explodir na década de 1980 e que na década seguinte iria caracterizar-se pela sua capacidade de mobilização multitudinária, acúmulo de recursos materiais e financeiros, e ainda um prestígio social e político crescente.¹⁹¹

1.6.10 Igreja Presbiteriana Renovada (1973) – IPR

Os efeitos do pentecostalismo, ou chamado fenômeno “carismático”, com um chamado forte pelo *batismo com o Espírito Santo*, o *falar em línguas*, as *curas divinas*, etc. “Nenhuma denominação ficou isenta da influência do movimento”.¹⁹²

¹⁹⁰ O *louvor congregacional*, é a forma de manifestação musical dentro das *comunidades evangélicas*. No protestantismo clássico e também no pentecostalismo histórico existem livretos oficiais de músicas, apresentação de cânticos individuais, instrumentos musicais mais clássicos (piano e órgão) e em algumas situações uma orquestra. Nas *comunidades*, foi abolido o uso do *hinário* e introduzido o *ministério de louvor* (grupo específico para guiar os fiéis nos cânticos), instrumentos como sintetizadores, baterias, guitarras, violões e equipamentos de projeção.

¹⁹¹ Do texto de José Bittencourt Filho, *Da aventura Protestante... Apontamentos para reflexão*. Cf. DIAS, *Memórias ecumênicas protestantes – Os protestantes e a Ditadura: colaboração e resistência*, p.18.

¹⁹² Cf. REILY, *História Documental do Protestantismo no Brasil* p.336

Entre elas a *Igreja Presbiteriana Independente do Brasil*.¹⁹³ A IPIB leva o caso do fenômeno pentecostal ao “Supremo Concílio” em 1972, no entanto, em 1973 forma-se a *Igreja Presbiteriana Renovada*.¹⁹⁴

Nos documentos da IPIB, onde se trata do “avivamento espiritual”, são tomadas, entre muitas, as seguintes decisões pela “Mesa Administrativa do Supremo Concílio”:

Que o movimento chamado “avivamento”, “reavivamento”, “despertamento espiritual”, “avivamento” etc., tem adquirido em determinadas circunstâncias, no tempo e no espaço, formas nitidamente pentecostais; que em suas práticas, muitas vezes, apresentam um comportamento que está fora das nossas tradições presbiterianas, doutrinárias e forma de culto; que em seus movimentos muitas vezes sem um controle criterioso têm dado oportunidade à exploração por indivíduos mal intencionados, aproveitadores das comunidades presbiteriano-independentes; que grupos muitas vezes criados dentro de nossas comunidades, representados pelos chamados “profetas”; “profetizas”, “servos do senhor”, e práticas como “unção com óleo”, “ósculo santo”, “cumprimentos – na paz do senhor”, “uso de línguas estranhas”, “atividades de cura divina” etc., são identificações de igrejas pentecostais, assumindo atitudes concorrentes e de substituição aos que continuam fiéis à nossa tradição presbiteriana e da autoridade regente e docente do nosso presbiterato que até hoje tem dado tantas glórias à IPI do Brasil em nome do senhor da Igreja, Jesus Cristo.¹⁹⁵

A essa altura, já tínhamos, no Brasil, com maior relevância, as seguintes denominações:

Data de chegada ou fundação	Segmento Protestante/Denominação	Classificação
1822	Anglicanos	Protestantismo Clássico/Histórico ou Tradicional
1824	Luteranos	Protestantismo Clássico/Histórico ou Tradicional
1836/1866	Metodistas	Protestantismo Tardio
1855/1858	Congregacionais	Protestantismo Clássico/Histórico ou Tradicional
1862	Presbiterianos (Reformados)	Protestantismo Clássico/Histórico ou Tradicional
1871/1882	Batistas	Protestantismo Tardio
1903	Igreja Presbiteriana Independente	Protestantismo Clássico/Histórico ou Tradicional
1910	Congregação Cristã no Brasil	Pentecostalismo Clássico/Histórico ou da Primeira Onda

¹⁹³ ib.

¹⁹⁴ ib.

¹⁹⁵ ib. p. 337.

1911	Assembléia de Deus	Pentecostalismo Clássico/Histórico ou da Primeira Onda
1951	Igreja do Evangelho Quadrangular	Pentecostalismo da Segunda Onda ou Deuteropentecostalismo ¹⁹⁶
1953	Assembléia de Deus de Madureira	Pentecostalismo Clássico/Histórico ou da Primeira Onda
1953	Igreja de Cristo no Brasil	Pentecostalismo Clássico/Histórico ou da Primeira Onda
1956	Igreja Evangélica Pentecostal o Brasil Para Cristo	Pentecostalismo da Segunda Onda ou Deuteropentecostalismo
1956/1958	Igreja do Nazareno	Pentecostalismo da Segunda Onda ou Deuteropentecostalismo
1962	Igreja Pentecostal Deus é Amor	Pentecostalismo Clássico/Histórico ou da Primeira Onda
1968-1967	Igreja Vida Nova	Pentecostalismo da Segunda Onda ou Deuteropentecostalismo
1967	Igreja Metodista Wesleyana	Pentecostalismo da Segunda Onda ou Deuteropentecostais
1968	Igreja Cristã Maranata	Pentecostalismo da Segunda Onda ou Deuteropentecostalismo
1969-1970	Comunidades Evangélicas/Comunidades Cristãs	Pentecostalismo da Segunda Onda ou Deuteropentecostalismo
1973	Igreja Presbiteriana Renovada	Pentecostalismo Clássico/Histórico ou da Primeira Onda

1.7 NEOPENTECOSTAIS: NOVAS SEMENTES

A partir dos anos 70, começa um novo momento na história do protestantismo brasileiro. Assim como os pentecostais históricos, seguidos do movimento “segunda onda”, foram influenciados por uma teologia importada, o movimento *neopentecostal*, por sua vez, também fora e continua sendo influenciado pela teologia norte-americana. Nomes como Thomas Lee Osborn (1913-2013), Kenneth Erwin Hagin (1917-2003), Morris Cerullo, Mike Murdock e outros norte-americanos são os principais influenciadores do neopentecostalismo brasileiro. Claudionor Correa de Andrade, em seu *Dicionário Teológico*, define neopentecostalismo como:

[...] o neopentecostalismo foi recebido como a esperada alternativa para os evangélicos que, apensar de não se sentirem bem históricas, achavam-se pouco à vontade no pentecostalismo clássico. Embora não empreste tanta ênfase ao batismo no Espírito Santo e aos dons espirituais, o neopentecostalismo faz questão de dinamizar a sua liturgia.¹⁹⁷

¹⁹⁶ *Deuteropentecostais* são os pertencentes “[...] a segunda fase do pentecostalismo brasileiro, iniciada no final dos anos 50 e início dos anos 60 [...], caracterizando-se pela inclusão de igrejas carismáticas independentes que aceitam os dons do Espírito Santo como válidos para os dias atuais. Cf. SILVA, *Pentecostalismo e neopentecostalismo*, p.3.

¹⁹⁷ Cf. ANDRADE, *Dicionário Teológico*. p.276.

1.7.1 Igreja Universal do Reino de Deus (1977) – IURD

Dissidente da *Igreja Nova Vida*, Edir Macedo (18/05/1945), em 1977, juntamente com Romildo Ribeiro Soares (R. R. Soares) e outros, “fundaram a Igreja Cruzada do Caminho Eterno”.¹⁹⁸ Mais tarde, após separar-se dos demais, ficando somente com R. R. Soares, Macedo começou a realizar cultos “no prédio de uma antiga funerária”, iniciando assim a Igreja Universal do Reino de Deus, no bairro Abolição, no estado do Rio de Janeiro. Urbano Zilles, na obra *Religiões: crenças e credences*, escreve:

O movimento liderado por Edir Macedo, expandiu-se rapidamente por todo o Brasil e para o exterior. [...] Reúnem-se em velhos galpões de fábrica, em garagens ou cinemas desativados, comprados ou alugados, multiplicando rapidamente os lugares de culto. [...] Não se pode entender o fenômeno da Igreja Universal do Reino de Deus sem o talento organizador de Edir Macedo.¹⁹⁹

A IURD é uma das denominações neopentecostais que mais faz valer o pensamento neopentecostal, entre eles “as implicações do evangelho se estendem a bênçãos físicas, financeiras e espirituais”.²⁰⁰ Os crentes são levados a exercitarem a fé, ou seja, a “confiança em Jesus”, mantendo uma vida de doações constantes como “sacrifícios” ao próprio Deus.²⁰¹

1.7.2 Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) – IIGD

Romildo Ribeiro Soares (1947), popularmente chamado de R. R. Soares, assim como Edir Macedo, são dissidentes da *Igreja Nova Vida*. Em 1980 afasta-se da recém-fundada *Igreja Universal do Reino de Deus* devido às disputas quanto à liderança, e funda a *Igreja Internacional da Graça de Deus*. A *Igreja Internacional da*

¹⁹⁸ Cf. BLEDSOE, David Allen. *Movimento Neopentecostal Brasileiro*. p.49.

¹⁹⁹ Cf. ZILLES, *Religiões: crenças e credences*. p.180-181.

²⁰⁰ Cf. BLEDSOE, David Allen. *Movimento Neopentecostal Brasileiro*, p.50.

²⁰¹ ib. p.51.

Graça de Deus é muito semelhante à IURD nas doutrinas neopentecostais como o *Movimento da Fé* e os livros de “Kenneth Hagin”.²⁰² Assim como Edir Macedo com relação à IURD, R. R. Soares “mantém o controle pessoal sobre a” igreja.²⁰³

1.7.3 Igreja Apostólica Renascer em Cristo (1986) – IARC

Estevam Hernandes Filho (1954) juntamente com a sua esposa Sônia Haddad Morais Hernandes (1958), “sofrendo os efeitos da religiosidade”, deixaram a igreja²⁰⁴ na qual congregavam e, em “12 de março de 1986” fundaram a *Igreja Apostólica Renascer em Cristo*.²⁰⁵ A *Igreja Apostólica Renascer em Cristo* é uma das primeiras denominações brasileiras a utilizar a função e nomenclatura de *apóstolo* para o seu líder, caracterizando, não somente por esse fato, a questão neopentecostal. Tornou-se popularmente conhecida no Brasil pelo “seu *megashow* anual” e pela realização da *Marcha Para Jesus*²⁰⁶ na cidade de São Paulo.²⁰⁷

1.7.4 Comunidade Evangélica Sara a Nossa Terra (1992) – CESNT

Iniciou dentro do modelo das comunidades evangélicas, no entanto, mantendo algumas questões litúrgicas das comunidades, mergulha no

²⁰² ib. p.47.

²⁰³ ib. p.48.

²⁰⁴ Quase na totalidade, as igrejas *pentecostais* e *neopentecostais* são desprovidas de um relato histórico como: origem, dissidências, divisões, datas, nomes, etc. Com isso, dificultando um apanhado histórico. A IARC é citada em alguns sites como dissidente da *Igreja Cristã Pentecostal da Bíblia*. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_Renascer_em_Cristo Acesso 21 de abril de 2016.

²⁰⁵ Cf. IGREJA APOSTÓLICA RENASCER EM CRISTO. Disponível em: <http://renasceremcristo.com.br/renascer/#.VjjsGStCzKA> Acesso em 03 de novembro de 2015.

²⁰⁶ *Marcha Para Jesus*. Augustus Nicodemus Lopes, no seu artigo “*A favor de Cristo e contra a Marcha Para Jesus*”, diz que a origem da marcha teve origem na cidade de Londres em 1987, fundada pelo pastor Roger Foster e pelos cantores Graham Kendrick, Gerald Coates e Lynn Green, “portando não é uma invenção da Igreja Renascer do Brasil”. Ela simplesmente importou a idéia para a nossa pátria”. Nos anos 90, a marcha se tornou um evento de “proporções continentais, “ocorrendo em toda a Europa”. Em 1992 a *Marcha Para Jesus* “se tornava um movimento mundial”. Somente em 1993 ela chega ao Brasil, “sob a orientação da Renascer”. LOPES, *A favor de Cristo e contra a Marcha Para Jesus*.

²⁰⁷ Cf. BLEDSOE, David Allen. *Movimento Neopentecostal Brasileiro*, p.50.

neopentecostalismo, principalmente na doutrina da “quebra de maldições” e maldições hereditárias.²⁰⁸ Fundada anteriormente nos anos 70 como *Comunidade Evangélica de Goiânia* por um grupo de jovens que, juntamente com Robson Lemos Rodvalho (1955), e mais tarde, em 1992, por divina revelação, com base no texto de II Crônicas 7:14, funda a *Comunidade Evangélica Sara a Nossa Terra*.²⁰⁹

1.7.5 Igreja Mundial do Poder de Deus (1998) – IMPD

Com ênfase nas curas e nos milagres e “fazendo investimentos significativos em televisão e rádio”, fundada por Valdemiro Santiago de Oliveira (1963), que era “ex-líder da IURD”, a *Igreja Mundial do Poder de Deus* é uma denominação neopentecostal que se encontra em “rápida expansão”.²¹⁰ Fundada em 1998²¹¹, usa de muitos meios para arrecadação de fundos em suas campanhas, como: trizimo, martelo de ouro, meia ungida, toalha ungida, colher de pedreiro milagrosa e outros.

1.7.6 Bola de Neve Church (1999) – BNC

A igreja *Bola de Neve Church* se “enquadra entre as voltadas a ‘tribos urbanas’; e, como as demais igrejas neopentecostais, usa de antigos cinemas para “se tornar templo da *Bola de Neve*”.²¹² “Oficializada em 1999”, originou-se da *Igreja Apostólica Renascer em Cristo*, fundada por Rinaldo Luís de Seixas Pereira, quando na época da *Igreja Apostólica Renascer em Cristo*, “era um dos responsáveis pelo ministério de evangelismo”, logo, “intitulando-se Apóstolo Rina”.²¹³

²⁰⁸ ib. p.53.

²⁰⁹ COMUNIDADE EVANGÉLICA SARA A NOSSA TERRA. Disponível em: <http://www.saranossaterra.com.br/historia-da-sara> . Acesso em 05 de novembro de 2015.

²¹⁰ Cf. BLEDSOE, David Allen. *Movimento Neopentecostal Brasileiro*, p.52.

²¹¹ ib.

²¹² Cf. RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto; CUNHA, Danilo da Silva. “Bola de Neve”: Um fenômeno pentecostal contemporâneo. p.500.

²¹³ ib. p.504.

1.7.7 Neopentecostalização

O termo é usado por David Allen Bledsoe, na sua obra *Movimento Neopentecostal Brasileiro: um estudo de caso*, para caracterizar a influência das práticas neopentecostais em igrejas pentecostais históricas ou protestantes históricas. Essa influência está não somente nas denominações da “primeira e da segunda onda”, mas também no movimento da “renovação carismática”.²¹⁴

Um típico caso é o da *Assembléia de Deus Vitória em Cristo*, presidida pelo pastor Silas Lima Malafia (1958), onde é nítido o processo de *neopentecostalização*, embora mantendo a teologia e liturgia das igrejas Assembléia de Deus, entretanto, adota em seus programas de televisão temas como a teologia da prosperidade, campanhas com Morris Cerullo e Mike Murdock e a Bíblia de R\$ 900,00. Bledsoe encerra o capítulo sobre o “desenvolvimento histórico do pentecostalismo no Brasil”, com o seguinte texto:

O movimento neopentecostal brasileiro mostra semelhanças e interdependências com o pentecostalismo global norte-americano. Não, obstante, demonstra suas peculiaridades e distinções locais. Este movimento também tem afetado algumas igrejas previamente estabelecidas às ondas pentecostais iniciais, igrejas renovadas, denominações históricas tradicionais e paróquias católicas. Assim, o neopentecostalismo tem promovido a diversificação do pentecostalismo e do cenário evangélico geral no Brasil.²¹⁵

O quadro do protestantismo no Brasil até o ano 2000, apresentando as denominações de maior relevância, tem sido o seguinte:

Data de chegada ou fundação	Segmento Protestante/Denominação	Classificação
1822	Anglicanos	Protestantismo Clássico/Histórico ou Tradicional
1824	Luteranos	Protestantismo Clássico/Histórico ou Tradicional
1836/1866	Metodistas	Protestantismo Tardio
1855/1858	Congregacionais	Protestantismo Clássico/Histórico ou Tradicional
1862	Presbiterianos (Reformados)	Protestantismo Clássico/Histórico ou Tradicional

²¹⁴ Cf. BLEDSOE, David Allen. *Movimento Neopentecostal Brasileiro*, p.57.

²¹⁵ ib. p.58-59.

1871/1882	Batistas	Protestantismo Tardio
1903	Igreja Presbiteriana Independente	Protestantismo Clássico/Histórico ou Tradicional
1910	Congregação Cristã no Brasil	Pentecostalismo Clássico/Histórico ou da Primeira Onda
1911	Assembléia de Deus	Pentecostalismo Clássico/Histórico ou da Primeira Onda
1951	Igreja do Evangelho Quadrangular	Pentecostalismo da Segunda Onda ou Deuteropentecostalismo ²¹⁶
1953	Assembléia de Deus de Madureira	Pentecostalismo Clássico/Histórico ou da Primeira Onda
1953	Igreja de Cristo no Brasil	Pentecostalismo Clássico/Histórico ou da Primeira Onda
1956	Igreja Evangélica Pentecostal o Brasil Para Cristo	Pentecostalismo da Segunda Onda ou Deuteropentecostalismo
1956/1958	Igreja do Nazareno	Pentecostalismo da Segunda Onda ou Deuteropentecostalismo
1962	Igreja Pentecostal Deus é Amor	Pentecostalismo Clássico/Histórico ou da Primeira Onda
1968-1967	Igreja Vida Nova	Pentecostalismo da Segunda Onda ou Deuteropentecostalismo
1967	Igreja Metodista Wesleyana	Pentecostalismo da Segunda Onda ou Deuteropentecostais
1968	Igreja Cristã Maranata	Pentecostalismo da Segunda Onda ou Deuteropentecostalismo
1969-1970	Comunidades Evangélicas/Comunidades Cristãs	Pentecostalismo da Segunda Onda ou Deuteropentecostalismo
1973	Igreja Presbiteriana Renovada	Pentecostalismo Clássico/Histórico ou da Primeira Onda
1977	Igreja Universal do Reino de Deus	Neopentecostalismo
1980	Igreja Internacional da Graça de Deus	Neopentecostalismo
1986	Igreja Apostólica Renascer em Cristo	Neopentecostalismo
1992	Comunidade Evangélica Sara a Nossa Terra	Neopentecostalismo
1998	Igreja Mundial do Poder de Deus	Neopentecostalismo
1999	Bola de Neve Church	Neopentecostalismo

1.8 IGREJA EMERGENTE: TRANSGÊNICOS?

Um dos mais novos segmentos protestantes que tem chegado ao Brasil, mais uma vez pela via dos Estados Unidos da América, é o movimento denominado *Igreja Emergente*. Esse movimento, embora não apresente de forma clara uma denominação, entre muitas características, traz as questões da pós-modernidade,

²¹⁶ *Deuteropentecostais* são os pertencentes “[...] a segunda fase do pentecostalismo brasileiro, iniciada no final dos anos 50 e início dos anos 60 [...], caracterizando-se pela inclusão de igrejas carismáticas independentes que aceitam os dons do Espírito Santo como válidos para os dias atuais. Cf. SILVA, *Pentecostalismo e neopentecostalismo*, p.3.

ou seja, a igreja deve apresentar uma “ortodoxia generosa”²¹⁷, capaz de ser “inclusivista/pluralista”, trazendo um “sistema cristão adaptado ao tempo”.²¹⁸ De forma mais simples, é a tentativa da igreja em alcançar “a geração pós-moderna”, trazendo, com isso, uma reflexão quanto “as necessidades e os valores percebidos desta geração”.²¹⁹ No texto de Maister, lemos:

Igreja emergente é simplesmente um termo usado para um contexto pós-moderno, pós-cristão de ser igreja no mundo de hoje. [...] e busca, basicamente, servir dentro de seu tempo e cultura.²²⁰

O pensamento da *Igreja Emergente*, de maneira geral, “se opõe à igreja evangélica tradicional”, pois a igreja tradicional, na visão emergente, é “cativa dos conceitos do absolutismo da era moderna”.²²¹ A igreja emergente traz consigo algumas marcas que podem ser diagnosticadas, entre elas o pluralismo. Na obra *A Generous Orthodoxy*, McLaren conceitua:

Por que sou um cristão missional, evangélico, pós-protestante, liberal-conservador, místico-poético, bíblico, carismático-contemplativo, fundamentalista-calvinista, anabatista-anglicano, metodista, católico, verde, encarnacional, deprimido-mas-esperançoso, emergente e inacabado.²²²

Oficialmente, no Brasil, o movimento *Igreja Emergente* surge no ano de 2006, com a *Convenção Brasileira de Igrejas Emergentes (02/01/2006)*.²²³

²¹⁷ O termo é originário do inglês *A Generous Orthodoxy*, obra de Brian McLaren.

²¹⁸ Cf. MEISTER, *Igreja Emergente, a Igreja do pós-modernismo? Uma avaliação provisória*. p.97-98.

²¹⁹ *ib.* p.100

²²⁰ *ib.*

²²¹ *ib.* p.103

²²² *ib.* p.104

²²³ *ib.* p.96.

1.9 TRÂNSITO INTERDENOMINACIONAL

Outro fato que não deve passar despercebido quando se estuda o protestantismo brasileiro é o trânsito interdenominacional, isto é, a transferência de pessoas de uma denominação para outra denominação. A *conversão*, que sempre foi um fato determinante no protestantismo, atualmente “está deixando de ser sinônimo de troca profunda de pertença e se tornando um ato banalizado de troca de templos”.²²⁴ A partir da conversão, um membro de uma denominação é atraído para outra denominação em virtude de uma “campanha de cura e libertação”, ou em virtude da identificação musical, ou ainda, pela pregação do pastor ser mais “ungida”. Estes fatos e muitos outros colaboram diretamente para que ocorra este trânsito interdenominacional.

A verdade é que o protestantismo brasileiro muitas vezes se apresenta como um “mercado religioso”²²⁵ onde tudo é ofertado: bênçãos, curas, prosperidade, música, entretenimento, padrões sociais mais flexíveis, etc. e, com o número crescente de novas denominações e a tentativa de arrebatar todas as classes sociais para uma determinada denominação o trânsito religioso seria inevitável.

1.10 *DESIGREJADOS: UM FRUTO QUE NÃO VINGOU?*

Com foi visto, o afastamento dos membros das igrejas nas quais passaram pelo processo de *conversão* é notável. Ou seja, há uma grande parcela de pessoas que aderem a fé protestante, mas não permanecem na denominação onde *conheceram o Evangelho*.²²⁶ Esse fenômeno de evasão de membros tem se tornado cada vez mais frequente, deixando uma grande inquietação entre as igrejas históricas e estabelecendo crises internas entre o movimento pentecostal e neopentecostal. Ainda que não haja um estudo aprofundado sobre a questão, no

²²⁴ BARTZ, *Mobilidade religiosa no Brasil – conversão ou trânsito religioso?*, p.4.

²²⁵ *ib.* p.12.

²²⁶ As expressões *conversão*, *conhecer o Evangelho*, *nascer de novo*, *crer*, assim como outras, são utilizadas no meio protestante para determinar o momento em que alguém abandona um outro credo e passa a fazer parte de uma denominação protestante. Quase que na totalidade das denominações protestantes, no caso das conversões, mesmo sendo alguém já batizado na Igreja Católica, será necessário um novo batismo, como caracterização básica dessa *conversão*.

entanto, o resultado desse fluxo de *crentes* de uma denominação para outra (trânsito interdenominacional), tem feito surgir um novo movimento chamado de “os desigrejados”. Os dados apontados em 2010 pelo IBGE apresentam um quadro de “mais de quatro milhões de evangélicos” considerados “evangélicos nominais”, ou “sem vínculo eclesiástico”.²²⁷ O autor Idauro de Oliveira Campos Júnior, em seu artigo *Nihilismo Eclesiástico: uma análise do movimento dos desigrejados*, aponta:

Há no mundo contemporâneo uma crise de pertença, sobretudo, religiosa. Nos Estados Unidos da América (a maior nação protestante do mundo) e na Europa [...] a marcha dos desigrejados é um fenômeno conhecido e discutido. [...] é uma expressão nacional de onda de deserção institucional de grandes proporções que alcança o mundo inteiro, consequência, sem dúvida, da pós-modernidade que questiona e relativiza afirmações e conteúdos antes considerados absolutos e inegociáveis [...].²²⁸

Permanecendo sob uma nuvem incerta de razões pelas quais esse movimento avança dentro do protestantismo, contudo, algumas causas, ainda que de forma tímida, podem ser apontadas:²²⁹

1. A tendência a viver um cristianismo “despido de formas, estruturas e concretude institucional”;
2. Decepção com a liderança eclesiástica, em virtude de abusos;
3. Decepção com “aquilo que foi prometido”;
4. O sentimento de ser apenas “massa de manobra”;
5. Apelo veemente à “construção de templos”;
6. As divisões e cismas constantes.

Os desigrejados, na grande maioria, não abandonam a fé protestante, permanecem crentes, no entanto, deixam de congregar numa denominação, mantendo a fé, a leitura bíblica, a oração, a evangelização, etc. Para muitos

²²⁷ Cf. JUNIOR, Idauro de Oliveira Campo. *Nihilismo Eclesiástico: uma análise do movimento dos desigrejados*.

²²⁸ ib.

²²⁹ ib.

desigrejados, eles ainda continuam sendo *Igreja*, mesmo que não assumam serem pertencentes a uma denominação.

1.11 QUADRO ATUAL

Dos pioneiros até os dias atuais (2015), mesmo sendo de imensa dificuldade apresentar o maior número de denominações, o quadro do protestantismo brasileiro é o seguinte:

Data de chegada ou fundação	Segmento Protestante/Denominação	Classificação
1822	Anglicanos	Protestantismo Clássico/Histórico ou Tradicional
1824	Luteranos	Protestantismo Clássico/Histórico ou Tradicional
1836/1866	Metodistas	Protestantismo Tardio
1855/1858	Congregacionais	Protestantismo Clássico/Histórico ou Tradicional
1862	Presbiterianos (Reformados)	Protestantismo Clássico/Histórico ou Tradicional
1871/1882	Batistas	Protestantismo Tardio
1903	Igreja Presbiteriana Independente	Protestantismo Clássico/Histórico ou Tradicional
1910	Congregação Cristã no Brasil	Pentecostalismo Clássico/Histórico ou da Primeira Onda
1911	Assembléia de Deus	Pentecostalismo Clássico/Histórico ou da Primeira Onda
1951	Igreja do Evangelho Quadrangular	Pentecostalismo da Segunda Onda ou Deuteropentecostalismo ²³⁰
1953	Assembléia de Deus de Madureira	Pentecostalismo Clássico/Histórico ou da Primeira Onda
1953	Igreja de Cristo no Brasil	Pentecostalismo Clássico/Histórico ou da Primeira Onda
1956	Igreja Evangélica Pentecostal o Brasil Para Cristo	Pentecostalismo da Segunda Onda ou Deuteropentecostalismo
1956/1958	Igreja do Nazareno	Pentecostalismo da Segunda Onda ou Deuteropentecostalismo
1962	Igreja Pentecostal Deus é Amor	Pentecostalismo Clássico/Histórico ou da Primeira Onda
1968-1967	Igreja Vida Nova	Pentecostalismo da Segunda Onda ou Deuteropentecostalismo
1967	Igreja Metodista Wesleyana	Pentecostalismo da Segunda Onda ou Deuteropentecostais
1968	Igreja Cristã Maranata	Pentecostalismo da Segunda Onda ou Deuteropentecostalismo
1969-1970	Comunidades Evangélicas/Comunidades Cristãs	Pentecostalismo da Segunda Onda ou Deuteropentecostalismo
1977	Igreja Universal do Reino de Deus	Neopentecostalismo

²³⁰ *Deuteropentecostais* são os pertencentes “[...] a segunda fase do pentecostalismo brasileiro, iniciada no final dos anos 50 e início dos anos 60 [...], caracterizando-se pela inclusão de igrejas carismáticas independentes que aceitam os dons do Espírito Santo como válidos para os dias atuais. Cf. SILVA, *Pentecostalismo e neopentecostalismo*, p.3.

1973	Igreja Presbiteriana Renovada	Pentecostalismo Clássico/Histórico ou da Primeira Onda
1980	Igreja Internacional da Graça de Deus	Neopentecostalismo
1986	Igreja Apostólica Renascer em Cristo	Neopentecostalismo
1992	Comunidade Evangélica Sara a Nossa Terra	Neopentecostalismo
1998	Igreja Mundial do Poder de Deus	Neopentecostalismo
1999	Bola de Neve Church	Neopentecostalismo
2006	Igrejas Emergentes	Emergentes
2010-2015	“desigrejados”	Desigrejados

1.11 A ÁRVORE DO PROTESTANTISMO

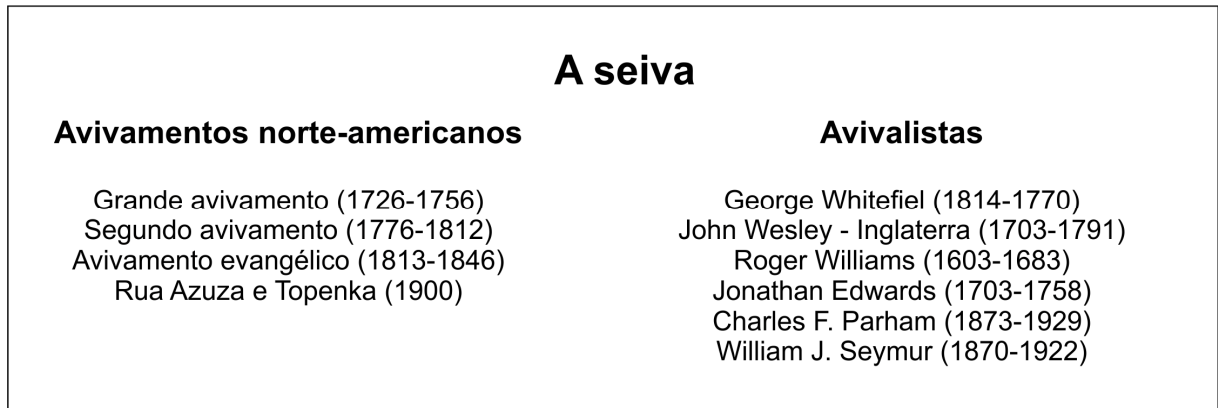
Quadro 2 – As sementes do protestantismo



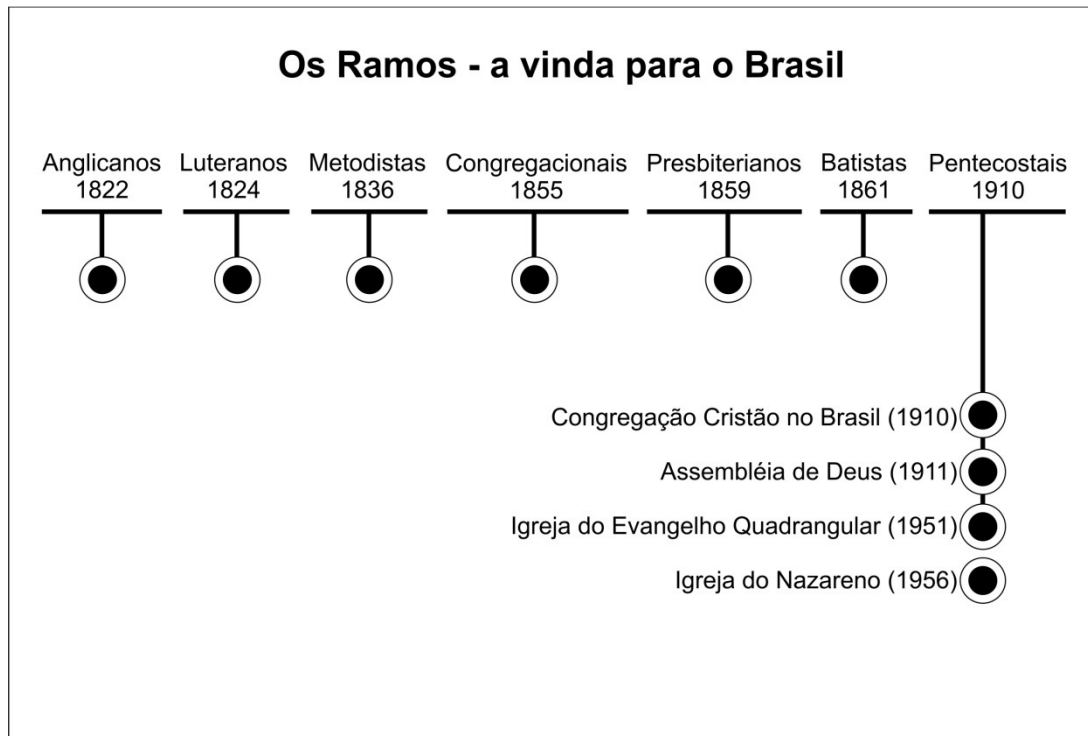
Quadro 3 – O tronco – A Reforma

O tronco	
Reformadores	Grupos
Martinho Lutero (1483-1546)	Inglaterra
Ulrico Zuínglio (1484-1531)	Anglicanos
João Calvino (1509-1564)	Puritanos
William Tyndale (1494-1536)	Congregacionais
	Puritanos Batistas
	Quacres
	Metodistas
	Escócia
	Presbiterianos
	França
	Huguenotes
	Alemanha e Suécia
	Luteranos
	Holanda
	Igreja Reformada Holandesa
	Menonitas

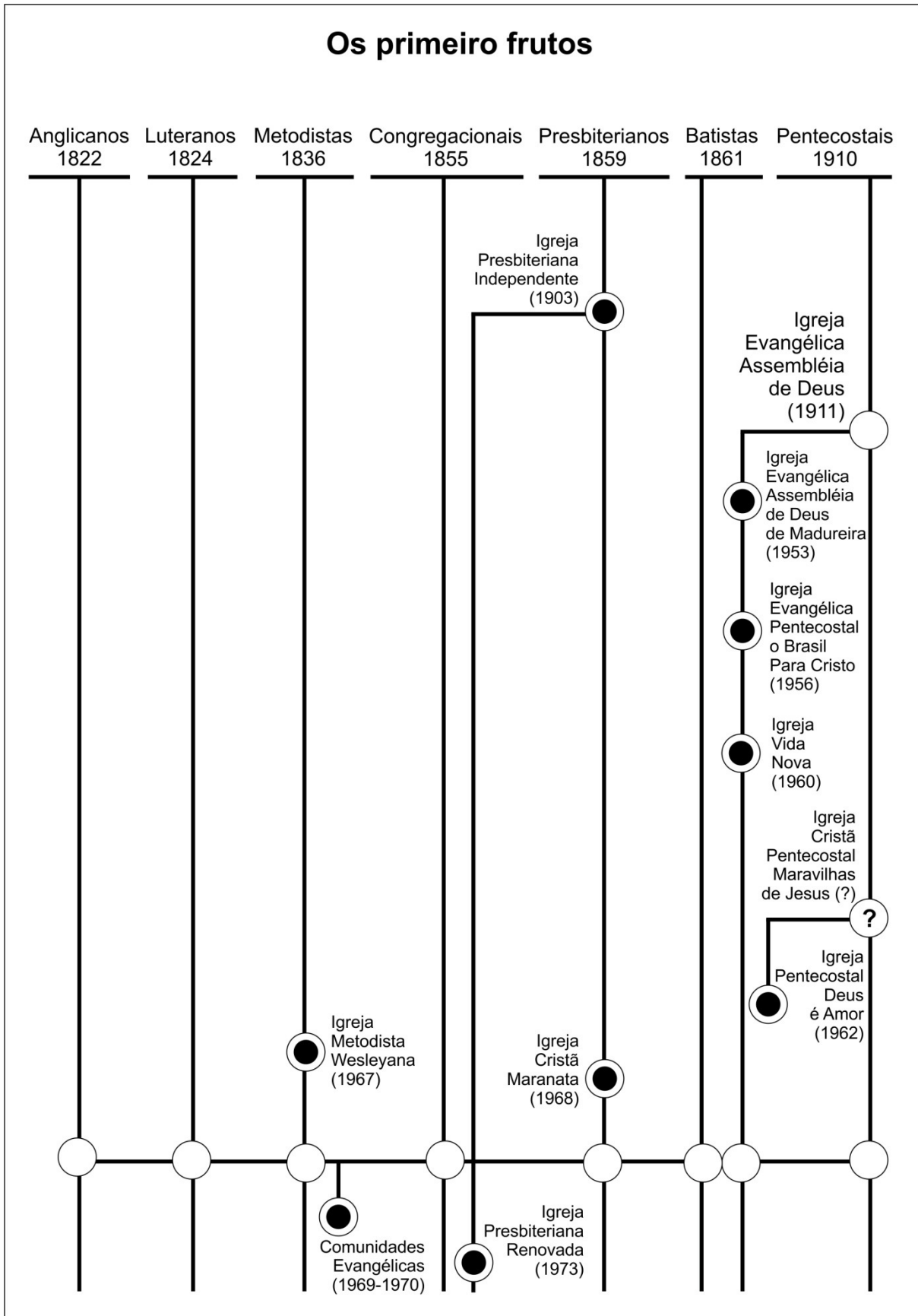
Quadro – A seiva



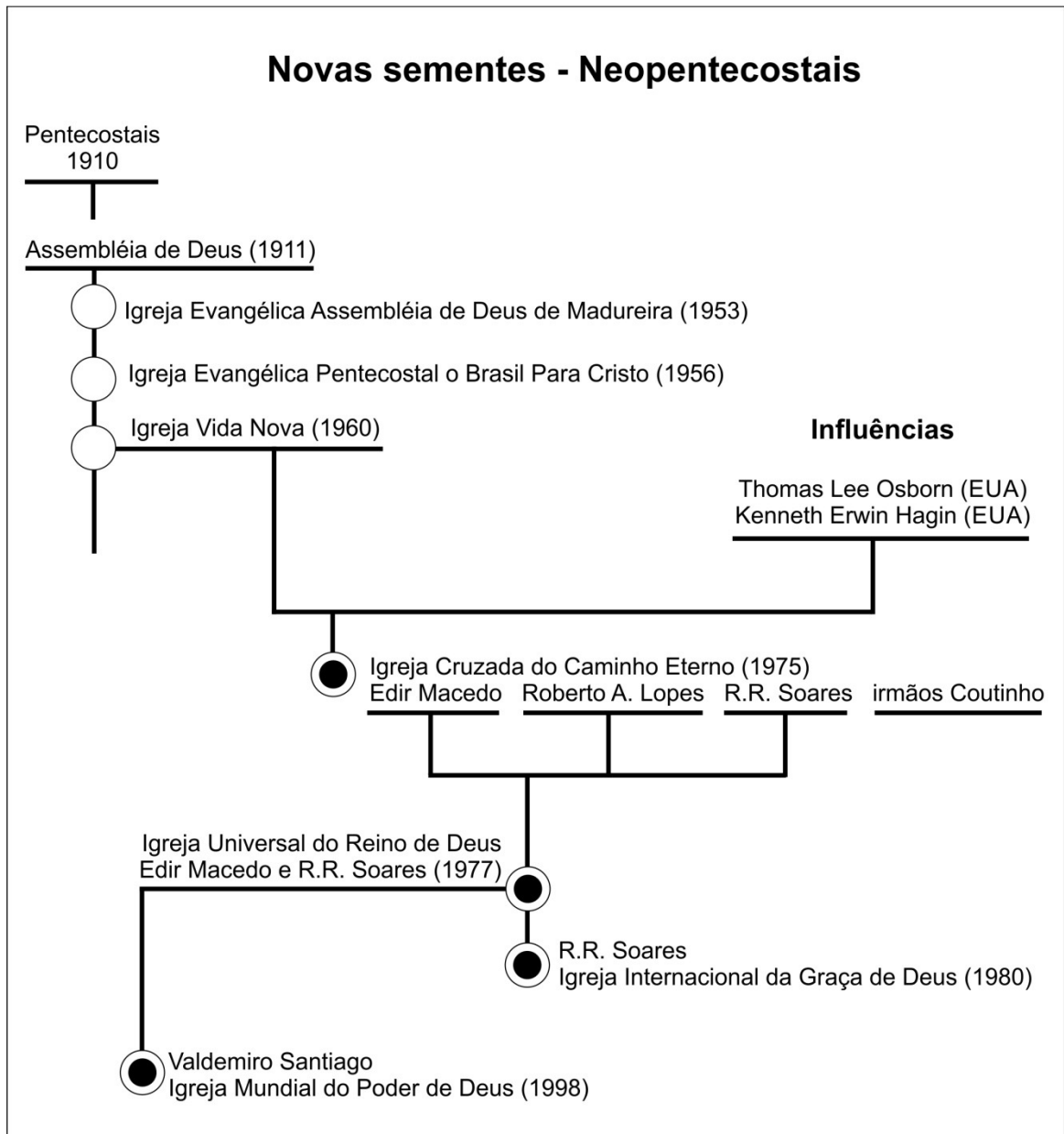
Quadro 5 – Os ramos – a vinda para o Brasil



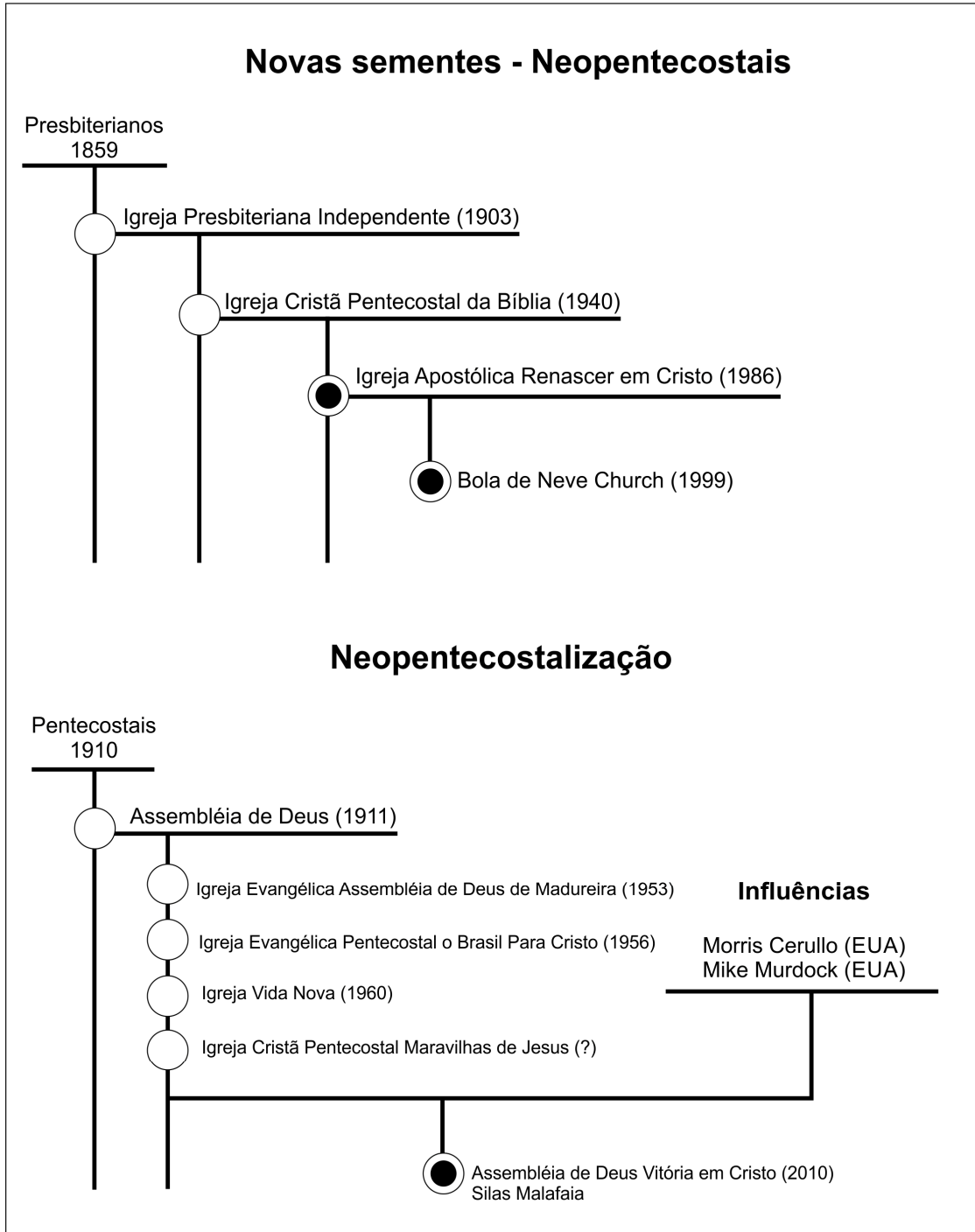
Quadro 6 – Os frutos



Quadro 7 – Neopentecostais – Novas sementes



Quadro 8 – Neopentecostais e Neopentecostalização



2. A TEOLOGIA DO PROTESTANTISMO BRASILEIRO

No protestantismo, o *conceito* de teologia é quase unânime, sempre partirá de um estudo, ou ciência²³¹, acerca de Deus, sendo esse estudo a “interpretação racional da fé”²³², e o relacionamento desse mesmo Deus com a sua criação. O autor Alister McGrath traz a teologia como uma “reflexão a respeito de Deus”, adicionando ainda o Deus “a quem os cristão louvam e adoram”.²³³ Pannenberg, na obra *Teologia Sistemática*, afirma: [...] a viabilização de conhecimento de Deus pelo próprio Deus, portanto, por meio de revelação, já é uma das condições fundamentais do conceito de teologia como tal.²³⁴

A teologia protestante sempre partirá de um princípio: um Deus que se dá a conhecer – *revelação*²³⁵, à sua criação, contudo, nessa revelação de Deus, está o que Deus permitiu em dar-se a conhecer. Por ser a teologia protestante descendente da *Reforma (Sola Scriptura)*, permanece ainda na dependência total do crivo das Escrituras Sagradas, ou seja, no que diz respeito à tradição, à teologia, à experiência de fé, etc., tudo terá que passar pelo filtro da Bíblia Sagrada.

Quanto ao conceito de teologia, parece haver algo em comum, entretanto, o pensamento protestante apresenta uma dificuldade em si mesmo, para que se apresente uma hegemonia teológica. Nesse contexto de ausência de uma hegemonia teológica, desde 1557, que, segundo os presbiterianos, foi o ano do primeiro culto protestante realizado em solo brasileiro, até agora, o fato que se pode identificar é que não há de forma nítida um pensamento único, cada denominação protestante tem o seu próprio *sistema teológico*, ou, de certo modo, procura adaptar um *sistema teológico* de acordo com a sua realidade de fé. E pelas sucessivas dissidências, as questões teológicas, em algumas situações, vão perdendo o seu

²³¹ Cf. STRONG, *Teologia Sistemática*, vol. 1, p.29.

²³² Cf. RYRIE, *Teologia Básica*, p.15.

²³³ Cf. McGeath, *Teologia sistemática, histórica e filosófica*, p.175.

²³⁴ Cf. PANNENBERG, *Teologia Sistemática*, vol.1, p.26.

²³⁵ A *revelação*, ou seja, o ato de Deus em dar-se a conhecer, pode-se destacar a *revelação geral*: o conhecimento de Deus através das coisas criadas, não sendo “limitado a nenhum povo ou tempo na história” (WILLIAMS, *Teologia Sistemática*, p.28), e a *revelação especial*, onde “Deus chega às pessoas” por meio de sua Palavra (ANDRADE, *Dicionário Teológico*, p.321).

estado de originalidade, mesclando-se com outros elementos, ao ponto de distanciar-se completamente do ponto inicial.

Algumas denominações históricas, como os *Luteranos*, *Anglicanos*, *Batistas* e *Reformados* (Calvinistas), ainda que sempre tenham procurado manter seus respectivos sistemas teológicos de forma original, entretanto, não puderam, em algumas situações, impedir que houvesse dissidências, dando origem a novas denominações como *Luteranos Renovados*²³⁶, *Anglicanos Renovados*, *Batistas Renovados* e *Presbiterianos Renovados*.

Outro grande fato importante nesse contexto teológico do protestantismo brasileiro é o desinteresse, por parte de muitos ministros protestantes, pelo estudo teológico, apresentando uma grande quantidade dos ministros protestantes sem formação teológica. Excluindo essa questão, os *Luteranos*, *Batistas*, *Anglicanos* e *Reformados*, os demais pastores, bispos, presbíteros, diáconos, apóstolos, mestres, profetas e demais ministros do universo protestante no Brasil, nunca passaram por uma academia teológica, possuindo, em raros casos, e até mesmo contrariando a liderança da denominação, *cursos livres* de teologia.

A grande maioria dos *crentes* pentecostais e neopentecostais ainda usam as expressões como: “a teologia apaga o fogo do Espírito Santo”, “muita teologia, pouca unção de Deus”, etc., concluindo, com isso, que o estudo teológico, dentro dos ambientes *pentecostal* e *neopentecostal*, se torna desnecessário. O próprio fundador da *Igreja Universal do Reino de Deus*, Edir Macedo, em 1993, publicou o livro *A Libertação da Teologia*, onde apresenta uma “opinião fortemente negativa sobre o estudo da teologia”, declarando que a teologia é uma “atividade inútil”.²³⁷ Ainda é desinteressante o estudo teológico por parte da maioria dos ministros protestantes, distanciando tais ministros de interpretações mais profundas dos textos

²³⁶ A expressão “renovada” diz respeito a uma nova denominação, mantendo, às vezes, alguns traços da denominação anterior, mas acrescentando a questão dos “dons espirituais” (*Igreja Presbiteriana Renovada*, *Comunidade Luterana Renovada*, *Igreja Batista Renovada*). Outra expressão utilizada é “conservadora”, para identificar que essa denominação adota os princípios mais rígidos com relação aos “usos e costumes” (*Igreja Betel Conservadora*, *Igreja Evangélica Assembléia de Deus – Ministério Restauração*). A expressão “Independente” denota uma mudança no desvincular-se da denominação anterior no que diz respeito à liderança, hierarquia, finanças, etc. Entretanto, é mantido a nomenclatura histórica, acrescentado a expressão “independente” (*Igreja Evangélica Assembléia de Deus Independente*).

²³⁷ Cf. BLEDSOE, David Allen. *Movimento Neopentecostal Brasileiro*: UIRD: um estudo de caso. p.115.

sagrados e o desconhecimento da sua própria história, com isso, gerando distorções teológicas, inovações doutrinárias e divisões denominacionais. No Brasil, de forma específica, no protestantismo, ainda é muito escassa a produção teológica, resumida basicamente em raras obras como: *Teologia Sistemática: Uma análise histórica e apologética para o contexto atual*, de Franklin Ferreira²³⁸ (Igreja Batista), em parceria com o norte-americano Alan Myatt, e a *Teologia Sistemática Pentecostal*, produzida pela CPAD (Casa Publicadora das Assembléias de Deus). As demais obras que circulam, são, na grande maioria, obras de origem norte-americana. Autores como: Augustus Hopkins Strong (*Teologia Sistemática*); J. Rodman Williams (*Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*); Charles Hodge (*Teologia Sistemática*); Norman Geisler (*Teologia Sistemática*); Wayne Grudem (*Teologia Sistemática; atual e exhaustiva*); Stanley M. Horton (*Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*); Lewis Sperry Chafer (*Teologia Sistemática*); a obra do holandês Louis Berkhof (*Teologia Sistemática*). As obras de Paul Tillich, Wolfhart Pannenberg, Karl Barth e Alister E. McGrath, ainda sofrem resistência por grande parte da comunidade protestante brasileira. Com isso, ainda é notável a influência dos Estados Unidos, tanto nas primeiras igrejas instaladas aqui no Brasil, bem como as atuais que ainda apresentam uma grande dependência teológica dos Estados Unidos.

A teologia protestante, ainda que baseada nos *cinco solas*²³⁹, não apresenta uma simetria entre as diversas denominações protestantes, ao ponto de algumas denominações desconhecerem completamente os *Solas da Reforma*, e também apresentarem pontos de tensão dentro da questão teológica. Temas como a *justificação, eleição, salvação, fé, graça, batismo com o Espírito Santo, eclesiologia* e outros, ainda estão sob tensão no protestantismo, seja fora do Brasil, bem como dentro do protestantismo brasileiro.

²³⁸ Franklin Ferreira é Bacharel em Teologia pela Escola Superior de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie e Mestre em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. É diretor e professor de teologia sistemática e história da igreja no Seminário Martin Bucer, em São José dos Campos, São Paulo, e consultor acadêmico de Edições Vida Nova. Autor dos livros *Teologia Cristã* e *Teologia Sistemática* (este em coautoria com Alan Myatt), publicados por Edições Vida Nova, e *Gigantes da Fé* e *Agostinho de A a Z*. Cf. Cf. *Revista Teologia Brasileira*. Disponível em <http://www.teologiabrasileira.com.br/teologiacolunista.asp?codigo=50> Acesso em 20 de novembro de 2015.

²³⁹ *cinco solas*: utilizada para agrupar as expressões latinas: *Sola gratia* (somente a graça); *Sola fide* (somente a fé); *Sola scriptura* (somente as Escrituras); *Solus Christus* (somente Cristo) e *Soli deo gloria* (glória somente a Deus), que surgiram a partir da Reforma.

Alguns autores, para trazer um “enfoque equilibrado”, entre as divergências teológicas no protestantismo e, com o objetivo de “preservar a ortodoxia por causa da identidade e unidade cristã”, preferem classificar a teologia protestante entre três níveis, sendo eles: *dogmas*, *doutrinas*²⁴⁰ e *opiniões*.²⁴¹ Os *dogmas* são, na teologia protestante, as verdades “essenciais ao próprio cristianismo”, e quando há uma negação dessas verdades, isso constitui uma heresia. Nessas verdades estão “em questão a identidade cristã”.²⁴² Os *dogmas* estão diretamente ligados a uma “definição” estabelecida pela Igreja “através das Escrituras”, dos “pais da Igreja” e dos “concílios”.²⁴³ As *doutrinas* são uma “categoria secundária de convicções” que tem a sua devida importância numa “comunidade específica” e, de certa forma, “não são essenciais” à fé protestante.²⁴⁴ Ou ainda, de forma mais simples, as *doutrinas* são o conjunto de “princípios” que formam uma denominação.²⁴⁵ Por fim, as *opiniões* são algumas “convicções religiosas” acerca da fé, onde não existe um “consenso a respeito delas”, em virtude de não possuírem evidência clara nas Escrituras. E, com frequência, as *opiniões* “são de cunho especulativo” e desprovidas de “justificação sólida”.²⁴⁶

Um exemplo claro dessa questão de *dogma*, *doutrina* e *opinião*, entre muitos, e para melhor entendimento, é o *Batismo*. O Batismo é uma verdade essencial do protestantismo, todo cristão protestante deve passar pelo processo do batismo, então o batismo tem um certo peso dogmático. Contudo, em algumas denominações protestantes (*Presbiterianos*, *Luteranos* e outros) mesmo tendo o batismo como uma verdade essencial, realizam o rito do batismo quando recém-nascido. Por outro lado, outras denominações protestantes (*Assembléia de Deus*, as *Comunidades Evangélicas* e outras), realizam o rito do batismo quando a pessoa já tem algum

²⁴⁰ A questão *doutrina* (diretamente ligada a uma denominação) difere no que diz respeito a *doutrina de Cristo* (cristologia), *doutrina de Deus* (teontologia), *doutrina da Igreja* (eclesiologia), etc., pois essas últimas *doutrinas* são as verdades essenciais (dogmas).

²⁴¹ Cf. OLSON, *das controvérsias na teologia cristã: 2000 anos de unidade e diversidade*. p.61.

²⁴² ib.

²⁴³ Cf. CHAMAPLIN, *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*. p.209, v.2.

²⁴⁴ Cf. OLSON, *das controvérsias na teologia cristã: 2000 anos de unidade e diversidade*. p.61,62.

²⁴⁵ Cf. ANDRADE, *Dicionário Teológico*. p.151.

²⁴⁶ Cf. OLSON, *das controvérsias na teologia cristã: 2000 anos de unidade e diversidade*. p.62.

entendimento sobre a fé. Com isso, o fato da idade fazer diferença no ato do batismo, constitui uma verdade secundária, ou seja, uma *doutrina*. Por fim, algumas denominações, como a *Congregação Cristã no Brasil*, mesmo alguém sendo oriundo de outra denominação protestante (com batismo na idade madura), necessita ser batizada novamente, com isso, caracterizando uma *opinião*.

No quadro abaixo, usando a questão de *pneumatologia*, podemos distinguir a questão do *dogma*, *doutrina* e *opinião*:

Dogma	Doutrina	Opinião
O Espírito Santo (o protestantismo em sua totalidade tem como <i>verdade essencial</i> a pessoa do Espírito Santo como “a terceira pessoa da Santíssima Trindade. É um ser dotado de personalidade e vontade própria. Possui os mesmos atributos morais e espirituais que o Pai e o Filho” ²⁴⁷)	Batismo com o Espírito Santo (esse fato constitui uma das grandes doutrinas do <i>pentecostalismo</i> e também uma doutrina <i>neopentecostal</i>)	Somente para os tempos do Novo Testamento ou ainda permanecem para os dias atuais (alguns <i>reformados</i> e <i>batistas</i> , ao contrário dos <i>pentecostais</i> e <i>neopentecostais</i> , não descreem da realidade do batismo com o Espírito Santo, no entanto, entendem que esse fato ficou retido aos tempos apostólicos ²⁴⁸)

Com esse exemplo, pode-se entender que as *verdades essenciais* (dogmas) permanecem intactas, entretanto, sob essas *verdades essenciais*, é possível encontrar uma gama de *doutrinas* que são denominacionais, ou seja, cada denominação protestante irá manter as bases de seu credo: a inerrância das Escrituras, a divindade de Jesus Cristo, o nascimento virginal, a ressurreição corporal de Cristo, a volta pessoal de Cristo, etc. e interpretará de acordo com a sua denominação. Tanto *reformados* quanto *pentecostais* creem na volta pessoal de Cristo, contudo, os *reformados*, na grande maioria, descartam o período do milênio

²⁴⁷ Cf. ANDRADE, *Dicionário Teológico*. p.169.

²⁴⁸ O *cessacionismo* é a afirmação “que os dons não são mais necessários hoje como sinais e cessaram no final da era apostólica, provavelmente no final do primeiro século d.C. ou começo do segundo”. Cf. GRUDEM, *Teologia sistemática: atual e exaustiva*, p.873.

(*milénarismo*), ao contrário dos *pentecostais*, que afirmam veementemente a existência de um período milenar antes do retorno pessoal de Cristo, a *parousia*.

2.1 SISTEMAS TEOLÓGICOS OPERANTES NO BRASIL

Passado as primeiras sementes, as raízes e o tronco, temos quase uma definição do protestantismo que chegou ao Brasil, entretanto, é necessário antes de definir os ramos que aqui se instalaram e depois se multiplicaram, definir quais os *sistemas teológicos* que deram o fundamento para o pensamento protestante brasileiro. Ainda que nos *sistemas teológicos* do protestantismo existam situações análogas, contudo, em alguns casos, há um distanciamento tremendo, ao ponto de serem consideradas *heresias* dentro do próprio protestantismo. Cada uma das denominações protestantes brasileiras traz consigo de forma total, em parte e até mesmo a junção de dois ou mais *sistemas teológicos*.

Esses *sistemas teológicos* são o conjunto de afirmações doutrinárias que embasam cada denominação, ou seja, as definições de *crisologia*, *antropologia*, *eclesiologia*, *escatologia*, *teontologia*, *soterologia*, *pneumatologia*, *angeologia*, *hamartilogia*, *trindade*, etc. e, somando a isso, as questões de hermenêutica, liturgia, comportamento social, etc, que dão a forma denominacional para cada um dos segmentos protestantes. O *sistema teológico* difere de uma *teologia sistemática*²⁴⁹, pois essa última está inserida dentro de um *sistema teológico*. Uma *teologia sistemática* não define um *sistema teológico*, ou seja, um *pentecostal* pode adotar elementos de uma *teologia sistemática* de J. Rodman Willians, que é totalmente *pentecostal*, e ainda outros elementos de outra *teologia sistemática* de Louis Berkhof, que é totalmente *calvinista*, de maneira simples, crer na contemporaneidade dos *dons espirituais* e também crer na *graça irresistível*, respectivamente, e como resultado, temos *presbiterianos renovados*, *batistas renovados* e outros. Ainda que os *sistemas teológicos* tentem definir os limites denominacionais, contudo, muitos desses limites são extrapolados e, com isso, surge novas denominações protestantes a cada dia.

²⁴⁹ A *teologia sistemática* é a “organização lógica e ordenada das verdades alusivas a Deus e ao seu relacionamento com o homem, num sistema doutrinário.” Cf. ANDRADE, *Dicionário Teológico*, p.343.

Os *sistemas teológicos* que influenciaram e ainda exercem uma grande influência, são, na grande maioria, estadunidense. Ainda que o *luteranismo* e o *calvinismo* possuam uma influência no protestantismo brasileiro, entretanto, o protestantismo brasileiro está diretamente ligado ao protestantismo dos Estados Unidos, principalmente o *pentecostalismo* e, por último, o *neopentecostalismo*, que possuem suas origens nos sistemas teológicos *wesleyano-arminiano* e *dispensacionalismo*. Por essa razão, é necessário conhecer um pouco de cada um desses sistemas teológicos para melhor compreensão do protestantismo brasileiro com suas divisões e subdivisões.

2.1.1 Anglicanismo

Urbano Zilles, na obra *Religiões: crenças e credências*, aponta de maneira bem sintética a teologia anglicana:

Ao contrário da igreja católica, a igreja da Inglaterra não tem dogmas expressamente definidos e ordenados. Não há um conjunto doutrinário que caracterize a igreja anglicana. Um sistema teológico seria uma limitação da Palavra de Cristo. Aceita os três *credos*: o de Nicéia, o de Atanásio e o chamado dos Apóstolos. Como as Sagradas Escrituras são interpretadas pelos teólogos, e esses divergem muito entre si, o ensino doutrinal hoje se encontra numa situação caótica.²⁵⁰

Mesmo considerando um sistema teológico como “uma limitação da Palavra de Cristo”²⁵¹, o *anglicanismo* é presente nas igrejas: *Igreja Episcopal Anglicana do Brasil e Igreja Anglicana do Brasil*.

2.1.2 Luteranismo

Ainda que desobedecendo²⁵² às ordens de Martinho Lutero para não colocar o nome ao movimento, o *luteranismo* é um *sistema teológico* que “não promove

²⁵⁰ Cf. ZILLES, *Religiões: crenças e credências*, p.126.

²⁵¹ ib.

²⁵² Cf. CHAMPLIN, *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*, vol.3, p.924.

qualquer sistema político” e coloca-se como oposição a tudo que “furte o povo de sua liberdade de expressão”,²⁵³ e baseia-se, segundo Sawyer, nos *solas* da *Reforma*, a saber:

<i>Sola gratia</i>	a <i>justificação</i> e a <i>salvação</i> são obras exclusivas da graça de Deus. Com isso, negando que o “homem possa exigir qualquer coisa de Deus”. ²⁵⁴
<i>Sola fide</i>	Para alcançar a salvação proporcionada pela graça de Deus, somente a fé.
<i>Sola Scriptura</i>	A única “fonte, regra e norma de fé”, e também o “meio pelo qual o seres humanos conhecem a Deus” são as Escrituras Sagradas. ²⁵⁵
<i>Solus Christus</i>	A obra de redenção de Cristo é o fato central da Bíblia Sagrada, bem como a “comunhão com Cristo é o fato central da vida cristã”. ²⁵⁶

Outros aspectos importantes do *luteranismo* são a *teologia da cruz*²⁵⁷; o reconhecimento de alguns sacramentos “instituídos por Cristo” como o *batismo* e a *eucaristia*; e a *eleição, providência, santificação progressiva* e a *depravação total*.²⁵⁸ Por fim, o *luteranismo* afirma que o homem, por possuir uma natureza “corrompida” pelo pecado, mesmo “perdoado e convertido”, necessita de estar “continuamente” em santificação e tendo uma valorização “ética”.²⁵⁹

Basicamente a teologia luterana se restringe às igrejas: *Igreja Evangélica Luterana no Brasil* (IELB) e a *Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil* (IECLB), adotando o luteranismo como sistema teológico.

²⁵³ Ib. p.926.

²⁵⁴ Cf. SAWYER, Uma Introdução à Teologia, p.319.

²⁵⁵ ib.

²⁵⁶ ib.

²⁵⁷ Para Lutero, diferenciando-se um pouco da *teologia da glória*, a *teologia da cruz* é “a verdadeira teologia não busca Deus como ele é em si mesmo: ela se contenta em encontrar Deus como ele se deus a nós, no sofrimento e na revelação da cruz”. Cf. SAWYER, *Uma Introdução à Teologia*, p.319-329.

²⁵⁸ Para Lutero “O trabalho é o que a pessoa é”, ou seja, todas as ocupações da vida, “o médico, o operário, o ministro do evangelho, etc.” são chamados ao “chamamento de Cristo” em fidelidade ao próprio Cristo. Cf. CHAMPLIN, *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*, vol.3, p.926.

²⁵⁹ Cf. CHAMPLIN, *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*, vol.3, p.926.

2.1.3 Calvinismo

O termo *teologia reformada* deve-se à Reforma, porém, usa-se também a expressão *calvinista* para fazer “distinção” da teologia luterana.²⁶⁰ E, na questão histórico-teológica é por sua associação aos movimentos da “Reforma franco-suíça”, tendo como personagem principal João Calvino, e a “Reforma germano-suíça” protagonizada por Ulrico Zwinglio e Heinrich Bullinger.²⁶¹

Os pontos fundamentais da teologia reformada, baseados nas ideias de Calvino, são o *conhecimento de Deus; salvação; predestinação;*²⁶² *supralapsarianismo;*²⁶³ *teologia da aliança;*²⁶⁴ etc. A doutrina calvinista é “completamente agostiniana”²⁶⁵, primeiramente por ser, segundo o pensamento calvinista, totalmente baseada nas Sagradas Escrituras. E, em segundo lugar, Calvino, bem como “Agostinho, Lutero e Zuínglio”, tinha uma ideia de Deus como a “realidade que a tudo determina”, ou seja, todos os acontecimentos da história são obras da “meticulosa providência de Deus” e que “nada acontece sem a determinação de Deus” através de seus eternos decretos.²⁶⁶ Para resumir a *teologia reformada*, foi criado um acróstico que sintetiza o pensamento reformado, segundo

²⁶⁰ Cf. MAIA, *Fundamentos da Teologia Reformada*, p.9.

²⁶¹ Cf. SAWYER, *Uma Introdução à Teologia*, p.333.

²⁶² A *predestinação*, ou *doutrina da eleição*, sempre foi um ponto de muita discussão no meio cristão, mesmo não sendo o ponto central da doutrina de Calvino, “é a marca registrada da teologia reformada”. Segundo o próprio Calvino, predestinação é o “decreto de Deus pelo qual houve em si (por) determinado que acerca de cada homem quisesse acontecer”. Cf. SAWYER, *Uma Introdução à Teologia*, p.341. A predestinação é, conceituada por Andrade, como o ato de “destinar com antecipação a vida humana”, onde, segundo João Calvino “a predestinação resulta da soberania de Deus, que, desde a mais remota eternidade, já havia determinado previamente” os que haveriam de serem salvos ou condenados. Cf. ANDRADE, *Dicionário Teológico*, p.302.

²⁶³ O *supralapsarianismo* é o termo usado para esse “ponto de vista”, é que Deus, “a fim de manifestar a sua graça e justiça, selecionou dentre os homens criáveis (ou seja, dentre os homens a serem criados)”, como sendo “vasos de misericórdia” e “vasos de ira”. Esse ponto de vista “pressupõe que os homens como não-caídos, ou antes da queda, são objetos de eleição para a vida eterna”. Segundo Hodge, esse pensamento foi “introduzido entre certa classe de agostinianos, antes da Reforma”. Cf. HODGE, *Teologia Sistemática*, p. 719.

²⁶⁴ A *teologia das alianças* ou *teologia dos pactos* contrasta com o *dispensacionalismo* (que será visto mais a frente), é uma teologia que narra a história da salvação tendo como “base as alianças e concertos que Deus estabeleceu com o homem” segundo os relatos bíblicos. Cf. ANDRADE, *Dicionário Teológico*, p.341.

²⁶⁵ Cf. OLSON, *História da Teologia Cristã*, p.420.

²⁶⁶ ib.

Sawyer, o acróstico TULIP (tulipa na língua inglesa) “apresenta os cinco pontos do calvinismo, a saber:

1. **T**otal Depravity (Depravação total)
2. **U**nconditional Election (Eleição incondicional)
3. **L**imited Atonement (Expição limitada)
4. **I**rresistible Grace (Graça irresistível)
5. **P**erseverance of the Saints (Perseverança dos santos)²⁶⁷

Estes cinco pontos foram “estabelecidos pelo Concílio de Dort” e, de maneira geral, são praticados pelas igrejas chamadas *Reformadas* ou *Calvinistas*.²⁶⁸

O *Calvinismo* (sistema teológico) é adotado como teologia nas igrejas: *Igreja Presbiteriana do Brasil*, *Igreja Presbiteriana Independente* e algumas igrejas *Batistas*. Entretanto, nos últimos anos, a teologia calvinista tem alcançado muitos crentes dentro do universo *pentecostal*, principalmente entre jovens, gerando grande discórdia entre *reformados* (calvinistas) e *pentecostais*.

2.1.4 Pentecostalismo

O pentecostalismo, como visto anteriormente, “é um movimento religioso” que veio dos Estados Unidos para o Brasil no início do “século XX”²⁶⁹. Como movimento protestante contrasta com os demais protestantes pela questão dos “dons do Espírito Santo”, principalmente o “falar em línguas”, a cura divina e o “discernimento de espíritos”.²⁷⁰ Rovílio Costa no artigo *O pentecostalismo e o culto do divino na atualidade*, escreve:

²⁶⁷ Cf. SAWYER, *Uma Introdução à Teologia*, p.349.

²⁶⁸ “O *Sínodo de Dort* foi uma convocação do dia 13 de novembro de 1618, pelos Estados Gerais dos Países Baixos, na tentativa de por fim à amarga controvérsia doutrinária acerca do Arminianismo”. Cf. CHAMPLIN, *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*, vol.1, p.603.

²⁶⁹ Cf. CORREA, *Assembléia de Deus: ministério, carisma e exercício de poder*, p.39.

²⁷⁰ *ib.*

Entre as afirmações doutrinárias dos pentecostais constam: “Somomos *luteranos*, no que concerne à justificação pela fé, e *batistas* pela aceitação do *batismo administrado por imersão* unicamente aos adultos. Mas nossa particularidade é o batismo do Espírito Santo, presença ativa de Deus que se manifesta através do dom das línguas e do poder de curar. [...]”²⁷¹

A teologia *pentecostal*, ainda que mude de uma denominação para outra, possui um grande alicerce que é a “continuidade dos dons espirituais”, ou seja, “a obra do Espírito Santo tem perdurado através da história da Igreja”.²⁷² Credo, com isso, que “Deus por intermédio do Espírito Santo, em nome de Jesus”, concede à igreja o poder sobrenatural para dar continuidade à obra de Cristo.²⁷³ Acrescendo a isso dois sistemas teológicos: (a) *Wesleyanismo-Arminianismo* e (b) *Dispensacionalismo*:

O *Arminianismo-Wesleyano* possui os aspectos teológicos de John Wesley (*perfeição cristã e os movimentos de santidade*) e também da obra de Jacó Armínio. Jacó Armínio (1560-1609) teve uma educação calvinista em “Leyden, Genebra e Basileia”²⁷⁴, e estava em sintonia com a teologia puramente protestante, ou seja, com os *solas* da reforma protestante. No entanto, suas ideias foram, após a sua morte (1609), continuadas por um grupo que recebeu o nome de *Remonstrantes*. A *remonstrância* foi condenada como *heresia* no *Sínodo de Dort*, pois contrariava a doutrina da predestinação. De forma resumida, assim como os cinco pontos do *calvinismo*, o *arminianismo* apresenta seus cinco pontos, a saber:

1. A depravação do pecador é vista por sua extensão, mas não por seu grau, de modo que o Espírito Santo deve ajudar os homens a fazer as coisas verdadeiramente boas (como ter fé em Cristo para a salvação).
2. O decreto da salvação aplica-se a todos os que creem em Cristo e perseveram em obediência a fé.
3. Cristo morreu por todos os seres humanos.
4. A graça de Deus não é irresistível.

²⁷¹ Cf. COSTA, *O pentecostalismo e o culto do divino na atualidade*, p.588.

²⁷² Cf. HORTON, *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p.11.

²⁷³ Cf. CORREA, *Assembléia de Deus: ministério, carisma e exercício de poder*, p.39.

²⁷⁴ Cf. SAWYER, *Uma Introdução à Teologia*, p.374.

5. É possível ao cristão renunciar a fé e perder-se eternamente.²⁷⁵

Esses pontos entraram em choque com o pensamento *calvinista*, ao ponto de serem completamente contraditórios, no ponto três, para os *calvinistas*, Cristo morreu somente pelos eleitos (*Limited Atonement* – Expição Limitada), e para os *arminianos*, Cristo morreu por todos os seres humanos. Outro ponto de fundamental distinção entre esses sistemas teológicos é que para o calvinismo a *eleição* e *predestinação* são baseadas numa escolha em Deus (*decretos divinos*), enquanto que no *wesleyano-arminiano*, com relação à salvação, “Deus deseja adotá-los como filhos por meio de Cristo, baseado na decisão deles”.²⁷⁶ Ainda, dentre muitos outros pontos, o sistema teológico *wesleyano-arminiano* não se enquadra no que diz respeito “à visão pelagiana de liberdade”, isto é, acreditam “profundamente no pecado original”, pois o ser humano sem a graça de Deus é “incapaz de escolher a retidão”.²⁷⁷

O *dispensacionalismo* vem da palavra latina *dispenso*, que significa “pesar” ou “administrar como um mordomo”, e usada para conceituar períodos de tempo “durante as quais Deus estaria tratando os homens de maneiras específicas”.²⁷⁸ Esse pensamento foi sistematizado e “popularizado” na obra de Cyrus Ingerson Scofield a Bíblia Scofield de Referência (1909).²⁷⁹ Nomes como Pierre Poiret (1646-1719); John Edwards (1639-1716); Isaac Watts (1646-1748); J. N. Darby (1800-1882); Jaames H. Brokes (1830-1897); James M. Gray (1851-1935) e, por fim, C. I. Scofield (1843-1921) foram os que desenvolveram “vários arranjos” para desenvolver a idéia das dispensações.²⁸⁰ O *dispensacionalismo* originou-se na Inglaterra, principalmente em grupos como os *Ranters*, *Muggletonianos*, *Quacres*, *Diggers* e outros, trazendo principalmente ideias escatológicas que contrariavam o

²⁷⁵ ib. p.382.

²⁷⁶ ib. p.392-393

²⁷⁷ ib.

²⁷⁸ Cf. CHAMPLIN, *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*, vol.2, p.186.

²⁷⁹ Cf. SAWYER, *Uma Introdução à Teologia*, p.374.

²⁸⁰ ib. p.187.

pensamento atual que era totalmente *agostianiano*, ou seja, *amilenista*.²⁸¹ O pensamento *dispensacionalista* traz consigo a ideia de *pré-milenarismo*, isto é, o retorno de Cristo se dará antes do milênio.²⁸² Para melhor compreender o *dispensacionalismo*, é necessário conhecer os seus “termos-chaves” e, para isso, Sawyer utiliza os seguintes elementos:

1. **Igreja:** A Igreja é o corpo espiritual de Cristo, a Igreja invisível e universal, composta por todos os que foram regenerados pelo Espírito Santo desde o Pentecoste.
2. **Dispensação:** Período da história durante o qual Deus administra o mundo de maneira especial, realizando a história da salvação em sete dispensações: inocência (ou da liberdade), consciência, governo humano, promessa (ou patriarcal), lei, graça e milênio (ou do reino).
3. **Iminência:** A doutrina que declara que Jesus Cristo pode voltar a qualquer momento. Nenhum evento profético precisa acontecer antes desse retorno.
4. **Israel:** Biblicamente, “Israel” é sempre uma referência à nação judaica e aos judeus, nunca à Igreja ou aos gentios. Deus tem promessas específicas para Israel e, de forma distinta, outras promessas para a igreja.
5. **Parêntese:** No *dispensacionalismo* clássico, a rejeição do Messias por parte de Israel fez com que Deus parasse o relógio profético até o final do período da Igreja, quando seu programa para Israel será outra vez

²⁸¹ Cf. SAWYER, *Uma Introdução à Teologia*, p.407. *Amilenista*: pensamento segundo o qual “Cristo não tem por objetivo estabelecer o seu reino da terra, quer antes, quer depois da sua vinda”. Este pensamento reporta como “alegorias” as referências bíblicas tanto no Antigo como no Novo Testamento que “descrevem o milênio” (ANDRADE, *Dicionário teológico*, p.42).

²⁸² *Milênio* é o período de mil anos “a ser instaurado, na terra, pelo Senhor Jesus Cristo [...] Trata-se de um reino literal, cujo principal objetivo é a exaltação de Jesus como o Messias de Israel e o soberano de todas as nações”. Cf. ANDRADE, *Dicionário Teológico*, p.265. O pré-milenarismo ainda é caracterizado pela “tentativa de correlacionar as profecias bíblicas com os acontecimentos contemporâneos”. Cf. SAWYER, *Uma Introdução à Teologia*, p.408.

acionado. A Igreja, portanto, é um período parentético na história da salvação.

6. **Pré-milenarismo:** Esse é o ensino de que Jesus Cristo voltará antes do Milênio, estabelecerá um reino terreno e reinará sobre ele. Esse reino durará mil anos (Ap. 20.1-6).
7. **Arrebatamento:** Os crentes serão “arrebatados [...] nas nuvens” para se encontrar com Cristo em sua segunda vinda (1Ts 4.15-17). Para a maioria, o arrebatamento ocorrerá imediatamente antes da grande tribulação (arrebatamento pré-tribulacionista). Outros acreditam que acontecerá na metade da tribulação (arrebatamento mesotribulacionista). Um número menor, mas crescente, de adeptos entende que acontecerá após a grande tribulação (arrebatamento pós-tribulacionista).
8. **Tribulação:** Período apocalíptico de sete anos de terrível juízo sobre a terra. Também chamado de “grande tribulação”.

Por fim, na questão do *dispensacionalismo*, um outro fator determinante é a questão dos *dons espirituais*. Para a grande maioria dos *dispensacionalistas*, os dons (carismas) ainda continuam no presente e, para uma outra parte, ainda que pequena, acreditam na “cessação dos charismata”.²⁸³

Logo, a teologia *pentecostal*, na grande maioria das denominações pentecostais, traz consigo a atualidade dos dons espirituais (línguas, profecias, milagres, etc) junto com o *arminianismo*. Por essa razão, atualmente no Brasil, o maior conflito dentro do protestantismo é denominacional e teológico, entre *pentecostais* e *reformados*. Além do *Arminianismo-Wesleyano*, a teologia *pentecostal* arrasta consigo o *Dispensacionalismo*. Então, de forma resumida, a teologia *pentecostal* é *Arminiana-Wesleyana* e *Dispensacionalista*. Ainda que, existam algumas exceções, como a *Igreja Presbiteriana Renovada* e outras

²⁸³ lb. p.426.

denominações reformadas que são *Renovadas*, isto é, mantêm o *Calvinismo* agregando a ele os dons espirituais.

As denominações que caminham dentro da teologia pentecostal são: *Igreja Evangélica Assembléia de Deus*, *Igreja Evangélica Assembléia de Deus de Madureira*, *Igreja Pentecostal Deus é Amor*, *Igreja do Nazareno*, *Igreja do Evangelho Quadrangular*, *Igreja o Brasil Para Cristo*, algumas *Comunidade Evangélicas* e outras. Muitas dessas denominações estão juntando à teologia *pentecostal* elementos da teologia *neopentecostal*²⁸⁴.

2.1.5 Liberalismo

A grande maioria dos protestantes brasileiros, principalmente os de origem *pentecostal* sempre olharam com certo receio e rejeição ao liberalismo teológico. Essa rejeição ao liberalismo teológico por parte dos pentecostais e similares se dá pelo fato da questão da *demitologização* muito enfatizada na *teologia liberal*, ou seja, no liberalismo teológico, “geralmente, não há lugar para os *milagres*, *profecias* e a *divindade de Jesus Cristo*”,²⁸⁵ elementos estes muito relevantes dentro do pentecostalismo e neopentecostalismo.

No entanto, o liberalismo teológico “só pode ser entendido no contexto histórico e filosófico em que surgiu” como uma resposta ao mundo no que diz respeito às “cinzas do cristianismo” que no momento era “consumido pelo fogo iluminista”.²⁸⁶ Um dos nomes que se destaca como sendo “o pai da teologia liberal”²⁸⁷ é Friedrich Schleiermacher (1768-1834), também considerado “um dos teólogos de maior importância do século XIX”, e em resposta a Kant, afirmava que é impossível “conhecer a Deus por meio da razão”, sendo assim, “o caminho para o conhecimento da divindade” era “o sentimento de total dependência da divindade”.²⁸⁸ Outro ponto importante da teologia de Schleiermacher, além de

²⁸⁴ Esse evento é chamado de *neopentecostalização* (ver item 1.6.7).

²⁸⁵ Cf. ANDRADE, *Dicionário Teológico*, p.253.

²⁸⁶ Cf. SAWYER, *Uma Introdução à Teologia*, p.433.

²⁸⁷ *Ib.* 439.

²⁸⁸ Cf. GONZÁLES, *Dicionário Ilustrado dos Intérpretes a Fé*, p.574.

outros, era com relação ao pecado, pois para ele o pecado era “uma fraqueza individual e coletiva dos seres humanos em seu sentido de dependência da divindade”,²⁸⁹ e também quanto à questão hermenêutica que, para ele, a hermenêutica tinha a tarefa de “entender o discurso tão bem como o autor, depois melhor do que ele”.²⁹⁰

A popularização da teologia liberal no meio protestante se deu por meio de Adolf Harnack (1851-1930), na sua obra *O que é cristianismo?* Para Harnack, “o primeiro princípio básico do cristianismo autêntico é o Reino de Deus e a sua vinda”, e esse fato não tem nenhuma conotação com “eventos sobrenaturais do futuro”, apenas tendo a manifestação do “governo de Deus no coração dos indivíduos”.²⁹¹ Nos Estados Unidos, a influência de Harnack traz o desenvolvimento de uma “escola de pensamento liberal chamado o evangelho social”.²⁹²

Champlin, na sua obra *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*, fala-nos acerca dos métodos liberais:

Nosso princípio fundamental, na interpretação das Escrituras, é este – que a Bíblia foi um livro escrito para os homens, na linguagem dos homens, e que o seu significado deve ser buscado da mesma maneira que se faz com qualquer outro livro... De fato, admitimos que o uso da razão, na religião, é feito com perigo. Porém, solicitamos a todos os homens honestos a examinar a história e o caminho percorrido pela Igreja, se a renúncia disso tudo ainda não é algo mais perigoso.²⁹³

Champlin ainda descreve “cinco raízes principais do liberalismo teológico”.²⁹⁴

1. O idealismo filosófico alemão (Kant e Hegel), visto através de Schleiermacher.

²⁸⁹ lb. 575.

²⁹⁰ lb. 577.

²⁹¹ Cf. OLSON, *História da Teologia Cristã*, p.566.

²⁹² lb. p.567.

²⁹³ CHAMPLIN, *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*, vol.3, p.801.

²⁹⁴ lb. p. 803.

2. A historicidade e a revelação foram atacadas, e se depositou uma grande Fé nos estudos críticos, e não no objeto que estava sendo estudado – A Bíblia.
3. Muitas crenças judaicas e cristãs foram vistas como obsoletas, diante dos descobrimentos da ciência.
4. Muitos estudiosos liberais foram notáveis eruditos, algo que, com frequência, faltava aos estudiosos conservadores.
5. Preocupação social. É simplesmente impossível negar a genuinidade dos profundos interesses sociais dos eruditos liberais.

Com isso, abordando de maneira rápida, entende-se que o protestantismo brasileiro, tem em cada uma das denominações, sejam históricas ou atuais, elementos de cada um destes *sistemas teológicos*. É notável também a influência desses sistemas de maneira única ou fundida entre com os demais sistemas, gerando uma nova denominação. Os *sistemas teológicos* percorrem as denominações, realmente, como fossem a *seiva* de cada denominação, refletindo diretamente na hermenêutica, liturgia, teologia e conduta social de cada evangélico brasileiro.

O liberalismo teológico se faz presente nas igrejas luteranas, reformadas e algumas igrejas batistas. Contudo, alguns expoentes do *calvinismo* no Brasil como Augustus Nicodemus Lopes e Hernandes Dias Lopes advertem sobre os “perigos da teologia liberal”.²⁹⁵ Em virtude da questão dos “mitos” ser de grande ênfase na teologia liberal, ela é completamente rechaçada pela teologia *pentecostal* e *neopentecostal*. Negar os milagres, Adão e Eva, inerrância das Escrituras, dons espirituais e outras questões, faz do liberalismo teológico uma heresia para o pensamento *pentecostal* e *neopentecostal*.

2.1.6 Neopentecostalismo

Ainda não existe uma teologia propriamente dita no *neopentecostalismo*. O que evidencia o movimento são algumas práticas constantes nas mais diversas

²⁹⁵ Cf. LOPES, *O liberalismo teológico*. disponível em: <http://voltemosaoevangelho.com/blog/2014/10/o-perigo-da-teologia-liberal/> Acesso em: 06/01/2016.

denominações. Aqui no Brasil “o *neopentecostalismo* é chamado de *novo pentecostalismo*”, pois difere em muitos aspectos dos demais *pentecostais*.²⁹⁶

Invertem a postura pentecostal tradicional de rejeição à busca da riqueza, ao livre gozo do dinheiro, de *status* social e dos prazeres deste mundo. Em seu lugar, pregam a teologia da prosperidade, doutrina que, a grosso modo, defende que o crente está destinado a ser próspero, saudável e feliz neste mundo. E com isso, em vez de rejeitar o mundo, os *neopentecostais* passaram a afirmá-lo. Além de possuir uma fé inabalável e de observar as regras bíblicas de como tornar-se herdeiro das bênçãos divinas, o principal sacrifício que Deus exige de seus servos, segundo esta teologia, é de natureza financeira [...].²⁹⁷

A maior influência no Brasil para o *neopentecostalismo* foi a *Igreja Vida Nova*, através do bispo Roberto McAlister, que influenciou diretamente as denominações: IURD, IIGD, IARC, CESNT e outras.²⁹⁸ As principais ênfases, dentre muitas, no *neopentecostalismo*, ainda que varie muito de denominação para denominação, são:

1. **Teologia da prosperidade:** basicamente, “ênfatisa o poder do crente em adquirir tudo o que quiser”.²⁹⁹ Essa assim chamada teologia, declara que o crente, “por meio da fé”, pode usufruir “dos direitos” ou promessas estabelecidas pela Bíblia Sagrada.³⁰⁰ Tendo como marcas a “saúde e a prosperidade financeira”.³⁰¹ E por outro lado, o cristão que não apresenta ser próspero ou saudável é em virtude de sua infidelidade a Deus.³⁰² A grande maioria dos pregadores *neopentecostais* afirmam que Deus está obrigado a fazer prosperar o seu povo, no caso os crentes, em virtude de Sua própria palavra. Um texto bíblico muito utilizado é do profeta Isaías

²⁹⁶ Cf. ROSAS, Nina. *O desenvolvimento do neopentecostalismo brasileiro: esboços sobre a positividade da experiência religiosa nos dias de hoje*. p.2.

²⁹⁷ MARIANO, *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, p.44.

²⁹⁸ Cf. SOARES, *Heresias e Modismos: uma análise crítica das sutilezas de satanás*, p.323.

²⁹⁹ *ib.* p.305.

³⁰⁰ Cf. BLEDSOE, David Allen. *Movimento Neopentecostal Brasileiro*, p.43.

³⁰¹ Cf. SOARES, *Heresias e Modismos: uma análise crítica das sutilezas de satanás*, p.315.

³⁰² *ib.*

onde diz que “Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades” (Is 53.4 ARC), ou seja, para um pregador neopentecostal, assim como todos os pecados foram levados por Cristo em sua morte, da mesma forma todas as enfermidades também foram levadas por Cristo, com isso, se um crente ainda está enfermo é em virtude de sua incredulidade, pois não crê que Cristo levou “as nossas dores” (Is 53.4 ARC) sobre si. Oneide Bobsin, em seu artigo *Protestantismo e religiosidades contemporâneas*, escreve:

Os discursos dos pregadores da prosperidade, como os da Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Igreja Mundial do Poder de Deus, entre tantas outras, guardam alguma semelhança com o pensamento de Trevisan e Ribeiro.³⁰³

2. **Palavra de fé:** esse movimento iniciou nos Estados Unidos através de Essek William Kenyon (1867-1948),³⁰⁴ e depois suas ideias foram expostas por Kenneth Hagin.³⁰⁵ O movimento *Confissão Positiva* ou *Palavra de Fé* consiste em declarar o que irá acontecer, ou seja, usar de expressões como: “estou curado”, “tomo posse”, “a vitória é minha”, etc.

3. **A figura do líder:** por ser, na grande maioria, o fundador da denominação, da pessoa do líder depende toda a teologia da igreja: a experiência pessoal de fé, a experiência com o sobrenatural, a experiência financeira, etc. Por isso, no pensamento *neopentecostal*, é inquestionável a palavra de um líder. A pessoa de um líder *neopentecostal* é blindada de certa imunidade, onde nada de sua vida pode ser questionado ou reprovado, esse pensamento vem como base nos textos do Antigo Testamento: “E disse Davi a Abisai: nenhum dano lhe faças: porque quem estendeu a sua mão contra o ungido do Senhor, e ficou inocente?” (1Sm 26.9 ARC).

³⁰³ O autor, Oneide Bobsin, faz uma comparação entre as pregações dos pastores neopentecostais com as obras do pensamento positivo de Lauro Trevisan e Lair Ribeiro. Cf. DIAS, *Protestantes, evangélicos e (neo)pentecostais: História, teologias, igrejas e perspectivas*. p.190-191.

³⁰⁴ Cf. SOARES, *Heresias e Modismos: uma análise crítica das sutilizas de satanás*, p.315.

³⁰⁵ ib. p.309.

4. **Triunfalismo:** o *triumfalismo* está ligado diretamente a uma hermenêutica que utiliza de “figuras e símbolos” do Antigo Testamento “fora de um contexto bíblico”, com o intuito de “estimular a fé dos crentes”.³⁰⁶ Assim como Josué, no Antigo Testamento, obteve vitória sobre vários reinos, o povo de Deus está sob a mesma promessa e, por isso, por meio da fé e da obediência conquistará “todo o lugar que pisar a planta do vosso pé” (Js 1.2 ARC).
5. **Revelação bíblica dos líderes:** a interpretação bíblica dos líderes das denominações *neopentecostais* é tratada à altura dos escritores do Antigo e Novo Testamento, tendo o mesmo peso das Sagradas Escrituras.
6. **Batalha espiritual:** movimento dentro das denominações *neopentecostais* que ensina que todo “obstáculo à prosperidade é atribuído ao diabo e seus demônios”.³⁰⁷ O reino das trevas está dividido e organizado numa hierarquia de “principados [...], potestades [...], príncipes das trevas [...], hostes espirituais nos lugares celestiais” (Ef 6.12 ARC). Em algumas denominações, a “batalha espiritual” vai além de resistir aos obstáculos apresentados pelo diabo contra a prosperidade do crente, diz respeito às práticas religiosas não cristãs e, por isso, se faz necessário ao crente entrar em “guerra” para libertar os cativos³⁰⁸ de outras religiões. A autora Cecília Loreto Mariz, fazendo uma revisão bibliográfica, apresenta um conceito muito nítido de “batalha espiritual” que é adotado pelos adeptos desta corrente:

A teologia da “guerra” ou “batalha espiritual” advoga que evangelizar – pregar a mensagem cristã – é lutar contra o demônio, que estaria presente em

³⁰⁶ ib. p.319.

³⁰⁷ Cf. BLEDSOE, David Allen. *Movimento Neopentecostal Brasileiro*, p.43.

³⁰⁸ A expressão “libertar os cativos” vem do livro *Ele veio para libertar os cativos* da estadunidense Rebecca Brawn, que se tornou um manual prático de “batalha espiritual” entre muitos protestantes. Junto com esta obra e outras de Rebecca Brawn, estão as obras de Daniel Mastral com a trilogia *Filho do fogo*, onde Mastral apresenta sua experiência de conversão do satanismo para o cristianismo.

qualquer mal que se faz, em qualquer mal que sofre e, ainda, na prática de religiões não cristãs.³⁰⁹

7. **Interpretação bíblica extremamente alegórica:** a interpretação bíblica das denominações *neopentecostais* encontra para cada fato bíblico um símbolo que deve ter uma relação atual com a vida do crente. Os fatos do Antigo Testamento são símbolos das situações diárias da vida de cada crente. O gigante Golias derrotado por Davi (1Sm 17.23-58) é exemplo de dificuldades a serem superadas, as enfermidades, o desemprego, o divórcio e toda a forma de desafios da vida são simbolizadas em Golias. Esses Golias da vida são derrotados por meio de Davi, o crente fiel a Deus, onde utiliza de sua arma, no caso a fé, para derrotar o gigante.
8. **Campanhas Temáticas:** Os cultos em ambientes *neopentecostais* são sempre temáticos, isto é, são reuniões destinadas com um único propósito previamente estabelecido: culto da vitória, culto dos empresários, culto de libertação, reunião dos vencedores, campanha de prosperidade, etc.
9. **Objetos e substâncias como símbolos de fé:** algumas denominações *neopentecostais* utilizam com base em alguns textos bíblicos objetos e substâncias como óleo, sal, água, vinho, lenços, toalhas, chaves, flores, árvores, e outros, com o intuito de materializar a fé dos crentes. Da mesma forma em que o texto de Atos dos Apóstolos relata que os “lenços e aventais” (At 19.12 ARC) do apóstolo Paulo eram utilizados nas curas e libertações, assim pela fé, nos dias de hoje, um lenço abençoado por um pastor pode produzir os mesmos efeitos.
10. **Elementos do culto judaico:** alguns elementos do culto judaico (shofar, menorá, arca da aliança), festas judaicas (colheita, primícias, etc.), bem como as vestimentas são adicionados ao culto *neopentecostal*.

³⁰⁹ Cf. MARIZ, *A teologia da Batalha Espiritual: uma revisão bibliográfica*, p.34

11. Ausência de uma escatologia: por ensinarem que o melhor da vida é nesse momento, a teologia *neopentecostal* é desprovida de uma escatologia protestante propriamente dita, isto é, a vida após a morte, o retorno de Cristo, o cumprimento das profecias bíblicas, etc., não fazem parte de um sermão ou de qualquer literatura *neopentecostal*.

As denominações mais influentes do *neopentecostalismo* são praticamente todas as igrejas de mídia (programas de televisão), entre elas: a IURD, Igreja Apostólica Renascer em Cristo, Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus, entre outras.

2.2 QUADRO INFORMATIVO

Algumas denominações e seus sistemas teológicos

Sistema Teológico	Denominação
Anglicanismo	Igreja Episcopal Anglicana do Brasil Igreja Anglicana do Brasil
Luteranismo	Igreja Evangélica Luterana no Brasil (IELB) Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)
Calvinismo (Reformados)	Igreja Presbiteriana do Brasil Igreja Presbiteriana Independente Igrejas Batistas
Pentecostalismo (Dispensacionalismo e Aminianismo-Wesleyano)	Igreja Evangélica Assembléia de Deus Assembléia de Deus de Madureira Igreja Pentecostal Deus é Amor Igreja Presbiteriana Renovada Igreja Metodista Wesleyana Igreja Batista Renovada Igreja Batista (Convenção Nacional) Igreja Batista da Lagoinha Igrejas Luteranas (Comunidades) Renovadas Igreja do Evangelho Quadrangular ³¹⁰ Igreja Pentecostal o Brasil Para Cristo Comunidades Evangélicas (Comunidades Cristãs) ³¹¹
Liberalismo	Ele se faz presente em algumas denominações não como um sistema teológico, mas como uma forma de interpretação bíblica.
Neopentecostalismo	Igreja Universal do Reino de Deus Igreja Internacional da Graça de Deus Igreja Mundial do Poder de Deus

³¹⁰ A *Igreja do Evangelho Quadrangular* não apresenta uma única teologia, variando de acordo com a liderança do pastor local. Algumas IEQs permaneceram no *pentecostalismo* clássico e outras sofrem o efeito da *neopentecostalização*.

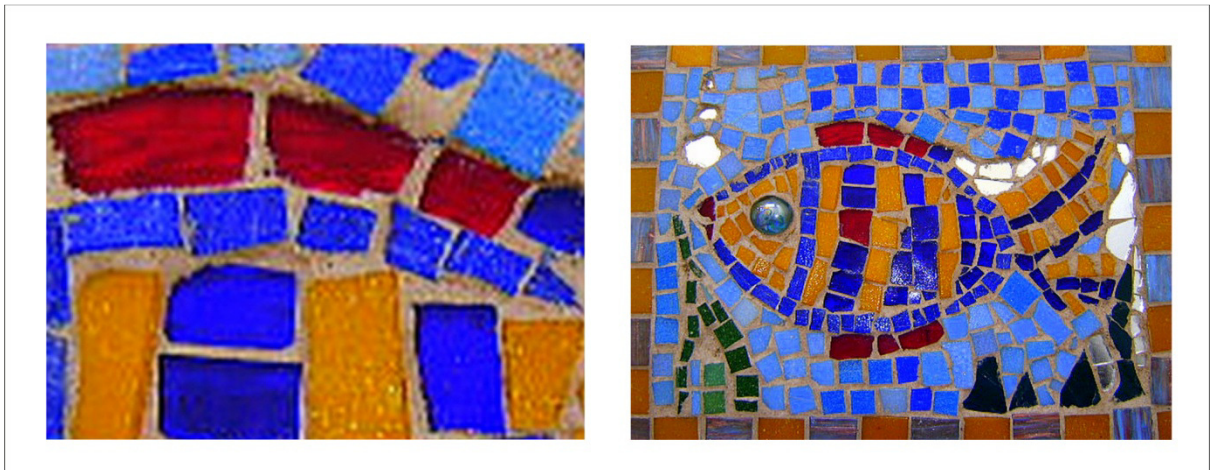
³¹¹ Da mesma forma, as *Comunidades Evangélicas*, algumas permaneceram no pentecostalismo e outras tornaram-se *neopentecostais*.

	Igreja Bola de Neve Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus Comunidade Evangélica Sara a Nossa Terra Igreja Apostólica Renascer em Cristo Comunidades Evangélicas (Comunidades Cristãs) Igreja do Evangelho Quadrangular Centro de Avivamento Para as Nações
--	---

3. O MOSAICO PROTESTANTE BRASILEIRO

Para quem observa de fora, sem conhecer o contexto do protestantismo brasileiro, a primeira impressão que terá é de uma grande colcha de retalhos, onde não há unanimidade, pontos extremos e muita discordância. Se observados os diversos segmentos do protestantismo aqui no Brasil, realmente, se assemelha muito com uma colcha de retalhos, entretanto, se analisarmos cada grupo com as suas respectivas teologias, nota-se que esse emaranhado denominacional resultará na figura de um imenso mosaico³¹².

Um mosaico, quando observado de perto, muito próximo de cada peça, embora cada uma disforme e apresentando uma cor singular, não se tem a noção do resultado do desenho proposto. Para perceber o que realmente um mosaico apresenta, é necessário observá-lo com certa distância. Da mesma forma o protestantismo brasileiro, necessita ser observado com certa distância e, ao mesmo tempo, sem perder a noção da forma e da cor de cada peça que compõe esse mosaico.



Nesse *mosaico* protestante brasileiro, pode-se identificar alguns elementos, como as pedras que formam a figura do mosaico, que são identificáveis nos vários segmentos da fé protestante brasileira. Esses elementos são comuns e abrangem

³¹² Mosaico, de forma simples, é um “embutido de pedrinhas de cores, dispostas de modo que apresentem desenhos” (FERREIRA, *Miniaurélio*, p.472.).

um vasto número de denominações, retratando a figura do pensamento protestante brasileiro, entre eles:

3.1 A BÍBLIA SAGRADA COMO PALAVRA DE DEUS

A maioria dos ministros protestantes são desconhecedores das questões teológicas, contudo, aprendem desde a mais tenra idade a lidar com a Bíblia Sagrada, tornando o protestantismo o segmento dentro do cristianismo mais familiarizado com o texto sagrado. Consequentemente, a Bíblia Sagrada, para o protestante é a *Palavra de Deus*.

Neste pensamento, a Bíblia Sagrada como Palavra de Deus, as denominações pentecostais e neopentecostais avançam para o campo da *inerrância bíblica*, ou seja, afirmam que, por ser Palavra de Deus, é infalível, infatigável, inspirada, santa, possuidora de autoridade, indestrutível, insuperável e, por fim, *inerrante*.³¹³ A defesa por parte dos protestantes se dá nas obras de Norman Geisler, um dos autores com certo prestígio no protestantismo brasileiro, por afirmar que:

Inerrância significa “aquilo que não contém erro”, “integralmente verdadeiro”. O que é inspirado é infalível, pois *inspirado* significa ter sido soprado por Deus, e o que é soprado por Deus não pode conter erros. De forma semelhante, o que é infalível, por possuir autoridade divina, também precisa ser inerrante – um erro portador de autoridade divina é uma contradição terminológica.³¹⁴

A Bíblia como Palavra de Deus está mergulhada nas pregações, na liturgia, eclesiologia, literatura, etc., servindo como uma verdade necessária para grande parte do protestantismo brasileiro.

³¹³ Cf. GAISLER, *Teologia Sistemática*, p.227-230.

³¹⁴ *ib.* p.457.

3.2 A REGENERAÇÃO

Uma antiga canção, intitulada *Conversão*³¹⁵, presente na *Harpa Cristã*³¹⁶ pode retratar bem essa questão:

*Oh! quão cego andei e perdido vaguei,
Longe, longe do meu Salvador!
Mas do céu Ele desceu,
e Seu sangue verteu
Pra salvar um tão pobre pecador.*

*Foi na cruz, foi na cruz,
onde um dia eu vi
Meu pecado castigado em Jesus;
Foi ali, pela fé,
que os olhos abri,
E agora me alegro em Sua luz*

*Eu ouvia falar dessa graça sem par,
Que do céu trouxe nosso Jesus;
Mas eu surdo me fiz,
converter-me não quis
Ao Senhor, que por mim morreu na cruz.
Mas um dia senti meu pecado, e vi
Sobre mim a espada da lei;
Apressado fugi, em Jesus me escondi,
E abrigo seguro nEle achei.*

*Quão ditoso, então, este meu coração,
Conhecendo o excelso amor
Que levou meu Jesus a sofrer lá na cruz;
Pra salvar a um tão pobre pecador.*

John Wesley, um dos mais influentes personagens do protestantismo mundial, principalmente do pentecostalismo, enfatiza várias doutrinas da fé cristã e

³¹⁵ A canção *Conversão* (*Alas! And did my Savior bleed? 'At the cross'*) tem a letra de Isaac Watts (Hymns and Spiritual Songs, 1707); música de Ralph E. Hudson (Songs of Peace, Love and Joy – Alliance, Ohio: 1885); e o tradutor Henry Maxwell Wright (H.M.W), 1890. Disponível em: <http://harpadigital.jimdo.com/%C3%ADndice/015-convers%C3%A3o/> . Acesso em 25 de novembro de 2015.

³¹⁶ A *Harpa Cristã* é o caderno de hinos oficial das igrejas Assembléia de Deus. Sua primeira edição foi lançada em 1922 na Assembléia de Deus do Recife. Tendo hinos para os diversos temas da fé pentecostal: batismo, ceia, morte, nascimento, conversão, casamento, etc. A Harpa Cristã é uma publicação da CPAD (Casa Publicadora das Assembléias de Deus). Cf. ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*).

destaca duas, entre elas: a doutrina da justificação e a do “novo nascimento”.³¹⁷ Nas palavras do próprio Wesley:

“Se existem doutrinas em todo o âmbito do cristianismo que pode ser denominadas de forma apropriada de fundamentais, sem dúvida, são estas duas – a doutrina da justificação e a do novo nascimento: a primeira concernente à grande obra que Deus faz por nós, perdoar nossos pecados; e a última, à grande obra que Deus opera em nós, renovar nossa natureza caída”.³¹⁸

Para Wesley, assim como para Whitfield, Cennick e outros que foram protagonistas do “grande avivamento evangélico da Inglaterra”, *justificação* e *regeneração* eram afirmadas da seguinte maneira:

Justificação	Regeneração
Implica uma transformação Relativa	Implica uma transformação Real
Deus faz alguma Coisa “por nós”	Deus Opera alguma coisa “em nós”
Transforma nossa relação Externa com Deus	Restaura o Íntimo de nossa alma para que nos Tornemos Santos
Restaura-nos ao Favor de Deus	Restaura-nos à Imagem de Deus
Afasta a Culpa do Pecado	Afasta o Poder do Pecado ³¹⁹

No protestantismo brasileiro as expressões “nascer de novo”, “quando eu cri”, “na minha conversão”, “deixei o mundo”, “quando eu aceitei Jesus”, “encontrei o Senhor”, “meus olhos foram abertos”, “antes eu era assim, agora sou assim”, “firmei os meus pés”, e muitas outras, dizem respeito ao processo de *regeneração*. Todas as teologias presentes aqui no Brasil trazem consigo uma exigência, em menor ou maior grau de intensidade, que é a mudança de vida. No pensamento protestante, *conversão* é sinônimo de “mudança radical” de vida; nos segmentos *luteranos*, *batistas*, *reformados*, *pentecostais*, até mesmo na teologia *neopentecostal*, esse fator está presente. Para um *neopentecostal*, o modo de vida anterior, antes de

³¹⁷ Cf. COLLINS, *Teologia de John Wesley*, p.270.

³¹⁸ ib. p.270-271.

³¹⁹ Esse material foi tirado do sermão “The Great Privilege of Those That Are Born of God” (O Grande Privilégio daqueles que Nasceram de Deus), em Outler, *Sermons*, p.1:431-432, Cf. COLLINS, *Teologia de John Wesley*, p.271.

encontrar a Cristo, havia uma vida de miséria, e esse fato é contrastado com uma vida mais abastada, depois de um processo de conversão. Esse fator de “mudança de vida”, embora para muitos seja desconhecido, na teologia protestante, é denominado *regeneração*. O protestante faz questão de testemunhar³²⁰ de maneira pública sua mudança de vida, mesmo que essa mudança de vida seja a cada dia, quase que insignificante, contudo, no decorrer dos dias, apresentará uma considerável mudança de vida.

Comparando as teologias existentes no Brasil, no que diz respeito à *regeneração*, podemos encontrar nesse mosaico, mais um retrato teológico. Para um autor *pentecostal*, regeneração é “renascimento”, é “nascer de novo ou outra vez”, por fim, “trata-se de um renascimento espiritual”.³²¹ Com base nas palavras do próprio Jesus: “Você deve nascer de novo” (Jo. 3.3-5), com isso, sem *regeneração*, a “condição humana é desoladora”.³²² Para J. Rodman Williams, a *regeneração* é o principal “trabalho do Espírito Santo” e somente ele pode “levar à maravilha da regeneração”.³²³ Para um clássico autor *reformado* (Calvinista), a *regeneração* “consiste na implantação do princípio da nova vida espiritual do homem”, trazendo consigo uma “transformação instantânea na natureza do homem”.³²⁴ Berkhof, ainda diz que a *regeneração* “é o ato de Deus” onde a alma do homem “se faz santa”.³²⁵ Na teologia batista, a *regeneração* “é o ato de Deus”, também chamado de “novo nascimento”, que proporciona a “mudança do coração”, a “conversão”.³²⁶ Strong ainda argumenta que “Deus muda a disposição governante”, fazendo com que alma

³²⁰ Na liturgia dos cultos protestantes, na grande maioria, sempre há um momento para os *testemunhos*. Os *testemunhos* são os depoimentos individuais, onde são apresentados os aspectos da vida que sofreram a ação da fé: abandono das drogas, um novo emprego, aprovação em um concurso, cura de uma doença, restauração de um casamento, enfim, as situações da vida que foram alteradas (transformadas, na linguagem protestante) mediante a fé. Os *testemunhos* são, principalmente, no meio neopentecostal, o maior agente de propaganda de cada segmento denominacional.

³²¹ Cf. WILLIAMS, *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p.381-382.

³²² ib. p.382.

³²³ ib. p.383.

³²⁴ Cf. BERKHOF, *Teologia Sistemática*, p.432.

³²⁵ ib.

³²⁶ Cf. STRONG, *Teologia Sistemática: edição revisada e ampliada*, p.1427, v.2.

humana simplesmente “sofre a ação de Deus”.³²⁷ O teólogo Paul Tillich, na sua obra *Teologia Sistemática*, aponta:

Na literatura bíblica e teológica, o estado de ser possuído pela Presença Espiritual é chamado de ‘novo nascimento’ ou ‘regeneração’. O termo ‘novo nascimento’ (como o termo paulino ‘nova criação’) é um precedente bíblico para o conceito mais abstrato do Novo Ser. Ambos apontam para a mesma realidade, o evento em que o Espírito divino se apodera de uma vida pessoal mediante a criação da fé.³²⁸

A *regeneração* é a necessidade essencial para que a vida do *crente* (nova vida) aconteça e como visto nos mais diversos segmentos protestantes no Brasil, ela é de caráter indispensável.

3.3 LITURGIA

Claudionor Corrêa de Andrade, em seu *Dicionário Teológico*, define *liturgia* como:

[Do gr. *leiturgia*, serviço divino] Culto público oficiado por uma igreja. Ritual. Forma pela qual um culto público é conduzido. A palavra liturgia significava, originalmente, serviço ou dever público. Com a evolução dos séculos, passou a designar, no Cristianismo, a linguagem, gestos, cânticos e paramentos usados no culto público e nas demais reuniões de adoração e exposição das Sagradas Escrituras.³²⁹

Embora bastante fracionado, o protestantismo brasileiro traz consigo uma liturgia. Aparentemente, a primeira ideia que se tem é que não existe uma padronização litúrgica nem tampouco uma liturgia propriamente dita, quando se compara uma denominação com a outra. Ainda que cada denominação apresente

³²⁷ ib.

³²⁸ Cf. TILLICH, *Teologia Sistemática*, p.50-51.

³²⁹ Cf. ANDRADE, *Dicionário Teológico*, p.255.

seu estilo de culto, desde um *mega-show-gospel*³³⁰ com ícones da música gospel até uma simples reunião de um *grupo caseiro*³³¹, no entanto, a forma de culto apresentará alguns elementos comuns. As luzes, fumaça, projetores, telões, coral, guitarras, sintetizadores, acordeom, órgãos, piano, palco, púlpito, altar, pregador, preletor, ministrante, dupla sertaneja, estádio, clube, templo, casa, apartamento, teatro, enfim, o ambiente, a cor, a luminosidade, o som, por mais diferenças *extravagantes*³³² que apresente, manterá uma linha litúrgica de fácil identificação.

Existem elementos litúrgicos que são comuns nas diversas denominações protestantes, ainda que não expressem uma concordância teológica e até mesmo bíblica, mas são comuns nesse universo protestante, entre eles:

3.3.1 A oração

Toda a reunião protestante seja ela um grande aglomerado de pessoas, ou apenas uma reunião doméstica, tem o seu momento de oração³³³. Geralmente esse momento de oração é no início e no final da reunião e, alguns casos, inserida no meio do culto. A oração na abertura de um culto traz consigo a ideia de dependência e direção de Cristo no decorrer de toda a reunião, pois o entendimento da grande maioria dos crentes é baseado nas palavras de Jesus “porque sem mim nada podei fazer” (1Ts 5.17 ARC). Durante o culto, a oração exerce o papel de intercessão, ou seja, alguns objetivos de oração são apontados, e também, antes da pregação, em muitas denominações, é realizada uma oração para abençoar o pregador. No final de uma pregação e no encerramento de um culto, também são realizadas orações.

³³⁰ *Show gospel, mega-show-gospel*, e outras nomenclaturas, são utilizadas para eventos realizados nos templos, ao ar livre, em estádios e casas de espetáculos, com a participação de ícones da música gospel e pregadores de renome no meio protestante.

³³¹ *Grupo caseiro* é a reunião doméstica estabelecida por algumas denominações, bem como *célula, grupo de convívio, culto caseiro*, onde basicamente se efetua um culto de maneira bem simplificada do que é realizado em um culto no templo.

³³² Alguns grupos protestantes utilizam a expressão *extravagante* (como adoração extravagante, dança extravagante, etc.) para determinar aquilo que foge do comum, ou seja, produzir uma ruptura litúrgica.

³³³ A oração protestante é “dirigida pelo homem ao seu Criador”, tendo como objetivo de adoração, petição, agradecimento, busca de proteção e de “uma comunhão mais íntima” com Deus, e por fim, “colocar-se à disposição” de Deus. Cf. Cf. ANDRADE, *Dicionário Teológico*, p.285.

O elemento *oração* é bem saliente no protestantismo, expressões bíblicas como “orai sem cessar” (Ef 5.18 ARC), “orando em todo o tempo” (Ef 5.18 ARC), “e tudo que pedires na oração, crendo, o recebereis” (Mt 21.22 ARC), e outras, são constantes antes de cada oração nos cultos.

A oração no protestantismo difere dos demais cristãos (*Católicos Romanos e Católicos Orientais*) no que diz respeito à oração repetida. Na mente de um *crente*, não há como usar de constantes repetições durante o período de oração, em virtude de contrariar o ensino de Cristo quanto à oração, tendo como base o texto bíblico do Evangelho de Mateus “E, orando, não useis de vãs repetições” (Mt 6.7 ARC).

Ainda na questão da oração, na grande maioria das denominações, existem reuniões específicas de oração, igrejas como *Assembléia de Deus, Deus é amor, Igreja do Evangelho Quadrangular* e algumas *comunidades evangélicas*, possuem o *círculo de oração*³³⁴ ou *ministério de intercessão*³³⁵.

3.3.2 As ofertas

Durante o período do culto protestante, existe o momento das ofertas, onde são colocados ao serviço da igreja as ofertas e os dízimos. Esse momento é unânime em todas as denominações, diferenciando-se apenas a forma como é conduzido esse momento. As denominações mais históricas e algumas comunidades evangélicas são mais discretas, partindo de preceitos bíblicos, e juntando a isso a generosidade e liberdade de cada crente, submetem-se a disposição de cada fiel em contribuir para a manutenção do templo, aquisição de equipamentos, serviço social, trabalho missionário, ajuda de custo de ministros, etc. Nessas denominações, mensalmente é apresentando (afixado em mural), por parte da diretoria, um demonstrativo financeiro (receitas, despesas e saldos).

Por outro lado, algumas denominações *pentecostais* e *neopentecostais*, utilizam de um bom tempo durante os cultos para a *ministração das ofertas*. Nesse

³³⁴ O *círculo de oração* é um grupo de mulheres protestantes que se reúnem regularmente no templo para terem períodos de oração. Nessas reuniões o objetivo principal é a realização da oração.

³³⁵ O *mistério de intercessão* difere do círculo de oração, pois é um grupo formado tanto por mulheres quanto por homens. Algumas igrejas, (*comunidades evangélicas, Igreja Renascer em Cristo, Igreja Batista da Lagoinha*, etc.) durante os cultos, colocam algumas pessoas como *intercessores*, para realizarem suas orações de modo discreto.

período, é geralmente utilizado de uma referência bíblica, às vezes fora de um contexto, como o sacrifício de Abraão (Gn 22.1-19), os sacrifícios do Antigo Testamento, o fato ocorrido quando Davi derrama, em oferta ao Senhor, a água que seus valentes trouxeram do poço de Belém (1Cr 11.16-18) e outras. Em muitas denominações, principalmente *neopentecostais*, ainda há alguns depoimentos de fieis, que através das ofertas e dos dízimos, receberam a retribuição divina pelos seus sacrifícios. No pensamento *neopentecostal*, quando alguém “oferece um sacrifício financeiro”, no caso, as ofertas e os dízimos, “Deus tem a obrigação” de abençoar.³³⁶ Nessas denominações, raramente existe uma prestação de contas por parte da diretoria da igreja.

Indiferente da forma como que esse período de ofertas é apresentado, no entanto, é uma realidade dentro do protestantismo brasileiro, com isso, fazendo parte da liturgia.

3.3.3 O louvor

Atualmente o termo *gospel*³³⁷ está associado a um estilo musical conhecido mundialmente como a música cristã protestante. O *gospel* tem a sua origem entre a população *pentecostal* negra dos Estados Unidos durante o período do *avivamento Azusa*, onde o estilo “negro spiritual” fazia com que os negros voltassem às suas origens.³³⁸ Esse estilo de música negra teve influência direta sobre outros estilos como o “jazz” e o “blues”, e “do *spiritual* surgiu a música *gospel*”.³³⁹ Artistas como Elvis Presley, Michael Jackson, Whitney Houston e muitos outros nomes da música internacional, iniciaram sua vida musical cantando as primeiras notas musicais nos púlpitos de igrejas protestantes norte-americanas. A canção *He Touched Me* (Tocou-me), de Elvis Presley, até hoje ainda é cantada nas igrejas protestantes. Nomes da música *gospel* brasileira como Fernandinho, Heloísa Rosa, André Valadão regravaram versões dessa canção:

³³⁶ Cf. BLEDSOE, *Movimento Neopentecostal Brasileiro*, p.85.

³³⁷ Basicamente, a palavra *gospel* é a expressão usada para *evangelho* em inglês. É derivada do inglês antigo *good-spell* ou *good news*, ou seja, boas-novas.

³³⁸ Cf. DIAS, *Protestantes, evangélicos e (neo)pentecostais: História, teologias, igrejas e perspectivas*, p.66-67.

³³⁹ *ib.*

*Algemado por um peso
Oh, quão triste eu andei
Até sentir a mão de Cristo
Não sou mais como eu era eu sei*

*Tocou-me, Jesus tocou-me
De paz encheu meu coração
Quando o Senhor Jesus me tocou
Livrou-me da escuridão*

*Desde que encontrei a Cristo
E senti seu terno amor
Eu tenho achado paz e vida
Pra sempre eu cantarei
Em seu louvor.*

Difícilmente se encontrará uma denominação protestante aqui no Brasil cujos cultos não se encontre o elemento da música. O *período de louvor, momento de adoração, hinos especiais, louvor congregacional, músicas do hinário, hinos da harpa*, enfim, mudando a nomenclatura de denominação para denominação, a música faz parte da liturgia de um culto protestante.

No pensamento protestante, não existe culto sem louvor e adoração, e a manifestação prática do louvor e da adoração se dá nos cultos através da música. Estilos como rock, samba, pagode, funk, reage, jazz, pop, rap, sertanejo, baião, música nativa gaúcha, valsa, bossa nova, clássica e muitos outros, fazem parte do repertório de estilos musicais que se encontra no culto protestante brasileiro. As denominações *históricas* utilizam da música mais clássica e canções mais “comportadas” aos olhos da denominação, as igrejas *pentecostais* variam entre o sertanejo, forró, marchas e valsas, as *comunidades evangélicas* e as denominações *neopentecostais* permitem adentrar em seus templos um universo de estilos musicais.

3.3.4 A pregação

Existem vários termos para descrever esse momento do culto protestante: *pregação da Palavra de Deus, ministração da Palavra de Deus, sermão, hora da Palavra, preleção*, enfim, todos esses termos dizem respeito a um tempo de transmissão oral de ensinamentos, doutrinas, conceitos, ideias, etc., dentro do culto

protestante. No pensamento protestante, “os apóstolos seguiram o exemplo de Jesus”³⁴⁰ e deram continuidade à forma que Jesus utilizava para expor o Evangelho, ou seja, Jesus utilizada de sermões para expor as verdades do *Reino de Deus*. Somente na Reforma Protestante surge um retorno “à pregação e aos ensinamentos bíblicos”, trazendo em torno da pregação “grandes multidões” que, durante muito tempo, devido ao “sacramentalismo e a liturgia”, permaneceram distantes do elemento “pregação”.³⁴¹ A pregação da Palavra de Deus, na grande maioria das denominações brasileiras, é o ponto central do culto protestante. Não levando em conta o método³⁴², o sermão ainda ocupa seu lugar de destaque, retratando de forma nítida toda a teologia de uma denominação na forma e no método de um sermão apresentado.

Por outro lado, ainda que o sermão seja um elemento fundamental no culto protestante, entretanto, a grande maioria dos pregadores protestantes está longe de uma interpretação mais profunda dos textos bíblicos, sendo desconhecedores das línguas hebraico e grego, comentários bíblicos e dicionários, etc. O Dr. Shedd, em sua obra *Palavra Viva: extraindo e expondo a mensagem*, descreve essa realidade:

Os dias são difíceis para aqueles que abrem a Bíblia para proclamar a vontade de Deus no púlpito. Esta virada de século não se destaca particularmente pela pregação bíblica poderosa. Nem tampouco se distingue pelos expositores, cujos nomes marcarão a história. Ironicamente, os gigantes do ensino no púlpito já morreram ou se aproximam do fim da vida. A exposição poderosa da Bíblia define-se exatamente quando as melhores ferramentas para auxiliar os mestres da Palavra são de fácil acesso.³⁴³

³⁴⁰ Cf. CHAMPLIN, *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*, Vol. 5, p.368.

³⁴¹ ib.

³⁴² Os métodos de pregações protestantes são de forma geral, o *alegórico*, *expositivo* e *exegético*. Nas denominações *neopentecostais* predominam a utilização do método *alegórico*. Nas denominações pentecostais predominam uma mistura de *alegórico* e *expositivo* e nas denominações reformadas o método *expositivo* e *exegético*. O método *expositivo* e *exegético* é também conhecido como *Método Histórico Gramatical*. O *Método Histórico Gramatical* é uma saída adotada por “exegetas modernos que sentem a necessidade de uma ferramenta que incorpore pressupostos quanto à inspiração e infabilidade das Escrituras. Cf. LOPES, *O dilema do método histórico-crítico na interpretação bíblica*, p.136.

³⁴³ Cf. SHEDD, *Palavra Viva: extraindo e expondo a mensagem*. p.11.

3.4 A PESSOA DE JESUS CRISTO

A pessoa de Cristo, sua vida, obra e palavras estão muito nítidas na vida de qualquer protestante aqui no Brasil, mesmo desconhecendo os muitos aspectos do alcance da obra de Cristo como a justificação, a adoção, a reconciliação, a redenção, o estado de exaltação, etc., o pensamento protestante mantém o fundamento da Reforma, *solus Christus*, ou seja, com base nos textos bíblicos (1Tm 2.5³⁴⁴, Hb 7.25³⁴⁵ e At 4.12³⁴⁶), a obra e o mérito da salvação são creditados exclusivamente a Cristo. Quem nasce em *berço cristão*³⁴⁷, aprende desde pequeno, dentre muitas doutrinas protestantes, que Jesus Cristo é o seu único senhor e único salvador. Com isso, o protestantismo e, no caso o protestantismo brasileiro, se mantém dentro de um *exclusivismo*³⁴⁸, isto é, Cristo “é a única maneira pela qual as pessoas possam ser salvas”.³⁴⁹ Para melhor ressaltar o pensamento protestante acerca de Cristo, David R. Nichols na obra editada por Horton, escreve:

O Senhor Jesus Cristo é a figura central de toda a realidade cristã. Por isso, as verdades a seu respeito são centrais para o Cristianismo. A teologia que depreciar Cristo, preferindo a humanidade como centro, não poderá declarar, em última análise, a plenitude dos ensinamentos bíblicos. Jesus é o cumprimento de muitas profecias do Antigo Testamento e o autor dos ensinamentos do Novo. Os cristãos entendem que Ele é o Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo, bem como o Rei vindouro (Ap 13.8; 19.11-16).³⁵⁰

³⁴⁴ “Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem.” (ARC)

³⁴⁵ “Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por ele.” (ARC)

³⁴⁶ “E nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens pelo qual devamos ser salvos.” (ARC)

³⁴⁷ A expressão *berço cristão* é utilizada pelos protestantes para conceituar aqueles que nasceram dentro do protestantismo, não são oriundos de outros credos cristãos ou de outras religiões.

³⁴⁸ O *exclusivismo* contrasta com o *inclusivismo*. Em ambas as opiniões, “a salvação é considerada como sendo por meio de Cristo”, contudo, no *inclusivismo*, “Cristo podia empregar outros meios para salvar, e não apenas aqueles que exigem que o Evangelho seja ouvido”. Teólogos católicos “como Karl Rahner, Hans King” e protestantes “como Sir Norman Anderson”, “Clark Pinnock e John Sanders”, também encontram “a possibilidade de salvação à parte do conhecimento explícito do Evangelho de Cristo”. Cf. FERNANDO, *A supremacia de Cristo*, p.21.

³⁴⁹ ib.

³⁵⁰ Cf. HORTON, *Teologia Sistemática: uma perspectiva Pentecostal*, p.301.

Logo, para um protestante, remover Cristo da posição do seu entendimento, como aquele que é o único homem digno de culto, como autor e consumidor da fé, como o único mediador entre Deus e os homens, o único caminho que leva o homem a Deus, como o primogênito dos mortos³⁵¹, etc., faz com que tal ideia seja completamente rechaçada. Ainda que de maneira muito rara possa haver um diálogo entre o protestantismo com os demais segmentos cristãos e até mesmo com outros credos, contudo, quase a totalidade dos protestantes tratará como verdades excludentes³⁵².

3.5 A LINGUAGEM

Ouvir expressões como: “e aí varão? tudo na bênção?”, “estou no deserto!”, “só na bênção?”, “Deus vai ser fiel comigo!”, “é fogo puro!”, “o culto foi um re-te-té!”, “é tempo de colheita na tua vida!”, e muitas outras completamente estranhas à linguagem comum, mas de maneira bem natural são utilizadas por muitos protestantes brasileiros.

Toda cultura tem a sua própria linguagem. Ciência, política, economia, etc., possuem uma linguagem específica onde podem manter um sistema de comunicação entre si. Da mesma forma no campo religioso, existe uma linguagem própria onde possa ser estabelecida a devida comunicação. A experiência religiosa necessita muitas vezes, na tentativa de “expressar o inefável”, usar de “expressões hiperbólicas, alegóricas, metafóricas e simbólicas”.³⁵³ Devido à ênfase à leitura da Bíblia Sagrada, os protestantes começam a utilizar expressões bíblicas nas questões do dia a dia, criando com isso uma forma bem particular de comunicação.

³⁵¹ Com base nos textos de Cl 1.18 e Ap 1.5, Cristo é o *Primogênito dos Mortos*, ou seja, Cristo foi “o primeiro a experimentar a morte e então voltar à vida com uma nova modalidade de vida, revestido de imortalidade em seu próprio corpo.” Os demais filhos de Deus, mesmo os que já morreram, ainda aguardam a “ressurreição dos santos, no último dia”, para tornarem-se semelhantes a Cristo. Cf. CHAMPLIN, *Enciclopédia de Bíblia teologia e filosofia*, p.384.

³⁵² Frank Turek em parceria com Norman Geisler fala de “verdade versus tolerância”: “Enquanto a maioria das *religiões* tem algumas crenças que são verdadeiras, nem todas as *crenças* religiosas podem ser verdadeiras porque elas são mutuamente excludentes, ou seja, ensinam coisas opostas”. Cf. GEISLER, *Não tenho fé suficiente para ser ateu*, p.47.

³⁵³ ZILLES, *A experiência religiosa e mística*, p.74.

Nesse sentido, o protestantismo tem a sua própria linguagem, que muitas vezes parece completamente estranha para quem não está inserido no ambiente.

O protestantismo brasileiro, principalmente os *pentecostais* e *neopentecostais*, recorrem, e de certa forma meio exagerado, ao uso de uma linguagem bem peculiar. Os demais protestantes usam de uma linguagem comum com os não crentes, havendo pequenas exceções nas questões litúrgicas como nas saudações, no caso a expressão *graça e paz*, como um cumprimento usual.

Os *pentecostais*, principalmente os históricos, usam em seus cumprimentos a expressão a *paz do Senhor* de forma exclusiva aos crentes de sua denominação e, em muitos casos produzindo certo constrangimento aos membros de outras denominações e não crentes. Durante os cultos, no momento da saudação, ouve-se a frase: “aos crentes a paz do Senhor e aos não crentes uma boa noite”. Quando uma determinada pessoa está passando por um período de crise, seja no casamento, financeira, familiar, etc., as expressões utilizadas são “estou na luta”, “estou no deserto”, “só pela graça irmão”.

Os *neopentecostais* em virtude de sua teologia que enfatiza a conquista de bens como sinônimo de fé utilizam de maneira frequente a expressão “tomo posse!”, ou seja, diante de uma oportunidade de um emprego, da aquisição de um bem, ou de uma *palavra profética*³⁵⁴, a resposta de confirmação e sinônimo de fé é “tomar posse”.

Estas situações, como foram vistas, e muitas outras como fé, igreja, povo de Deus, etc., assim como num *mosaico*, formam uma imagem do protestantismo brasileiro. Ainda que quando comparadas no *modelo*, transparecem certa contradição, contudo, quando comparadas como parte do pensamento protestante, representam um desenho. Ou seja, cada denominação tem um *modelo* de liturgia, sendo que esta liturgia, mesmo celebrada de forma diferente, compreende uma parte do pensamento protestante. Não negam ou excluem a liturgia, mas diferem na prática da liturgia.

³⁵⁴ A expressão “palavra profética” é comum no meio *neopentecostal*. É utilizada quando alguém por meio do *dom da profecia*, com base no texto de Paulo aos crentes de Corinto (1Co 12.1-11), pronuncia a outra pessoa uma série de atos que Deus irá realizar na vida dessa pessoa. Um exemplo: Deus irá trazer vitória sobre a tua casa. Essa sentença será uma “palavra profética”.

CONCLUSÃO

Martinho Lutero, tendo em mente os escritos³⁵⁵ do apóstolo Paulo, afirma na sua obra *A liberdade do cristão* (1520), duas formas de liberdade, a primeira “Um cristão é um livre senhor de todas as coisas e não está sujeito a ninguém.”³⁵⁶, e a segunda faz um contraponto com a primeira: “Um cristão é um servo sujeito a prestação de serviços gratuitos em todas as coisas e é submisso a todos.”³⁵⁷ Com isso, mesmo um cristão sendo completamente livre, em amor, se torna sujeito “a todos”.³⁵⁸

A liberdade sempre foi um dos princípios da Reforma, contudo, com o passar do tempo, o uso desta liberdade tanto para o pensar como para a interpretação das Escrituras Sagradas abriu portas que jamais foram imaginadas pelos reformadores: a dissidência religiosa. Desde os primeiros que antecederam a Reforma, na própria Reforma, no período pós-Reforma, nos avivamentos e nas missões, etc., quase todos os movimentos que compõem estes eventos, ainda que muitas vezes genuínos e honestos, foram dissidentes. Estas constantes dissidências repercutem até hoje, chegando ao protestantismo brasileiro. São casos e mais casos de novas denominações que surgem a cada instante por descontentamento, opiniões e doutrinas divergentes, usos e costumes, fenômenos carismáticos, etc.

Nestes quase 460 anos de protestantismo *no* Brasil pode-se identificar que num extremo tem-se o *protestantismo clássico* e o *protestantismo tardio*, no centro o *pentecostalismo clássico* e *pentecostalismo de segunda onda* e, no outro extremo, o *neopentecostalismo*. Sendo que cada um destes extremos exercem uma força de atração muito grande sobre o meio e sobre o outro extremo. A tendência do *protestantismo clássico*, principalmente por parte dos *reformados*, é fazer com que sua teologia (calvinista) sirva de atrativo, usando de nomes mundialmente

³⁵⁵ Lutero usa os textos de 1Co 9.19 e Rm 13.8.

³⁵⁶ LUTERO, *A liberdade do cristão*, p.19.

³⁵⁷ ib.

³⁵⁸ ib.

conhecidos como John Piper, Paul Washer para influenciar *assembleianos*³⁵⁹ e outros pentecostais. A teologia *reformada* alcança os rebanhos *pentecostais* devido ao desleixo teológico existente nessas denominações, e na busca para melhor compreender as questões da fé, da criação, da regeneração, do livre-arbítrio, da eleição, etc., muitos, principalmente os jovens, estão encontrando na teologia *reformada* as respostas para estas questões. No outro extremo, o *neopentecostalismo*, que de certa forma apresenta uma “explicação” prática para as mazelas da vida (sofrimento humano), ou seja, estes danos são gerados pela ação de demônios e, por meio da fé, o homem é capaz de vencê-los. Junto com a constante ênfase nos testemunhos de cura, de libertação, de mudança social, etc., tem arregimentado muitos dos rebanhos *pentecostais* e até mesmo *reformados*.

A tendência natural, pela caminhada apresentada, é que o *protestantismo clássico* permaneça em sua teologia. No grupo central, *pentecostalismo clássico*, a tendência é que venha ceder às pressões internas e externas no que diz respeito aos *usos e costumes, casamento divórcio e novo casamento*³⁶⁰ e aos *padrões de santidade*³⁶¹. Por fim, o *neopentecostalismo*, nas palavras de Ricardo Mariano, terá: “1)exacerbação da guerra espiritual contra o Diabo e seu séquito de anjos decaídos; 2)pregação enfática da teologia da Prosperidade; 3)liberalização dos estereotipados usos e costumes de santidade.”³⁶²

O quadro apresentado pelo protestantismo brasileiro ainda traz consigo os *Solas* da Reforma. Mesmo que em alguns casos, estes *Solas* se apresentem de maneira um tanto tímida, ou seja, de forma não tão nítida como nas origens, contudo, ainda permanecem no seio do protestantismo brasileiro. Como visto anteriormente, atualmente são três grupos que compõem o protestantismo brasileiro:

³⁵⁹ Membros da Igreja Assembléia de Deus.

³⁶⁰ *Casamento, divórcio e novo casamento* é uma grande discussão dentro do universo protestante, pelo fato de envolver uma questão prática da vida, envolve mais discussões do que as questões de *eleição, pré-destinação, arrebatamento*, etc. Algumas denominações mais ligadas ao pentecostalismo clássico ainda não admitem a possibilidade do divórcio, e quando admitem, não aceitam um novo casamento. A Igreja Assembléia de Deus, no início de sua caminhada no Brasil, não admitia a possibilidade de um novo casamento, atualmente, o fato do divórcio e novo casamento tem se tornado algo comum entre os membros.

³⁶¹ No *pentecostalismo* a expressão “padrão de santidade” é utilizada para englobar práticas como: relacionamento sexual somente após o casamento; não ouvir musica que não seja cristã; decência nas roupas femininas; não uso de gírias na linguagem; o não uso de tatuagens, piercings, etc.

³⁶² SILVA, *Pentecostalismo e pós-pentecostalismo*, p. 5.

históricos, pentecostais e neopentecostais, e cada um deles abordando uma teologia, onde na qual reside de forma direta ou indireta os *Solas* da Reforma.

No protestantismo histórico a maior ênfase nos *Solas* da Reforma se dá por parte dos *reformados*, ou seja, aqueles que adotam a teologia calvinista. Para os reformados, a *graça*, a *fé*, a pessoa de *Cristo* e, principalmente a Bíblia Sagrada (*sola scriptura*) como "causa eficiente e instrumental da teologia, sendo Deus, a causa final",³⁶³ são elementos inegociáveis para a manutenção de sua teologia. Os pentecostais, que formam o segundo grupo de protestantes aqui no Brasil, embora sendo desconhecidos por grande parte dos crentes pentecostais, os *Solas* da Reforma estão presentes principalmente na salvação (*solus Christus*) e na Bíblia como sendo a "única regra de fé e prática", descartando toda outra forma que venha "sobrepôr-se à Palavra de Deus".³⁶⁴ Por fim, nessa questão dos *Solas* da Reforma, o último grupo, os *neopentecostais*, quase na sua totalidade, desconhecem completamente estes elementos da Reforma protestante. A *graça* é raramente mencionada como favor divino ao homem em relação à salvação, assim como a *fé*, como elemento de alcance da salvação, que é reportada somente como ferramenta na conquista de milagres. No ambiente neopentecostal, a Bíblia Sagrada mantém-se como Palavra de Deus, mas não como única (*sola scriptura*), dividindo o mesmo espaço com a revelação particular dos líderes neopentecostais.

Por fim, os *Solas* da Reforma protestante, que por muito tempo determinaram o curso do protestantismo na Europa, nos Estados Unidos e aqui no Brasil, atualmente se diluem a cada momento. No Brasil, como visto, estes elementos básicos da fé protestante ainda se manifestam em alguns grupos, e por outro lado, sofrem a ameaça de cederem espaço às inovações neopentecostais.

³⁶³ MAIA, *Fundamentos da Teologia Reformada*, p.30.

³⁶⁴ ANDRADE, *Dicionário Teológico*, p.82.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Claudionor Corrêa de. *Dicionário Teológico*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

CAIRNS, Earle E. *O cristianismo através dos séculos, uma história da igreja cristã*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2009.

COSTA, Rovílio. *O pentecostalismo e o culto do divino na atualidade*. Teocomunicações. Porto Alegre. v.37. n.158. dez. 2007.

BARTZ, Alessandro; BOBSIN, Oneide; SINNER, Rudolf von, Mobilidade religiosa no Brasil – conversão ou trânsito religioso? I Congresso Internacional da Faculdades EST, 2012.

BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

BLEDSOE, David Allen. *Movimento Neopentecostal Brasileiro: IURD: um estudo de caso*. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2012.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*, Almeida revista e corrigida. 2 ed. Santo André: Geográfica Editora e Central Gospel, 2009.

BOBSIN, Oneide et ali (org.). *Uma Religião Chamada Brasil*. 2. ed. São Leopoldo: Oikos; Faculdades EST, 2012.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As Origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: Observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, p. 100-115, setembro/novembro 2005.

CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*. 8. ed. São Paulo: Hagnos, 2006.

COLLINS, Kenneth J. *Teologia de John Wesley*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

COMUNIDADE EVANGÉLICA SARA A NOSSA TERRA. Disponível em:
<http://www.saranossaterra.com.br/historia-da-sara> Acesso em 05 de novembro de 2015.

CORREA, Marina Aparecida O. dos Santos. *Assembléia de Deus: ministérios, carisma e exercício de poder*. 1. ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

DIAS, Zwinglio Mota; RODRIGUES, Elisa; PORTELLA, Rodrigo (Orgs). *Protestantes, evangélicos e (neo)pentecostais: História, teologias, igrejas e perspectivas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

DIAS, Zwinglio Mota, (org). *Memórias ecumênicas protestantes – Os protestantes e a Ditadura: colaboração e resistência*. Rio de Janeiro: KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, 2014.

DREHER, Martin N. DREHER, *A história do povo de Jesus: uma leitura latino-americana*. 1. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

FERNANDO, Ajith. *A supremacia de Cristo: conhecendo o único caminho*. São Paulo: Shedd Publicações, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FILHO, João de Souza. *Breve ensaio da análise da igreja brasileira e as perspectivas futuras: período 1960-2008*. Disponível em:
<http://www.pastorjoaodesouza.com.br/123/?p=149> Acesso em 28 de outubro de 2015.

GEISLER, Norman L. *Enciclopédia de Apologética, respostas aos críticos da fé cristã*. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 2002.

_____. *Não tenho fé suficiente para ser ateu*. São Paulo: Editora Vida, 2006.

_____. *Teologia Sistemática*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

_____. (org.) *A inerrância da Bíblia: uma sólida defesa da infabilidade das Escrituras*. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 2007.

GONZÁLES, Justo L. *Dicionário Ilustrado dos Intérpretes a Fé*. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2008.

_____. *História ilustrada do Cristianismo*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.

GRUDEN, Wayne. *Teologia sistemática: atual e exhaustiva*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2010.

HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001.

HORTON, Stanley M. (Ed.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

IGREJA APOSTÓLICA RENASCER EM CRISTO. Disponível em:

<http://renasceremcristo.com.br/renascer/#.VjjsGStCzKA> . Acesso em 03 de novembro de 2015.

IGREJA CRISTÃ MARANATA. Disponível em:

<http://www.igrejacristamaranata.org.br/?p=4110> Acesso em 27 de outubro de 2015.

IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE DEUS. *Harpa Cristã*. Disponível em:

<http://harpadigital.jimdo.com/%C3%ADndice/015-convers%C3%A3o/> Acesso em 25 de novembro de 2015.

IGREJA METODISTA WELEYANA. Disponível em:

[http://www.imw-
<aeroportoavelho.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1&Itemid=
20](http://www.imw-aeroportoavelho.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1&Itemid=20) Acesso em 27 de outubro de 2015.

IGREJA PENTECOSTAL DEUS É AMOR. Disponível em:

http://www.ipda.com.br/ipda/ipda/historico_ipda.php Acesso em 27 de outubro de 2015.

JUNIOR, Idauro de Oliveira Campo. Nihilismo Eclesiástico: uma análise do movimento dos desigrejados. *Revista Teologia Brasileira*. Disponível em: <http://www.teologiabrasileira.com.br/teologiadet.asp?codigo=390> Acesso em 17 de novembro de 2015.

KNIGHT, A.E; ANGLIN, W. *História do Cristianismo, dos apóstolos do Senhor Jesus ao século XX*. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

LOPES, Augustus Nicodemus. *A favor de Cristo e contra a Marcha Para Jesus*. Disponível em: < <http://www.presbiterianaserranegra.com.br/materia.asp?MatId=45>> Acesso em 03 de novembro de 2015.

_____. O dilema do método histórico-crítico na interpretação bíblica. *Fides Reformata X*, nº 1 (2005): 115-138.

_____. *O liberalismo teológico*. disponível em:

<http://votemosaoevangelho.com/blog/2014/10/o-perigo-da-teologia-liberal/> Acesso em: 06/01/2016.

LUTERO, Martinho. *A liberdade do cristão*. São Paulo: Editora Escala.

MAIA, Hermisten. *Fundamentos da Teologia Reformada*. 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. Os neopentecostais e a teologia da prosperidade. *Novos Estudos*. CEBRAP. n. 44, março de 1996

MARIZ, Cecília Loreto. A teologia da batalha espiritual: Uma revisão bibliográfica. *BIB*, Rio de Janeiro, nº 47, 1º semestre de 1999, pp.33-48.

MARTINS, Jaziel Guerreiro. *Seitas: heresias do nosso tempo*. Curitiba: AD Santos, 2000.

MATOS, Alderi Souza de. *O primeiro culto protestante no Brasil*. Disponível em: Portal Mackenzie - <http://www.mackenzie.br/6999.html> Acesso em 23 de outubro de 2015.

_____. Não deixemos de congregarmos: enfrentando o problema da evasão de membros. *Fides Reformata* XIX, n. 1 (2014). Disponível em: http://cpaj.mackenzie.br/fidesreformata/arquivos/edicao_35/artigos/249.pdf Acesso em 17 de novembro de 2015.

MCGRATH, Aliester E. *Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica*. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

MEISTER, Mauro. Igreja Emergente, a Igreja do pós-modernismo? Uma avaliação provisória. *Fides Reformata* XI, n. 1 (2006): 95-112. Disponível em http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_XI_2006_1/mauro.pdf Acesso em 17 de novembro de 2015.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *Revista USP*, n. 67, p.48-67, São Paulo, setembro/novembro 2005.

MENDONÇA, Emílio Zambon de. *Igreja Pentecostal "Deus é Amor": origens, características e expansão*. 2009, 103 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da

Religiã) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009.

OLSON, Roger E. *História da Teologia Cristã. 2000 anos de tradição e reformas*. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 2001.

_____. *História das controvérsias na teologia cristã: 2000 anos de unidade e diversidade*. 1. ed. São Paulo. Editora Vida, 2004.

PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia Sistemática*. Santo André: Editora Academia Cristã; Paulus, 2009.

RABELLO, Sila D. *História da Igreja do Nazareno*. Disponível em: http://www.nazarenopaulista.com.br/estudos/Historia_Nazareno.pdf Acesso em 23 de outubro de 2015.

RABUSKE, Irineu José *et al.* Evangélicos brasileiros: Quem são, de onde vieram e no que acreditam? *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano IV, n. 12, janeiro 2012.

REILY, Duncan Alexander. *História Documental do Protestantismo no Brasil*. 3. ed. São Paulo: ASTE, 2003.

RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto; CUNHA, Danilo da Silva. “Bola de Neve”: Um fenômeno pentecostal contemporâneo. *Horizonte*. V. 10, n. 26, p. 500-521, abr./jun. 2012.

_____. O protestantismo brasileiro: objeto em estudo. *Revista USP*, São Paulo, n. 73, p. 117-129, março/maio 2007.

ROSAS, Nina Gabriela. O desenvolvimento do neopentecostalismo brasileiro: esboços sobre a positividade da experiência religiosa nos dias de hoje. *UFG – Goiânia*. ISBN 978.85.7103.564.5 - Maio de 2009

RYRIE, Charles C. *Teologia Básica ao Alcance de Todos*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

SAWYER, M. James. *Uma Introdução à Teologia, das questões preliminares, da vocação e do labor teológico*. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 2009.

SHEDD, Russel Philip. *Palavra Viva: extraíndo e expondo a mensagem*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2000.

SILVA, Sandra Rosa Campi Guimarães. Protestantismo: surgimento, subdivisões, crescimento no Brasil e sua relação com a política, economia e educação. *Revista da Católica*. v. 1, n. 2, p. 7, 2009.

SILVA, Francisco Jean Carlos da. Pentecostalismo e pós-pentecostalismo. *Revista Eletrônica Inter-Legere*. n.2. julho a dezembro de 2007.

SOARES, Esequias. *Heresias e Modismos: uma análise crítica das sutilizas de satanás*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

STRONG, Augustus Hopkins. *Teologia Sistemática: edição revisada e ampliada*. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2008.

SYNAN, Vinson. *O Século do Espírito Santo*. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 2009.

TILLICH, Paul. *História do Pensamento Cristão*. 5. ed. São Paulo: ASTE, 2015.

_____. *Teologia Sistemática*. 7. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

VAUCHEZ, A. *Cristianismo, Dicionário dos tempos, dos lugares e das figuras*. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

WALKER, John. *A Igreja do Século 20, a História que não foi contada*. 3. ed. São Paulo: Editora dos Clássicos, 2013.

WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WILLIAMS, J. Rodman. *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 2011.

ZILLES, Urbano. *Religiões: crenças e credências*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

_____. *A experiência religiosa e mística*. Porto Alegre: Letra&Vida, 2015.

_____. *História da Teologia Cristã*. Porto Alegre: Letra&Vida, 2014.